

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM AMBIENTE E SOCIEDADE  
CAMPUS SUDOESTE - QUIRINÓPOLIS

RUY CARLOS RABELO FILHO

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÕES NO AMBIENTE URBANO EM  
QUIRINÓPOLIS (GO): um estudo a partir das memórias e percepções dos habitantes  
(2000-2023)**

QUIRINÓPOLIS/GO

2024

RUY CARLOS RABELO FILHO

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÕES NO AMBIENTE URBANO EM  
QUIRINÓPOLIS (GO): um estudo a partir das memórias e percepções dos habitantes  
(2000-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás – Campus Sudoeste – Sede Quirinópolis, como requisito para qualificação à banca final.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Caes.

Linha de Pesquisa: Dinâmicas  
Socioeconômicas e Culturais em Ambientes  
Urbano e Rural.

QUIRINÓPOLIS/GO

2024

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BTD/UEG)

Na qualidade de titular dos direitos de Ruy Carlos Rabelo Filho, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BTD/UEG), regulamentada pela Resolução, **CsA n.1087/2019** sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a **Lei nº 9610/98** e permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade de Ruy Carlos Rabelo Filho.

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO

#### Dados do autor (a)

Nome completo: Ruy Carlos Rabelo Filho  
E-mail: ruycrfilho@gmail.com

#### Dados do trabalho

Título: "HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÕES NO AMBIENTE URBANO EM QUIRINÓPOLIS (GO): um estudo a partir das lembranças e percepções dos habitantes (2000- 2023)"  
Nº de páginas: 102  
Nome orientador(a): André Luiz Caes

#### Tipo de produção

Tese  Dissertação e Produto Técnico Tecnológico (PTT)  
 Dissertação  Tese e Produto Técnico Tecnológico (PTT)

#### Curso / Programa

Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade  
Câmpus / Unidade / Pólo: UEG - Campus Sudoeste - Sede Quirinópolis-Goiás  
Data de defesa: 30/08/2024

### 2. PERMISSÃO DE PUBLICAÇÃO E ACESSO AO DOCUMENTO \*

#### Concorda com a liberação total do documento

SIM  
 NÃO (Neste caso o documento não será publicado por até um ano a partir da data de defesa).

#### Assinalar justificativa para o caso de impedimento e não liberação do documento

Solicitação de registro de patente;  
 Submissão de artigo em revista científica;  
 Publicação como capítulo de livro;  
 Publicação da dissertação/tese em livro.

\* Em caso de não autorização, o período de embargo será de **até um ano** a partir da data de defesa, prorrogável para mais um ano.

\* Em caso de necessidade de dilatação deste prazo, deverá ser apresentado formulário de solicitação para extensão de prazo para publicação, devidamente justificado, junto à coordenação do curso.

\* Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Ciente de que, mesmo em circunstância de embargo da produção para publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, a produção deve ser entregue em sua totalidade para que seja publicada conforme permissões assinaladas.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** RUY CARLOS RABELO FILHO  
Data: 10/02/2025 14:16:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Quirinópolis, 10 de junho de 2024.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANDRE LUIZ CAES  
Data: 10/02/2025 15:06:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Universidade Estadual de Goiás  
Pró-reitora de Graduação  
Coordenação de Programas e Projetos  
Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais – SIBRE  
Biblioteca Campus Sudoeste - Quirinópolis

**Como referenciar:**

RABELO FILHO, Ruy Carlos. **História, memória e transformações no ambiente urbano em Quirinópolis (GO): um estudo a partir das memórias e percepções dos habitantes (2000-2023)**. Orientador: André Luiz Caes. 2024. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, Universidade Estadual de Goiás - UEG, Quirinópolis, 2024. (Linha de pesquisa: Dinâmicas Socioeconômicas e Culturais em Ambientes Urbano e Rural).

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS** - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Elaborada conforme dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R114h	Rabelo Filho, Ruy Carlos. História, memória e transformações no ambiente urbano em Quirinópolis (GO): um estudo a partir das memórias e percepções dos habitantes (2000-2023) / Ruy Carlos Rabelo Filho. - Quirinópolis, 2024. 112 f. Orientador: André Luiz Caes. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade) - Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste - Quirinópolis, Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Ambiente e Sociedade, 2024.  1. História - Quirinópolis. 2. Economia - História. 3. Geografia Humana. 4. Memória - Habitantes. 5. História Oral. I. Caes, André Luiz, (orient.). II. Título. III. Universidade Estadual de Goiás.  CDU – 94+33(817.3Quirinópolis).
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca - SIBRE/UEG  
Bibliotecária: Leusimar Lourenço Abreu – CRB-1/2606.



Câmpus  
Sudoeste  
Quirinópolis



Universidade  
Estadual de Goiás



ESTADO  
DE GOIÁS

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Coordenação do Programa de Mestrado em Ambiente e Sociedade

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE

## RUY CARLOS RABELO FILHO

Aos trinta dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro (30/08/2024), às quatorze horas (14 h), na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis, teve lugar a Sessão Pública de Julgamento da Dissertação de Mestrado de **Ruy Carlos Rabelo Filho**, intitulada “**HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÕES NO AMBIENTE URBANO EM QUIRINÓPOLIS (GO): um estudo a partir das lembranças e percepções dos habitantes (2000-2023)**”. A Banca Examinadora foi composta pelos Professores: **Dr. André Luiz Caes** (Orientador e Presidente da Banca), **Dr. Daniel Precioso** (Membro Externo) e **Dr. Hamilton Afonso de Oliveira** (Membro Interno). Os examinadores arguíram na ordem citada. O(a) mestrando(a) respondeu satisfatoriamente às questões apresentadas. Às 16:00 horas a Banca Examinadora passou ao julgamento, em Sessão Secreta, estabelecendo os seguintes resultados:

**Prof. Dr. André Luiz Caes**



Documento assinado digitalmente

ANDRÉ LUIZ CAES  
Data: 02/09/2024 22:20:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

Aprovado(a) (  ) Reprovado(a) (  )

**Prof. Dr. Daniel Precioso**



Documento assinado digitalmente

DANIEL PRECIOSO  
Data: 03/09/2024 10:51:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

Aprovado(a) (  ) Reprovado(a) (  )

**Prof. Dr. Hamilton Afonso de Oliveira**



Documento assinado digitalmente

HAMILTON AFONSO DE OLIVEIRA  
Data: 03/09/2024 07:59:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

Aprovado(a) (  ) Reprovado(a) (  )

**OBS: O Mestrando deverá entregar a versão final da Dissertação após realizar as revisões e correções sugeridas e apontadas pela Banca examinadora.**

**Presidente da Banca – Prof. Dr. André Luiz Caes**

Documento assinado digitalmente  
 **ANDRE LUIZ CAES**  
Data: 02/09/2024 22:18:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass. \_\_\_\_\_

**Resultado final:** APROVADO(A) (  ) REPROVADO(A) (  )

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente Ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora, Mestrando(a) examinado(a) e pelo Coordenador do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade.

Documento assinado digitalmente  
 **RUY CARLOS RABELO FILHO**  
Data: 02/01/2025 10:24:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mestrando(a): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
 **ISA LUCIA DE MORAIS**  
Data: 02/01/2025 10:52:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coordenador(a): \_\_\_\_\_

**Obs: O(a) aluno(a), sob a supervisão do orientador, deverá encaminhar, no prazo de até 60 dias, a contar da data da Defesa Pública, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento e devidos encaminhamentos.**

## AGRADECIMENTOS

Na realização da presente dissertação, contei com o apoio direto ou indireto de muitas pessoas e instituições as quais estou profundamente grato. Quero deixar expresso meus agradecimentos:

Ao orientador professor Dr. André Luiz Caes, pela sua disponibilidade, dedicação, paciência, orientação, pelo apoio na elaboração desta pesquisa e por sua amizade.

Não poderia deixar de agradecer aos professores doutores Daniel Precioso e Hamilton Afonso de Oliveira pelas fundamentais contribuições para a conclusão deste estudo.

A todos os amigos, colegas e familiares que de forma direta ou indireta prestaram seu apoio na elaboração do presente estudo.

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás, o Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (PPGAS), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de Bolsa de Pesquisa, e a todos os profissionais envolvidos.

Agradeço a minha esposa Erilane Soares da Silva por ter caminhado ao meu lado, pela sua paciência, compreensão e ajuda prestada durante a elaboração da presente dissertação.

Agradeço também a todos aqueles que se dispuseram a contribuir com este estudo seja enquanto participantes entrevistados ou indicando fontes de pesquisa em História, sem a colaboração de vocês este estudo não seria possível.

Por isso, muito obrigado a todos!

## ÍNDICE DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1: Fotografia da Igreja Velha Matriz de Quirinópolis - GO na década de 1920	39
Figura 2: Transporte utilizado pela família Pascoal em julho de 1961	41
Figura 3: Trabalhadores ensacando grãos / Trabalhadores operando maquinário s/d	42
Figura 4: Obras de construção do Mtadouro Municipal - 1971	47
Figura 5: Antigo terminal rodoviário de Quirinópolis - GO	53
Figura 6: Cavalgada realizada em Quirinópolis - GO	54
Figura 7: Memorial à Chica Doida	56
Figura 8: Vista aérea do antigo prédio da FECLQ e ao seu lado o Palácio da cultura Sodino Vieira de Carvalho	63
Figura 9: Pavimentação da avenida Brasil em Quirinópolis (GO) - 1969	65
Figura 10: Instalação de manilhas na Av. da saudade em frente ao Cemitério de Quirinópolis (GO) - s/d	66
Figura 11: Antiga sede da prefeitura municipal de Quirinópolis, Goiás - s/d	69
Figura 12: Construção da Escola Municipal Canaã - 1966	74
Figura 13: Colégio Estadual Independência ainda sem muros - 1973	75
Figura 14: Antiga Gameleira localizada próxima a entrada de Quirinópolis (GO) - 2022	89
Figura 15: Praça Coronel Jacintho Onório/Fonte Luminosa - 2024	90
Figura 16: Museu Histórico de Quirinópolis - 2023	91
Figura 17: Evento beneficente no Estádio Municipal Bichinho Vieira - década de 1980	92
Figura 18: Escola Ricardo Campos - década de 1960	93

### MAPAS

MAPA 1: Localização de Quirinópolis (GO)	35
MAPA 2: Bacia hidrográfica do Rio Paranaíba	36
MAPA 3: Diferença da ocupação urbana em Quirinópolis - GO, 2000 - 2022	50

### TABELAS

Tabela 1: Área ocupada (ha) do município de Quirinópolis, 2000 - 2010	48
Tabela 2: Área ocupada em Km <sup>2</sup> no município de Quirinópolis - GO, 2011 - 2022	48
Tabela 3: Crescimento urbano no município de Quirinópolis, 2000 - 2022	50
Tabela 4: Perfil dos Participantes entrevistados	59

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo principal refletir sobre as transformações produzidas pelo desenvolvimento econômico na cidade de Quirinópolis (GO) a partir das memórias dos habitantes que residem na localidade pelo menos desde o início do século XXI. Para alcançar esse objetivo foram desenvolvidos três capítulos: o primeiro retratando a História de Quirinópolis a partir dos estudos acadêmicos sobre a cidade e das obras de memorialistas que escreveram sobre a cidade; o segundo realizando uma reflexão sobre os fundamentos da História das Cidades enquanto abordagem fundada nas ciências histórica e geográfica, visando a compreensão da importância de se trabalhar com as memórias de todas as cidades; e o terceiro partindo das memórias dos habitantes da cidade para compreender as transformações em Quirinópolis e o impacto na história e na memória da cidade. Ao final, pretende-se que o trabalho constitua uma contribuição significativa não apenas para a história da cidade de Quirinópolis, mas para as reflexões acadêmicas que se dedicam à compreensão das dinâmicas que marcam as muitas pequenas e médias localidades no interior do Brasil.

**Palavras-chave:** História; Cidade; Memória; Quirinópolis.

## ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to reflect on the transformations produced by economic development in the city of Quirinópolis (GO) based on the memories of the inhabitants who have lived in the locality since at least the beginning of the 21st century. To achieve this objective, three chapters were developed: the first portraying the History of Quirinópolis based on academic studies on the city and the works of memoirists who wrote about the city; the second reflecting on the foundations of the History of Cities as an approach based on historical and geographic sciences, aiming to understand the importance of working with the memories of all cities; and the third starting from the memories of the city's inhabitants to understand the transformations in Quirinópolis and the impact on the city's history and memory. In the end, it is intended that the work constitutes a significant contribution not only to the history of the city of Quirinópolis, but to academic reflections dedicated to understanding the dynamics that mark the many small and medium-sized locations in the interior of Brazil.

**Keywords:** History; City; Memory; Quirinópolis.

## Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DAS CIDADES COMO ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR: AS PEQUENAS CIDADES NA PERSPECTIVA DA MEMÓRIA, DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E NO AMBIENTE	19
1.1. As cidades na História e as diversas possibilidades de estudo das suas características	20
1.1.1. A leitura da cidade a partir das formas de ocupação e da organização do espaço	22
1.1.2. As cidades no Brasil: história e memória	25
CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DE QUIRINÓPOLIS EM DIVERSAS NARRATIVAS: um diálogo sobre as obras “Mãos e olhares diferentes” e os estudos acadêmicos existentes sobre a cidade	34
2.1. Contextos histórico: do povoamento à emancipação enquanto município	38
2.2 Famílias	43
2.2.1. Migração japonesa para o município de Quirinópolis - GO	46
2.3. Desenvolvimento econômico	48
2.4. Memórias e narrativas em Quirinópolis a partir das bibliografias: aspectos da cidade	53
2.5. Práticas culturais identitárias	57
2.6. Tradição culinária como expressão da cultura do milho e tradição de uso das ervas	58
CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM QUIRINÓPOLIS (GO): narrativas que transitam entre o passado e o presente.	62
3.1. Os participantes da pesquisa	62
3.1.1. Participante A	63
3.1.2. Participante E	64
3.1.3. Participante H	64
3.1.4. Participante I	65
3.1.5. Participante G	65
3.2. Narrativas: entre o passado e o presente	66
3.2.1. Infraestrutura	67
3.2.2. Comércio urbano	70
3.2.3. Transporte e deslocamento	73

	12
3.2.4 Escolas e Colégios	76
3.3.2. Lembranças do trabalho	80
3.3. Percepção: segurança pública	87
3.4. O lazer e a cultura	88
3.5. Paisagens e lugares de Memórias	92
Considerações Finais	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	102
Apêndices:	107

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, cujo foco é a cidade de Quirinópolis, localizada no Sudoeste do Estado de Goiás, se insere numa área específica dos estudos históricos: a história das cidades ou “história cultural do urbano”, como propôs Sandra Pesavento (2005, p. 10). Entretanto, dada a natureza interdisciplinar desse objeto de pesquisa, que é a cidade e suas transformações na história, a proposta também se relaciona com os estudos da Geografia, lançando o olhar sobre a organização do espaço urbano e sobre a participação humana nas configurações e reconfigurações desse espaço.

A cidade, como um elemento fundamental da sociedade humana, está presente na história desde o surgimento das primeiras civilizações, com sua forma originária nos primórdios da civilização mesopotâmica, há pelo menos 5 mil anos, quando surgiram as cidades-estados sumerianas (Cardoso, 1988). Devido a essa longevidade da existência dos núcleos urbanos, a história das cidades acompanha essa longa trajetória, sendo natural a existência dos registros escritos ou materiais (arqueológicos) da existência dessas localidades no tempo e no espaço.

A partir da segunda metade do século XIX, com a consolidação da História e da Geografia como campos específicos de conhecimento – assim como outras áreas como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, etc. – o interesse sobre as cidades se acentua com o aprofundamento cada vez maior das pesquisas e análises sobre suas múltiplas funções e transformações nos contextos históricos e espaciais do passado e do presente.

A aceleração da urbanização a partir da Revolução Industrial e da consolidação do sistema capitalista por todo o planeta, colocou as cidades em geral (grandes, médias e pequenas) no centro da vida política, econômica, social e cultural de todos os territórios e regiões (conceitos que trabalhamos no primeiro capítulo), processo que ainda vem ocorrendo, devido ao avanço gradativo da globalização até as últimas áreas da Terra onde ainda há grande número de pessoas vivendo em áreas rurais.

Nas últimas décadas, o interesse pela história das cidades aumentou proporcionalmente às transformações do sistema capitalista globalizado, instigando investigações sobre o passado de um número cada vez maior de núcleos urbanos, pois todos os lugares de memória e de identidade das populações que vivem nesses locais, estão sendo transformados ou mesmo destruídos pelas exigências da modernização e pelos imperativos do processo produtivo e dos negócios.

Esse interesse não recai mais somente sobre as chamadas “cidades históricas” ou sobre as grandes cidades, mas se volta para todas as localidades, também as mais interioranas, à medida que estas também estão testemunhando transformações em seus lugares e em sua memória, devido à reconfiguração do espaço urbano, e também do espaço rural que envolve as cidades, promovida pelas intervenções do sistema econômico que se impõe cada vez mais.

É a partir dessa perspectiva do estudo das cidades que esta pesquisa se orientou, e buscou realizar uma abordagem qualitativa, utilizando as concepções da História das Cidades, da História Oral, mas também da Geografia, para identificar nas memórias individuais e coletivas, as diferentes narrativas dos participantes da pesquisa inseridos no contexto local sobre o processo de desenvolvimento e transformação do núcleo urbano do município de Quirinópolis-GO.

Segundo Toledo e Shiaishi (2009) o uso de método de pesquisa é necessário para “encontrar respostas ou soluções aos problemas por meio de uma investigação organizada, crítica, sistemática, científica e baseada em dados observados” (p. 104). Portanto, o papel da metodologia em um trabalho acadêmico “é guiar o processo da pesquisa por meio de um sistema dos procedimentos” (Toledo e Shiaishi, 2009, p. 104).

Tendo como base essa perspectiva, a pesquisa realizada nesta dissertação seguiu três caminhos metodológicos: o da pesquisa exploratória, o do uso das entrevistas conforme os procedimentos da história oral, e o da análise qualitativa. A pesquisa exploratória se deu pela leitura e reflexão das obras acadêmicas e da literatura existente sobre a história de Quirinópolis, assim como sobre a bibliografia que fundamenta a abordagem da História das Cidades.

Nesse sentido, buscamos realizar, no primeiro e no segundo capítulos, reflexões que possibilitam uma conexão, por um lado, entre os questionamentos e as problematizações que a história das cidades procura trazer para o aprofundamento dos aspectos culturais e históricos que as transformações na paisagem urbana produzem nas cidades e em seus habitantes, e, por outro, a história já existente da cidade de Quirinópolis, que foi construída tanto pelos trabalhos dos memorialistas quanto pelos estudos dos intelectuais que buscaram realizar pesquisas acadêmicas sobre o passado da cidade, seus eventos, sua cultura e suas mudanças ao longo do tempo.

A história divulgada de Quirinópolis, encontrada em portais de instituições públicas como o site oficial da Prefeitura Municipal de Quirinópolis-GO (Quirinópolis, 2022), na plataforma online do IBGE – Cidades (Brasil, 2022), além do portal SIGA Saúde Goiás (Goiás,

2022), se estrutura numa perspectiva historiográfica tradicional, que muito valoriza mitos fundadores, grandes personagens e marcos temporais estabelecidos nos documentos escritos.

No contexto desta pesquisa, entende-se por história oficial, a construção de uma trajetória de mito fundador, na qual personagens históricos, preferencialmente pertencentes às elites econômicas e intelectuais, são considerados como “fazedores da história”, de maneira a excluir desta construção a participação dos trabalhadores em geral e os componentes populares da cultura local<sup>1</sup>.

Entretanto, Quirinópolis é uma cidade que não teve apenas uma versão de história oficial, mas também foi objeto de estudos e análises mais amplas que fundamentaram, tanto obras acadêmicas materializadas em Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, como uma coleção de obras literárias redigidas por intelectuais do município, que busca contar essa história por meio de interpretações de variados autores e diversas perspectivas.

Dentre tais obras literárias, destacamos a coleção *Mãos e Olhares Diferentes* (publicadas em 2010, 2012, 2014, 2017 e 2020), organizada por Maria da Felicidade Alves Urzedo, a qual já se encontra em sua 5ª edição publicada e atualizada. Apesar de seu valor como obras que preservam parte importante da memória da cidade de Quirinópolis, esses trabalhos ecléticos que reúnem desde textos acadêmicos até relatos e narrativas de moradores, não contemplam de forma homogênea o rigor científico, deixando em aberto lacunas na história e na reflexão histórica sobre aspectos importantes das transformações que ocorreram e ocorrem na cidade.

Assim, a partir da valorização dessas abordagens sobre a história de Quirinópolis, mas também das lacunas encontradas nesses trabalhos, e com a perspectiva de refletir sobre essa história com base nos pressupostos e problematizações da atual abordagem histórica sobre as cidades, esta pesquisa realizou uma investigação sobre a memória dos moradores da cidade, com aporte dos procedimentos da História Oral, inter-relacionando-a com as transformações que vêm ocorrendo no ambiente urbano da cidade nas últimas décadas, o que vem ocasionando transformações gradativas dos referenciais identitários da população quirinopolina.

A parte principal da pesquisa, foi fundamentada nos procedimentos metodológicos da História Oral, realizada a partir da submissão do Projeto na Plataforma Brasil, com a consequente avaliação pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás

---

<sup>1</sup> Nossa perspectiva se fundamenta em Souza (2004, p.5): A ‘historiografia oficial diz respeito a uma determinada leitura sobre as práticas sociais estabelecidas no país, entretanto, ela foi construída amparada por um referencial teórico e metodológico comprometido com a manutenção do status quo e com a interpretação factual e determinista do contexto sócio-histórico’.

(UEG). Com a aprovação por parte do comitê de ética, foi realizado o recrutamento dos participantes da pesquisa através do uso de redes de comunicação via internet. O convite para participação foi disponibilizado nas redes sociais Facebook e Whatsapp, as quais possuem atualmente um grande número de pessoas logadas, o que possibilitou o suporte necessário para alcançar a amostra de entrevistas com participantes que vivem na cidade de Quirinópolis desde seu nascimento e participantes que conheceram a cidade de Quirinópolis durante as grandes transformações ocorridas em seus espaços urbanos e rurais.

A ferramenta utilizada para seleção dos participantes da pesquisa foi o Google Formulários, ferramenta gratuita do Google e de fácil acesso, na qual foi necessário apenas que o(a)s participante(s) interessado(a)s em colaborar com a pesquisa acessassem o link para serem direcionado(a)s ao campo de preenchimento. Estando no campo de preenchimento, o(a)s participantes registraram informações básicas como: nome; idade; e telefone de contato. O registro das respostas deixadas pelos participantes da pesquisa foi armazenado para se traçar o perfil inicial dos participantes.

No total foram 12 participantes entrevistados residentes no município de Quirinópolis, Goiás, com períodos entre 13 a 66 anos de moradia. Dentre os 12 participantes entrevistados, 8 nasceram em Quirinópolis e 4 nasceram em outros municípios dos estados de Minas Gerais (3 participantes) e São Paulo (1 participante). Os participantes entrevistados exerciam no período em que foram entrevistados, diferentes profissões e possuíam diferentes níveis de escolaridade.

Para a fundamentação teórica e metodológica da aplicação dos procedimentos da História Oral, selecionamos um conjunto de bibliografias que possibilitaram a realização da pesquisa e reflexão sobre os conteúdos das entrevistas em diversas perspectivas.

Mas afinal, por que foi necessário usar a metodologia da História Oral nesta pesquisa? Essa é, de acordo com Meihy e Holanda (2015) a pergunta fundamental a se fazer antes de se colocar em prática a pesquisa de campo. A oralidade não é a única fonte da História Oral, músicas ou mesmo entrevistas em programas de rádio e televisão, por exemplo, são ótimas fontes de pesquisa dado o contexto no qual serão utilizadas. (Meihy; Holanda. 2015). Nas palavras dos autores supracitados: “Ao assumir-se como manifestação contemporânea, a história oral mantém vínculo inevitável com o imediato e isso obriga reconhecer o enlace da memória com modos de narrar” (Meihy; Holanda. 2015. p. 14).

Neste sentido pode-se considerar que as narrativas construídas pelos entrevistados, dotadas de intencionalidades conscientes ou não, estão diretamente ligadas ao que os participantes entrevistados de uma pesquisa em História Oral vivenciaram ao longo de suas

vidas e das memórias e emoções que estas podem trazer à tona durante o processo de entrevista. Nas palavras de Montenegro (2007, p. 3): “Dessa forma, do ponto de vista teórico, os depoimentos orais caracterizam-se como parte dos recursos documentais a que o historiador pode recorrer, para ampliar o debate historiográfico e o recorte temático do seu objeto de estudo”.

Buscando ouvir aqueles que aceitaram ser ouvidos, esta pesquisa busca não se limitar às fontes documentais já utilizadas por outros pesquisadores, levando em consideração, é claro, que sem o árduo trabalho dos pesquisadores antecessores, essa pesquisa não seria possível.

Assim, as narrativas dos participantes entrevistados nesta pesquisa não foram consideradas história por si próprias, mas sim como novas fontes a serem analisadas com o rigor do método. Essa pesquisa buscou, utilizando-se da metodologia da História Oral, olhar por um outro ângulo a história de Quirinópolis e de seus lugares de memórias, onde os habitantes vivem, sentem e são protagonistas de suas próprias histórias sem deixar de fazer parte do todo.

As bibliografias que utilizamos para refletir sobre as entrevistas apresentam diferentes abordagens sobre os aspectos práticos e teóricos da História Oral, contendo também estudos de caso, fato que possibilitou que os procedimentos utilizados nesta pesquisa corressem de forma correta e eficaz para o propósito da pesquisa.

Os conteúdos dessas entrevistas foram analisados a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa que, como propõe Vernaglia (s.d.), objetiva conhecer o modo como as pessoas se relacionam com o seu mundo cotidiano, trabalhando com as aspirações, crenças, valores e atitudes dos indivíduos, realizando descrições, comparações e interpretações sobre os dados coletados. Nesse sentido, o conjunto de entrevistas realizadas ofereceram um conteúdo significativo de informações, memórias e percepções para as reflexões qualitativas e baseadas nos referenciais teóricos apontados ao longo desta dissertação.

Tomamos como delimitação da pesquisa o período do atual século XXI, portanto, entre o ano 2000 e o ano de 2023 (no qual a pesquisa de campo foi realizada), pelo fato de que as alterações ocorridas na cidade e na própria região nesses anos foram aceleradas e significativas para a história local. Motivadas especialmente pela ampliação da presença do agronegócio, especialmente a agroindústria sucroalcooleira, nas terras que formam o município, essas mudanças transformaram os mais variados elementos que compõem a vida cotidiana em Quirinópolis.

Entendemos que foi possível, com os resultados alcançados neste trabalho, contribuir com a história e a memória da cidade de Quirinópolis sob a ótica da história cultural da cidade, ampliando as abordagens da cidade a partir dessa área de estudos, mas também colaborando para a preservação da memória e das identidades atuais da cidade e para o conhecimento das futuras gerações, levando em consideração as constantes transformações que ocorreram, estão ocorrendo e que ainda vão ocorrer em Quirinópolis.

No projeto inicial, a hipótese central desta pesquisa foi que a memória e a identidade das pessoas que já vivem na cidade de Quirinópolis há, pelo menos, duas ou três décadas está se descaracterizando juntamente com as transformações que vêm acontecendo no ambiente urbano e no entorno da cidade, fato motivado pela dinâmica das intervenções ocorridas nos espaços que representam a memória local, intervenções essas que produzem o esquecimento do que é significativo para a história local e do que é significativo para a identidade dos habitantes mais antigos.

Esta hipótese, para nossa proposta de pesquisa, evidencia a importância de se trabalhar academicamente a memória e a história da cidade. Entretanto, durante a realização da pesquisa, constatamos que as memórias dos moradores que vivem em Quirinópolis nas últimas décadas, e que presenciaram as transformações na cidade durante o século XXI, ainda consideram relevantes os marcos do passado quirinopolino e os valorizam, mesmo quando esses marcos já não tenham a mesma importância que um dia tiveram. Ao mesmo tempo, os entrevistados mostraram uma grande capacidade de observação do processo de mudanças que ocorreu na cidade e do modo como esse processo afetou a vida dos habitantes.

Ao final do trabalho de pesquisa e de análise qualitativa das entrevistas, percebemos que as memórias e transformações da cidade de Quirinópolis, tanto as registradas nas obras de memorialistas e de intelectuais que escreveram sobre a cidade, quanto as dos entrevistados que nos confiaram suas lembranças, indicam a importância da abordagem cultural das cidades, dentro da perspectiva que foi mostrada no primeiro capítulo. Adotar um conjunto de histórias, memórias, análises e reflexões sobre o passado da cidade, possibilita que este passado seja rememorado em toda a sua riqueza, a partir de perspectivas diferentes e que se complementam.

É o que buscamos fazer nesta dissertação, que está dividida em três capítulos, sendo que, no primeiro, intitulado *A história das cidades como abordagem interdisciplinar: as pequenas cidades na perspectiva da memória, das transformações urbanas e no ambiente*, procuramos apresentar as reflexões que fizemos a partir das leituras sobre essa área da pesquisa histórica.

Assim, partimos da noção básica de que cada cidade, em qualquer lugar do planeta em que tenha surgido, tem sua história particular, que foi determinada pelas condições específicas do tempo histórico em que surgiu e se desenvolveu, que foi marcada pelas características de seu lugar geográfico, passando pelos processos políticos, econômicos, sociais e culturais de sua época e que sofreu transformações – à medida que sua duração se estendeu no tempo – pelas mudanças nesses mesmos processos.

Com essa visão, entendemos que Quirinópolis está inserida em todos esses tipos de contextos, podendo ser analisada e compreendida por uma diversidade de perspectivas, seja a das mudanças econômicas que produziram a modernização e adequação da cidade às novas necessidades da produção e circulação da riqueza, seja pelos aspectos políticos, sociais e culturais que se modificaram juntamente com as novas condições econômicas. Nossa opção foi por realizar essa análise a partir das mudanças nas percepções de seus habitantes sobre as condições de vida na cidade nas últimas décadas, trazendo como foco as questões da memória e da identidade, que são bastante caras aos estudos das cidades na atualidade.

No capítulo 2, intitulado *A história de Quirinópolis em diversas narrativas: um diálogo sobre as obras “Mãos e olhares diferentes” e os estudos acadêmicos existentes sobre a cidade*, nosso objetivo foi lançar um olhar amplo sobre a história da cidade de Quirinópolis a partir de todas as bibliografias que encontramos e que abordam essa história em múltiplas visões. Assim, procuramos analisar e refletir sobre o passado da cidade e a forma como ele foi construído pelos que escreveram sobre ele, buscando apresentar um quadro dos lugares e dos acontecimentos vividos pela população, tanto no passado como nas últimas décadas de transformações. Esse quadro nos possibilita compreender o que é trazido como conteúdo nas entrevistas realizadas, à medida que os entrevistados falam dessa história e das transformações que observaram.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado *Memórias das transformações urbanas em Quirinópolis (GO): narrativas de sujeitos inseridos na construção da história da cidade*, apresentamos os entrevistados, trechos de suas entrevistas e as análises e reflexões que fizemos sobre suas palavras. Nesta experiência, ficou claro que a população (representada por esses entrevistados) ainda lembra a história da cidade, ainda valoriza seus lugares de memória e ainda se emociona com as recordações que são suscitadas quando são instigados a lembrar o passado e a descrever as mudanças que viram e vivenciaram.

Suas memórias agora fazem parte da história da cidade de Quirinópolis e contribuem para o conhecimento do passado e o reconhecimento do valor desse passado.

## **CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DAS CIDADES COMO ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR: AS PEQUENAS CIDADES NA PERSPECTIVA DA MEMÓRIA, DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E NO AMBIENTE**

As cidades são construções essenciais das civilizações humanas na história. Desde a mais longínqua antiguidade, as aglomerações urbanas se tornaram centros de poder político, econômico, militar e cultural / religioso, espalhando sua influência e dominação por territórios mais ou menos extensos, mas sempre desempenhando um papel significativo nos contextos históricos em que estiveram inseridas, enquanto mantiveram sua vitalidade (pois muitas desapareceram no tempo).

Os poderes e a pujança das cidades desde o passado mais distante sempre foram objeto de escritos e reflexões dos pensadores que se dedicaram a registrar suas percepções sobre os eventos históricos que presenciaram ou dos quais puderam se informar e analisar a partir da ótica do tempo em que escreveram. Foi por meio desses escritos, das pesquisas arqueológicas e das demais fontes históricas que se constituiu um campo de pesquisa específico sobre a História das cidades. Essas referências às cidades no passado podem ser detalhadamente conferidas na obra *A cidade antiga* de Fustel de Coulanges (1961), um estudo clássico sobre as cidades publicado originalmente em 1864.

Esse campo de estudo se consolidou já no final do século XIX, com a expansão dos estudos históricos, geográficos, antropológicos e sociológicos dedicados à busca pela compreensão das radicais transformações nas sociedades humanas advindas do processo de industrialização que foi se espalhando pelas nações e produziu uma acelerada urbanização onde foi ocorrendo. A partir desse período as cidades foram se tornando, aos poucos, mas definitivamente, o centro da vida da maioria dos seres humanos, que foram se deslocando das áreas rurais para os núcleos urbanos.

Esse processo é assim definido por Ruben Oliven:

Pode-se considerar a cidade como um *locus* que — por razões sociais, econômicas e históricas — se constitui no centro de convergência de processos e interesses das mais variadas ordens. Um importante dado histórico que reforça este argumento é que a partir da Revolução Industrial, com o desenvolvimento de um modo de produção capitalista, o poder se desloca cada vez mais do campo à cidade. Assim, influências urbanas progressivamente permeiam o campo e não mais o inverso como ocorria anteriormente. (Oliven, 2010, p. 12)

Durante todo o século XX estudos sobre as cidades continuaram a ser realizados, gerando muitos debates significativos, especialmente em relação às questões ligadas à preservação dos patrimônios históricos materializados em construções que desafiavam os

imperativos da modernização capitalista. Não é necessário debater essas questões em nosso texto, mas esse processo pode ser conhecido por meio de obras como a de Françoise Choay *A alegoria do Patrimônio* (2001, primeira edição francesa de 1992). Nosso interesse principal é mostrar, mesmo que limitadamente, que o estudo das cidades se tornou central para a preservação da memória e da identidade dos núcleos urbanos, que estão ameaçados pelas transformações que são geradas pelo sistema capitalista e os imperativos da modernização econômica, do processo produtivo e dos negócios.

Hoje o interesse da História das cidades não se direciona apenas às cidades mais antigas e com patrimônios históricos já consagrados ou para as localidades que vem sendo valorizadas pela própria ação do sistema econômico que dirige a atenção das pessoas em geral e dos turistas em particular para os mais diversos tipos de atrações culturais ou naturais, que mobilizam atividades econômicas. As cidades em geral, cujas transformações urbanas e no entorno estão se tornando ameaças à preservação da memória e da identidade locais, hoje são objetos de estudos importantes para a compreensão dos modos de vida e das histórias locais.

Quirinópolis, localizada no Sudoeste do Estado de Goiás é nosso objeto específico de estudo, e também vem enfrentando esses mesmos desafios, fato que estimula um estudo sobre as transformações que vem sofrendo. Mas vamos refletir primeiramente sobre alguns fundamentos da História das Cidades, para depois podermos analisar com maior profundidade as questões próprias desta localidade.

### 1.1. As cidades na História e as diversas possibilidades de estudo das suas características

Desde sua origem há pelo menos 5 mil anos, a cidade se caracteriza por uma nova relação entre a sociedade humana e a natureza, e essa relação continua a se transformar até os dias atuais<sup>2</sup>. Na perspectiva apontada por Raquel Rolnik:

Desde sua origem, como local cerimonial, é na cidade que se localizam os templos, onde moram os deuses capazes de garantir o domínio sobre o território e a possibilidade de gestão da vida coletiva. Centro e expressão de domínio sobre um território, sede do poder e da administração, lugar da produção de mitos e símbolos – não estariam estas características ainda presentes nas metrópoles contemporâneas? (Rolnik, 2004, p. 8)

---

<sup>2</sup> As atuais tragédias ambientais e humanas que se abatem sobre as cidades no Brasil e no mundo, produzidas pelos fenômenos da natureza (chuvas torrenciais que causam enchentes, terremotos, erupções vulcânicas, etc.) evidenciam que a relação cidade/natureza continua a ser alterada devido às condições de cada período histórico.

Tendo surgido a partir de seu significado como local especial, no qual os deuses locais eram cultuados, a cidade foi constantemente ampliada em suas características e importância pela presença dos principais símbolos de poder de cada povo que as criou. Esse destaque das cidades por seus símbolos de poder político, econômico, militar e religioso, foi constante durante a história das sociedades, tendo as cidades das diversas grandes civilizações do passado se tornado modelos admirados, seja de beleza arquitetônica, de grandiosidade de seu poder (as cidades imperiais), de notoriedade pela concentração de grandes sábios, ou ainda pela pujança de seus mercados, se constituindo como marcos dos períodos históricos em que estavam em evidência.

Se focarmos na história do Brasil, vale a pena destacar aqui, em sintonia com a argumentação de Rolnik, a abordagem que Sérgio da Mata realizou em seu trabalho *Chão de Deus: catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil. Séculos XVIII-XIX* (2002). Nesta obra, o autor demonstra como, no Brasil, a proto-urbanização e também a ampliação desse processo de surgimento e desenvolvimento de vida urbana, esteve ligada à sacralização do espaço e à criação das condições para a integração do território, com os diversos poderes se relacionando nesse movimento de instalação dos núcleos urbanos. Vamos dialogar com as reflexões de Sérgio da Mata durante nossa abordagem sobre Quirinópolis (GO).

Enfocando os dias atuais, percebemos como as grandes, médias e pequenas cidades se tornaram globalmente os locais da vida da maioria dos seres humanos, e podemos afirmar que muitas características que antes eram peculiares aos centros urbanos mais poderosos, foram se regionalizando, tornando cada núcleo urbano que tenha algum destaque regional, um centro de atração dos poderes que hoje realizam as transformações em todas as localidades.

As transformações na atuação e no poder desses agentes (da política, da economia, da cultura e da religião) estão relacionadas ao tempo histórico (contexto), ao espaço (a geografia e ambiente natural de cada região) e às condições da vida social (população, tradições, movimentos sociais, etc.), sendo possível acompanhar, pelo estudo das cidades, as trajetórias percorridas por esses poderes e suas ações até se estabelecerem em todos os locais, movidos pela expansão das relações políticas, econômicas e culturais promovidas pela globalização.

Devido a toda essa complexidade derivada da necessidade de compreender as cidades em seus contextos históricos, em suas características geográficas e espaciais, e também as múltiplas possibilidades culturais de constituição da vida social, não se tem, até hoje, uma

definição abrangente o suficiente para abarcar todas as dimensões em que se pode olhar e estudar a cidade.

Vasconcelos (2015) procurou fazer um apanhado geral das tentativas de conceituar a cidade, mas acabou por concluir que não há uma definição que possa abarcar todas as características que se apresentam nas estruturas urbanas, ainda mais se considerarmos sua diversidade de manifestações no tempo histórico e nos espaços localizados em todo o planeta (mesmo que se possa encontrar similaridades e se possa fazer analogias na estruturação dos fenômenos urbanos). Sua conclusão é que:

Para um mundo em que o espaço e as distâncias estão mudando de valor, pode-se perguntar se ainda tem sentido de denominar “cidade” os diversos fenômenos complexos que encontramos em diferentes contextos históricos e geográficos. Devem ser considerados, portanto, os períodos históricos, as localizações geográficas e as formações dos autores. Seria a mesma coisa a cidade medieval com seus muros separando do campo e a metrópole atual sem limites definidos? Seria a mesma coisa a dispersa cidade norte-americana, a concentrada cidade europeia, a desigual cidade brasileira, sem falar das cidades africanas e asiáticas? (Vasconcelos, 2015, p. 22)

Em vista disso, não vamos assumir em nosso trabalho um conceito específico de cidade, mas procuraremos perceber, a partir do diálogo com autores que já abordaram a cidade em seus estudos, as muitas formas como se pode entender atualmente a cidade e como esse entendimento pode ser aplicado na análise e reflexão sobre as transformações do ambiente urbano em Quirinópolis (GO) e como isso impacta na memória dos habitantes que presenciaram e presenciam essas mudanças.

### **1.1.1. A leitura da cidade a partir das formas de ocupação e da organização do espaço**

A cidade se encontra na confluência de muitas questões relevantes que unem a reflexão histórica e a geográfica, ela pode ser compreendida por meio da utilização de conceitos como tempo, espaço, paisagem, território, região, lugar, memória, patrimônio, identidade, imaginário, entre outros, evidenciando a riqueza de perspectivas que a compõem.

Barros (2006) propõe que a História é o estudo dos seres humanos no tempo e no espaço, considerando que as atividades humanas podem ser compreendidas tanto no tempo (em seu sentido amplo), seja ao longo do passado como no presente, assim como devem ser analisadas na interação que é estabelecida com o espaço, ou seja, todos os locais do planeta nos quais os seres humanos interagiram com a natureza e criaram novas realidades modificando a paisagem, dominando o território, fixando fronteiras e produzindo o necessário para estabelecer a vida social.

Para apoiar sua reflexão, o autor cita a proposição de Raffestin:

‘Local’ de possibilidades, [o espaço] é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. (Raffestin, 1993 apud Barros, 2006, p. 473)

Ao agir sobre o espaço, os seres humanos o transformam em território, pois estabelecem um limite ao domínio possível de se estabelecer naquele terreno em determinado contexto histórico. Esta dominação estabelecida se transforma em regiões diferenciadas dentro do território, sendo que os seres humanos, ao ocuparem o território e estabelecerem essas regiões, modificam a paisagem natural, com a construção de suas comunidades e de seus meios de produção e subsistência.

Nas palavras do próprio Barros (2013), podemos ver:

Entre os três conceitos, certamente o de “espaço” é o mais abrangente. Os outros dois – *território* e *região* – oferecem na verdade possibilidades de pensar o *espaço* de uma certa maneira. Conforme logo veremos, o conceito de “território” corresponde ao gesto de fazer com que a noção de espaço seja explicitamente atravessada pela instância política, aqui entendendo o *político* no sentido mais abrangente, que remonta aos múltiplos sentidos que a palavra “poder” pode apresentar, inclusive os micropoderes que perpassam de todas as formas a vida cotidiana e as relações sociais de toda espécie. Já o conceito de “região” envolve a possibilidade e a motivação de recortar o “espaço”, de delimitar neste último um campo de observação de acordo com determinados critérios. (n.p.)

Tempo, espaço, território e região são conceitos acompanhados também pela noção de paisagem, a qual manifesta primariamente as relações que os seres humanos estabelecem com a natureza, depois modificando-a.

Baldin (2021) realiza uma reflexão sobre o conceito de paisagem, mostrando as diversas formas como o mesmo foi tratado por diferentes autores, procurando construir um quadro no qual a paisagem vai desde uma percepção ampla de “tudo que a vista alcança” (Baldin, 2021, p. 2), ou seja, sendo um atributo da visão humana direcionada ao ambiente (o ato de enxergar a natureza ou a cidade, o mundo rural ou o urbano, uma metrópole ou uma vila), até se transformar num atributo da consciência humana, manifestada tanto no olhar analítico do pesquisador que busca a compreensão dos elementos naturais e humanos nas paisagens, refletindo sobre essa interação e seus efeitos, como no olhar empreendedor do poder político e do poder econômico, que vê as possibilidades de dominação e exploração da paisagem.

A paisagem conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro, em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. Entendida como um

produto social e histórico, ela retrata as sociedades que a construíram e a constroem. Portanto, ela não é estática, está em constante transformação. [...] Tendo em vista que a larga maioria das paisagens tende a ser cada vez mais alterada pelas atividades humanas, é premente que as entendamos para podermos elaborar qualquer planejamento que seja sustentável. (Baldin, 2021, p. 8)

Na perspectiva que estamos trabalhando até aqui, é possível apreender por meio da História e da Geografia o modo como os seres humanos durante todo o tempo histórico atuaram sobre os espaços e as paisagens, estabelecendo territórios e regiões dentro de seus padrões de dominação política e econômica, modificando a natureza e construindo suas sociedades em formas cada vez mais complexas e cada vez mais urbanizadas, determinando assim as condições da vida humana e da própria natureza nos períodos da história.

Outra questão que deve ser apreendida pela reflexão histórica, acompanhada da reflexão geográfica, é justamente as condições contextuais que possibilitaram a construção das cidades em certos espaços e que também determinaram as formas e as circunstâncias que marcaram essa construção.

Nesta perspectiva, a cidade não se auto-explica pois não é uma totalidade, mas apenas a objetivação de uma totalidade maior na qual ela se insere. Por isto, os fenômenos urbanos bem como os rurais devem sempre ser referidos a uma unidade mais abrangente da qual eles se constituem em manifestações concretas. Portanto, ao estudar a origem, evolução ou função de cidades deve-se sempre especificar as forças históricas que estão no seu bojo. Neste sentido, não se deve falar sobre a cidade, mas sobre diferentes tipos de cidades que variam no tempo e no espaço. (Oliven, 2010, p. 8)

Assim, cada cidade, em sua história particular, foi determinada pelas condições específicas de seu tempo histórico e de seu lugar geográfico, sendo marcadas pelos processos políticos, econômicos, sociais e culturais de sua época e transformadas – à medida que sua duração se estendeu no tempo – pelas mudanças nesses mesmos processos.

Podemos citar, para exemplificar nossa perspectiva, a cidade da Babilônia, na antiga Mesopotâmia, considerada de beleza inigualável pelos que a conheceram em seu apogeu, mas que desapareceu e deixou poucos vestígios; a grandiosa Roma antiga, um dos principais centros de poder da história, que foi invadida, virou ruínas, mas depois voltou a se tornar significativa para história ocidental no período medieval como centro do poder religioso, até se tornar a capital da Itália, e se estabelecer atualmente como um centro político secundário da Europa, mas valorizado lugar de turismo histórico, cultural e religioso; podemos ainda citar Alexandria, no Egito, que foi um grande centro de conhecimento do passado e que hoje procura retomar esse seu passado por meio da memória e da retomada desse significado cultural e histórico com a recriação de uma grande e universal Biblioteca.

Esses exemplos, que poderiam ser multiplicados, caso fossemos olhar para as muitas cidades em todo o mundo que permanecem atualmente significativas após muitos séculos de existência, ou para as grandes cidades que desapareceram ou perderam seu brilho, nos levam a pensar sobre as mudanças históricas que aconteceram em todos os lugares, sobre as condições específicas de existência desses lugares e sobre a especificidade da história brasileira, que é fundamental para nosso trabalho.

### 1.1.2. As cidades no Brasil: história e memória

Se considerarmos apenas o período da invasão e dominação portuguesa no território brasileiro, em relação aos exemplos que demos há pouco, as cidades brasileiras são recentes: as mais antigas com menos de 500 anos e a maioria existindo na faixa de 150 anos ou menos. Como propõe Abreu (1998):

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu neste século. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, entretanto, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado. (Abreu, 1998, p. 8)

Para este autor, o Brasil se caracterizou por uma recusa do passado colonial e escravocrata, tendo adotado durante o período republicano uma política de desvalorização da memória, sendo este o motivo principal da perda de patrimônios históricos e da ânsia de modernização das cidades. Mesmo com as legislações que surgiram durante o século XX para garantir a preservação de patrimônios históricos, essa mentalidade modernizadora continua a ser predominante, em especial nas pequenas e médias cidades que acabam por encontrar dificuldades em manter sua história e sua memória por diferentes questões políticas e econômicas.

Essa fé no "país do futuro" tornou-se uma ideologia avassaladora a partir da República. E isto explica por que foram tão bem-sucedidas, no século XX, as reformas urbanísticas radicais que tanto transformaram a face de diversas cidades brasileiras. Viabilizadoras desse futuro, essas reformas tiveram grande acolhida entre as elites modernizadoras do país, que jamais hesitaram em enfrentar qualquer apego a antigos valores, a antigas "usanças" urbanas, taxando sempre esse comportamento como um indicador de conservadorismo, de atraso, de subdesenvolvimento. [...] A situação hoje é diferente. O passado das cidades brasileiras está sendo revalorizado e a preservação/recuperação/restauração do que sobrou das paisagens urbanas anteriores é um objetivo que vem sendo perseguido por inúmeros agentes, destacando-se aí os governos municipais. Mesmo cidades relativamente novas já adotam a prática de preservar os vestígios mais significativos de sua história. E naquelas em que a destruição da herança urbana foi devastadora, grandes têm sido os esforços para salvar e valorizar o que restou. Essas tentativas nem sempre têm sido bem-sucedidas. O

desejo de tombar toda edificação que possa ser identificada como "memória urbana" raramente tem sido acompanhado da adoção de medidas que incentivem proprietários e inquilinos a preservar os imóveis tombados, fato que tem levado, muitas vezes, ao tombamento *ipsis litteris* da edificação que se queria proteger. (Abreu, 1998, p. 9)

Abreu (1998), que escreveu essa reflexão em 1998, ainda é bastante utilizado nos estudos atuais na medida em que esse processo que ele analisou permanece acontecendo, em especial esse jogo político que acontece entre a possibilidade de preservar e a dificuldade de investir na preservação e na conscientização sobre o valor dos patrimônios históricos.

Além da questão apontada acima, é importante também identificar e refletir sobre esse processo de modernização brasileiro, que foi marcado pela visão desenvolvimentista e cujo foco está baseado quase que exclusivamente nos ganhos econômicos das elites regionais e locais, implicando em alterações drásticas das formas de ocupação do espaço em todos os seus aspectos.

Milton Santos (1993) ao analisar as mudanças que foram ocorrendo no processo de urbanização brasileiro, propõe uma definição sobre essa passagem das pequenas localidades de uma situação de dependência com as cidades maiores para uma situação de centros locais e regionais dos poderes político e econômico:

A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da *atividade* primária para servir às necessidades inadiáveis da *população*, com verdadeira especialização do espaço. [...] Poderíamos então definir a cidade local como uma aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais, ou criadas, de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações. (Santos, 1993, p. 71)

Continuando seus argumentos, este autor aponta as características que foram assumidas pelas cidades interioranas, entre as quais podemos situar Quirinópolis (GO), mostrando como o avanço das modernizações ditadas pela expansão do sistema econômico, foi modificando a vida nesses locais, direcionando a ocupação do espaço, a divisão territorial da produção, a regionalização da produção das riquezas e dos serviços, e as formas de organização política, social e cultural, todas elas submissas aos direcionamentos das atividades econômicas. Nas palavras do próprio autor:

As cidades locais mudam de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados. [...] Esses lugares representam estoques de meios de consumo, estoques de sementes e implementos, estoques de capital de giro (agora indispensáveis), estoques de mão-de-obra nos mais diversos níveis, centros de transportes e de comunicações, polos de difusão de mensagens e ordens. [...] A cidade torna-se o *locus* da regulação do que se faz no campo. É ela que assegura a nova cooperação imposta pela nova divisão do trabalho

agrícola, porque obrigada a se afeiçoar às exigências do campo, respondendo às suas demandas cada vez mais prementes e dando-lhe respostas cada vez mais imediatas. Como o campo se torna extremamente diferenciado pela multiplicidade de objetos geográficos que o formam, pelo fato de que esses objetos geográficos têm um conteúdo informacional cada vez mais distinto (o que se impõe, porque o trabalho no campo é cada vez mais carregado de ciência) tudo isso faz com que a cidade local deixe de ser a cidade no campo e se transforme na cidade do campo. A urbanização também aumenta porque cresce a quantidade de agricultores residentes na cidade. (Santos, 1993, p. 51-52)

Quirinópolis pode ser pensada a partir dessa reflexão de Santos (1993), à medida que se transformou, nas últimas décadas, de um núcleo urbano voltado para a produção agropastoril de características regionais (propriedades menores e mercado regional), para se colocar no cenário estadual e nacional como atrativo polo agrícola e agroindustrial, com alcance no mercado internacional. Juntamente com essa mudança econômica, a geração de riquezas torna a cidade objeto de modernização em diversos níveis, em especial os setores ligados aos serviços (comércio de máquinas e insumos, assistência médica, serviços educacionais, tecnológicos e outros), que antes eram encontrados apenas em cidades maiores.

Esse processo intenso e dinâmico, gera muitas dificuldades para a preservação da memória e do patrimônio material e imaterial dessas cidades. As transformações implicam em crescimento populacional acelerado, com atração de pessoas “de fora”, sem ligação com a história e a cultura regional, implicam em necessidades novas de utilização dos espaços, aumentando a dimensão da urbanização (novos bairros e novas áreas comerciais), mas também significando a reutilização ou substituição de antigos bairros e suas construções para novas atividades, gerando ainda cisões na identidade local, com a desvalorização e até perda de tradições e costumes que marcaram a história local.

Para Limonad (1999), que adota uma análise marxista da situação que estamos tratando:

[...] hoje o sistema capitalista deve garantir sempre além da reprodução dos meios de produção, a reprodução das relações sociais de produção, efetivada através da totalidade do espaço, na medida em que compreendem a reprodução do cotidiano em novos e antigos espaços, perpassados por diferentes tempos históricos - simultaneidades. [...] Seria no espaço socialmente produzido, o espaço urbano do capitalismo mesmo no campo, onde se reproduziriam as relações dominantes de produção através de um espaço social concretizado, criado, ocupado e fragmentado conforme as necessidades da produção e do capitalismo. (Limonad, 1999, p. 73)

Nossa abordagem, apesar de valorizar e identificar como corretas essas leituras políticas e econômicas sobre a análise das cidades, tem como foco principal as questões culturais, na medida em que as transformações em curso já desfiguraram as localidades em geral, incluindo Quirinópolis (GO), mas ainda há a possibilidade de se preservar a memória e a história antes que os patrimônios materiais e imateriais ainda existentes também sejam esquecidos ou destruídos. Neste sentido, Quirinópolis pode ser caracterizada como uma cidade de espaços

urbanos ressignificados pela necessidade e processos de modernização, porém carentes de atenção quanto aos seus potenciais lugares de valorização de sua história.<sup>3</sup>

Com essa perspectiva da valorização das questões culturais que as transformações urbanas fomentam, vamos dar continuidade às nossas reflexões sobre as cidades a partir da percepção de Abreu (2005) e outros autores. Para este autor:

Pensar as cidades como compósitos de espacialidades e de temporalidades é reconhecer que o processo de produção do espaço urbano gera formas, conteúdos e representações que se inserem em múltiplos níveis de investigação. Se esta forma de estudar as cidades transforma-as em ricos mananciais de pesquisa, ela faz também com que a sua interpretação seja bem mais difícil e complexa, pois só poderá ser realizada se trabalharmos, ao mesmo tempo, com diferentes escalas (e categorias) espaciais e temporais (Abreu, 2005, p. 97).

Um primeiro aspecto a ser considerado é o das características que cada núcleo urbano adquire devido à forma da ocupação do território, tanto em relação ao planejamento (ou falta de) urbano das ruas e distribuição dos espaços, como pelas escolhas arquitetônicas (desde as mais simples até as mais complexas) que foram e são realizadas pelos habitantes e participantes dessa ocupação. Nesse sentido, as cidades podem ser lidas, interpretadas, descritas, analisadas em suas dimensões históricas, espaciais e com relação à sua identidade.

Essa abordagem significa admitir que as pessoas que ali viveram e vivem, os fatos que ali aconteceram e acontecem, as intervenções no espaço que foram e são realizadas, e também as memórias que foram e são guardadas, constituem uma história local única e passível de ser construída como monumento<sup>4</sup>, ou seja, como símbolo histórico e cultural dessa localidade.

Mesmo que compreendamos a impossibilidade de se tratar todos os vestígios do passado como monumentos históricos, no sentido de realizar um esforço para manter sua memória e sua significação ao longo do tempo preservando-os das transformações que a sociedade vivencia, consideramos que esses registros da memória ou mesmo as preservações possíveis de locais significativos do passado, constituem uma atividade importante das pesquisas acadêmicas.

---

<sup>3</sup> Neste trabalho lugares de valorização histórica ou simplesmente lugares de memória, serão apresentados no terceiro capítulo através das narrativas dos entrevistados, os quais, dadas as suas experiências individuais e/ou compartilhadas por grupos sociais, dão importância a determinados espaços da cidade de Quirinópolis e pelo que representam para suas vidas.

<sup>4</sup> Aqui, adotamos uma interpretação de monumento como um registro da história, não apenas os monumentos físicos (edifícios, praças, etc.), mas um monumento escrito, que possibilita lembrar um passado que a própria arquitetura urbana já não possibilita mais acessar. Le Goff (1990), quando realiza uma reflexão sobre o monumento e seu significado para a história, realiza uma comparação com o documento. Para Le Goff: “O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (p. 462). Dessa forma, na ausência de monumentos tradicionais, os registros da memória assumem essa função de possibilitar um revisitar o passado.

Rolnik (2004), pensando sobre o patrimônio urbano, se manifesta a favor dessa concepção:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. [...] É esta dimensão que permite que o próprio espaço da cidade se encarregue de contar sua história. A consciência desta dimensão na arquitetura levou a que hoje se fale muito em preservação da memória coletiva, através da conservação de bens arquitetônicos, isto é, da não demolição de construções antigas. (Rolnik, 2004, p. 18)

A autora levanta ainda a importância das relações de poder no interior dos núcleos urbanos, considerando que, em cada época e em cada local específico, essas relações forjaram as condições de existência dos indivíduos e dos grupos, obviamente também levando a inumeráveis tipos de experiência de vida urbana. Nas suas palavras:

A relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante de cidade significa participar de alguma forma de vida pública, mesmo que em muitos casos essa participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos. (Rolnik, 2004, p. 21-22)

Ortegosa (2009) é outra autora que se refere à arquitetura urbana e às formas como a cidade se organiza, com seus lugares específicos e característicos assumindo funções e significados diferenciados, a partir de uma perspectiva essencial para a história, à medida que as modificações nessa arquitetura, motivadas pelos interesses econômicos (especialmente) e pelos modelos modernos de urbanização, tendem a apagar todas as memórias.

As cidades atuais, cuja história não vai muito longe no tempo (são jovens em termos de existência), tendem a se tornar cidades sem história, pois o passado é constantemente deixado de lado tendo em vista o que se considera como desenvolvimento. Em suas reflexões, essa autora faz as seguintes proposições:

A arquitetura e os lugares da cidade constituem o cenário onde nossas lembranças se situam e, na medida em que as paisagens construídas fazem alusão a significados simbólicos, elas estão evocando narrativas relacionadas às nossas vidas. Assim, a maneira como interpretamos nossas experiências no espaço converte-se em nossa realidade e possibilita-nos dar significado ao nosso mundo físico. [...] Um dos aspectos fundamentais na vida de uma cidade, portanto, é o conjunto de recordações que dela emergem: a memória urbana é a realidade que marca nossa própria fugacidade na história, ao mesmo tempo em que anuncia a possibilidade de transcendermos nossa temporalidade individual. [...] Nestes termos, proteger a memória significa proteger o passado, o presente e o futuro. Cabe a cada presente resgatar o próprio passado, arrebatando-o ao esquecimento e revelando os possíveis futuros que ele comportava. (Ortegosa, 2009, não paginado)

Essa perspectiva sobre as cidades coloca Quirinópolis – mas também toda e qualquer cidade – como uma construção histórica cuja responsabilidade é de todos os participantes do processo total de sua formação e continuidade no tempo e no espaço. Gerindo, inclusive, as formas como a memória e o patrimônio histórico e cultural são compreendidas e tratadas pela comunidade.

Nesse sentido Dias (2019), que realizou sua dissertação de mestrado sobre Ibiatã, cidade do interior da Bahia, afirma:

Constata-se que as cidades pequenas são muito variadas e revelam realidades distintas, pois se diversificam quanto ao contexto econômico, geográfico, e também histórico. Assim, elas apresentam diferenciações relativas às atividades produtivas, estruturas urbanas, população, enfim, aspectos que repercutem na dinâmica urbana. Há cidades pequenas que apresentam maior vínculo com o campo; outras possuem um espaço urbano menos segmentado e mais comunitário, no qual a maioria dos habitantes se conhecem. Essas são noções mais comuns acerca das cidades pequenas. (p. 36)

Para buscarmos a singularidade do passado de Quirinópolis (GO) a partir das memórias dos seus habitantes, e também compreendermos as atuais condições da preservação da história e da memória desta cidade, vamos trabalhar com as reflexões que procuram valorizar e compreender esses processos, constituindo uma história cultural da urbanização e transformação dos núcleos urbanos, capaz de apreender os variados aspectos dessa realidade particular.

A cidade, como afirmamos anteriormente, é tão antiga quanto as primeiras grandes civilizações da história humana, mas continua a ser uma manifestação profundamente complexa entre as realizações humanas, contendo em si manifestações particulares de elementos políticos, econômicos, sociais, culturais, religiosos, não havendo uma única cidade que seja igual a outra. Como escreve Prata (2020, p. 445):

[...] cada cidade é única em sua forma, em seu espaço e em seus habitantes, podendo conter várias cidades nela mesma. A multiplicidade de cores, aromas, casas, ruas e habitantes, entre incontáveis aspectos, exaltam a cidade como um organismo complexo, de difícil compreensão e contraditório por muitas vezes.

Essas características das cidades tornam o seu estudo, nos tempos atuais, uma necessidade – mesmo o das pequenas cidades –, pelo fato de que ocorrem cotidianamente intensas e aceleradas mudanças dentro das mesmas, fazendo-as perder muitos dos elementos que formaram e orientaram a sua história.

Quirinópolis, por mais que exista semelhanças a outros espaços urbanos, é única em sua história e em seus processos particulares de transformação no tempo. As experiências de seus habitantes com seus lugares de memória e com os significados dos personagens e

acontecimentos marcantes de sua trajetória histórica, também são únicas. Para os estudiosos das cidades essas questões são fundamentais para o entendimento da cidade.

A cidade é o lugar onde se inscreve a história do urbano e preserva a memória de seu repertório coletivo. Essa história, porém, não é uma simples coleta de referências factuais, mas uma recepção e percepção de lembranças e repertórios perdidos que incidem sobre o espaço da cidade. Conjunto múltiplo de ação coletiva, a cidade tem muitas dimensões e significados – reais e virtuais, concretos e simbólicos – e, também ela, a cidade, é construtora de identidades e identificações. Dentro dos limites da cidade diferentes vetores de espaço e tempo convivem nem sempre de maneira harmônica, ou seja, o cotidiano urbano é plural, polissêmico, singular e diverso. (Lima, 2012, p. 2)

É por esse caminho que as reflexões da História e da Geografia se encontram e favorecem o intercâmbio de conceitos e reflexões. Tempo e espaço se conjugam na história da cidade, e a paisagem geográfica – como expressão material na configuração do urbano – se relaciona com as memórias e as histórias dos habitantes, fundamentando uma abordagem interdisciplinar.

Nessa perspectiva, Abreu (1998) propõe uma interação significativa entre conceitos da História e da Geografia, indicando que a memória das cidades, que se transforma em sua história, precisa passar pela reflexão sobre a população e sobre as relações que se estabelecem entre os grupos dentro do ambiente urbano. São muitas memórias que se confrontam e oferecem subsídios para a reconstrução possível do passado.

Mas a cidade não é um coletivo de vivências homogêneas. Para definir o que seria a memória das cidades, nossa categoria de análise não pode ser a população. O que faz com que surja uma memória grupal ou social, referida a algum lugar, é o fato de que aquele grupo ou classe social estabeleceu ali relações sociais. Essas relações, entretanto, podem ser de dominação, de cooperação ou de conflito, e variam tanto no tempo como no espaço. Consequentemente, a vivência da cidade dá origem a inúmeras memórias coletivas, que podem ser bastante distintas umas das outras, mas que têm como ponto comum a aderência a essa mesma cidade. (Abreu, 1998, p. 14)

Essa visão sobre a memória da cidade exige que se tenha a clareza sobre as relações sociais e sobre as relações de poder, para que as muitas percepções sobre os fatos passados possam contribuir para uma história mais completa da cidade e não apenas uma história baseada em uma visão de classe.

Coexistem então numa cidade, em qualquer momento do tempo, inúmeras memórias coletivas. Ao eternizarem-se em registros permanentes. Essas memórias urbanas não perdem seu caráter específico, sua vinculação ao grupo ou classe que as produziu. Há algo mais a considerar. Nem todas as memórias coletivas urbanas conseguiram ser registradas. Muitas perderam-se no tempo, o que faz com que os vestígios do passado que subsistiram na paisagem ou nas instituições de memória sejam apenas fragmentos das memórias coletivas que a cidade produziu. E fragmentos muito especiais, pois estão geralmente ligados a estruturas de poder. (Abreu, 1998, p. 15)

Dessa forma, é fundamental que se faça o recolhimento das memórias individuais e coletivas, que se investigue as mudanças nos lugares de memória e nos lugares em que a vida aconteceu cotidianamente, mesmo que não sejam considerados dentro da perspectiva patrimonialista. Compreender como as pessoas viveram, interpretaram e guardaram as lembranças de suas experiências, mas também buscar compreender e situar o contexto dessas experiências (a partir dos registros históricos oficiais ou já existentes), enfim, olhar o passado com todos os dados e referências que são oferecidos no presente, constitui o papel do historiador diante do desafio de trabalhar com a história da cidade. Nas palavras de Pesavento (2005):

[...] para o resgate da memória e da história de uma cidade é preciso convocar e recolher registros de uma outra época, testemunhos e traços de diferentes naturezas, que possam dar conta das transformações do espaço urbano no tempo. [...] Mas este tempo transcorrido implica, inevitavelmente, bem o sabemos, em desgaste objetivo das formas que se inscrevem no espaço urbano, tornando-as, por vezes, irreconhecíveis ou irrecuperáveis. A passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais do consumo e da apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passado da cidade. Neste contexto, a história enfrenta o desafio do tempo físico e do tempo social, buscando ver, no presente, uma cidade do passado que se apresenta, com frequência, como uma cidade perdida. Em um primeiro momento, o historiador se sente como um arqueólogo diante da tarefa de abordar uma cidade da qual, aparentemente, não existem mais traços. (Pesavento, 2005, p. 11-12)

De acordo com Lima (2012), a cidade possui a característica de ser o espaço onde se desenha a história do urbano, história essa do coletivo compositor deste espaço. Nas palavras dessa autora: "Essa história, porém não é uma simples coleta de referências factuais, mas uma recepção e percepção de lembranças e repertórios perdidos que incidem sobre o espaço da cidade." (Lima, 2012. p. 2)

Ainda para Lima (2012), a cidade é composta de múltiplas ações de diferentes sujeitos, sendo assim carregada com muitos significados, sejam estes no espectro físico ou metafísico. A memória presente nas edificações urbanas tem sofrido cada vez mais com a invisibilidade perante os cidadãos. Com o passar dos anos, com a expansão da ocupação urbana, o crescimento econômico e populacional, somado às tendências advindas da globalização, há o impulso para mudanças arquitetônicas e estruturais no espaço urbano, que modificam a memória das cidades.

As mudanças acima mencionadas, motivadas pelas mais diversas razões, desde econômicas ou mesmo estilísticas, acabam por causar o apagamento de registros arquitetônicos que poderiam trazer à tona a dita memória da cidade. Segundo Prata (2020):

É o homem que a constrói e reconstrói, progressivamente, no tempo de sua formação. Ela exhibe materialmente as vontades de seu construtor. Tempo, espaço e construção se revelam na cidade que, progressivamente, durante a passagem do primeiro,

modifica o motivo original de sua concepção. Mais do que um amontoado de pedras, as cidades acumulam histórias, recordações, em lugares determinados que despertam afetividade em seus moradores e representam suas identidades, eternizando memórias. (Prata, 2020. p. 447)

Assim, tendo em vista essa subjetividade da formação das identidades das cidades, com os significados que adquirem seus múltiplos espaços, fez-se necessário para a reflexão sobre o que tornaria um espaço urbano elegível ao potencial patrimonialista, resgatar em Lima (2012, p. 2), o conceito fundamental para a discussão do patrimônio histórico urbano:

E é a busca de (re)construção e (re)conhecimento da identidade que impulsiona os homens a inclinarem-se sobre o passado pela procura de referências, signos e vestígios temporais ou espaciais que lhes sejam suporte do ser no mundo. Neste sentido, a memória encontra-se em múltiplos lugares, sejam esses, material, simbólico ou funcional – são os lugares de memória.

Partindo do conceito de lugar de memória, que Lima (2012) utiliza a partir da leitura de Pierre Nora (1993), compreendemos que certos espaços urbanos ganham significado para além de suas razões funcionais de existir, a partir do momento em que os mesmos reúnem, através do sentimento de pertencimento dos cidadãos, memórias que são positivas ou negativas para aqueles que compartilham e vivem nessas localidades.

As autoras que estamos nos referenciando para esta reflexão, Prata (2020) e Lima (2012), fazendo em seus artigos uma revisão da bibliografia sobre a memória e a história das cidades, nos indicam que essas transformações urbanas, mesmo inevitáveis, podem se constituir em objeto de estudo, com o intuito de se resguardar as memórias de um passado mais distante, mas também com o interesse de acompanhar a construção das novas memórias, pois estas serão, em algum momento no futuro, também substituídas por novas transformações. Prata afirma:

Certamente, a renovação urbana é um processo inevitável do crescimento da cidade, devido às suas constantes transformações, sejam através de demolições, sejam através de medidas de planos urbanísticos ou outros tipos de mudanças, trazendo consequências inevitáveis às memórias, individuais e coletivas. Por serem espaços coletivos que se transformam continuamente, as cidades com suas ruas, praças, residências, monumentos, jardins, comércios, escolas, dentre outros, expressam as vivências de sua população. Na maior parte das vezes, são reconstruídas sobre as pedras de um passado vivido, da cidade de outrora, que somente pertence à memória de quem a conheceu antes da renovação ou modernização. (Prata, 2020, p. 451)

A memória da cidade de Quirinópolis (GO), apesar de registrada e apresentada pela obra dos memorialistas e de autores que escreveram academicamente sobre a cidade, como procuraremos demonstrar no próximo capítulo, ainda carece de novas contribuições, em especial das memórias dos habitantes que vivem na cidade há tempo suficiente para acompanharem as transformações das últimas décadas e que não puderam – ainda – falar sobre suas experiências em relação ao que viram e sentiram. Entendemos que, no contexto atual das

pesquisas históricas sobre as cidades, além do fundamental debate sobre as questões teóricas e metodológicas para realizar uma abordagem correta sobre esses fenômenos, há a fundamental participação dos registros sobre as memórias dos habitantes e as interpretações possíveis que enriquecem a percepção histórica sobre essas localidades.

Nesse sentido, vale a pena completar essa parte de nossa reflexão com a afirmação de Dias (2019):

Olhar o espaço urbano na perspectiva geográfica e histórica também contribui para o resgate de um patrimônio imaterial, perpetuado pelas histórias orais e memória coletiva. Esse resgate pode estimular um planejamento urbano que considere os aspectos históricos, e os espaços simbólicos das cidades. Desse modo, também é ressaltado o valor da paisagem como herança cultural, e não como simples produto do desenvolvimento capitalista. Isso se torna cada vez mais importante frente às forças de padronização das cidades, sustentadas por processos de globalização econômica e política. (p. 19)

Vamos procurar, no próximo capítulo, trabalhar com as obras acadêmicas e as obras dos memorialistas sobre a cidade de Quirinópolis, buscando dialogar sobre a história já escrita da cidade, sobre as reflexões já feitas sobre as memórias e os lugares de memória que compõem o passado e o presente da cidade, além de procurar refletir e compreender como a cidade chegou atualmente aos símbolos de sua identidade e aos espaços significativos para integração da sociedade ao modo de existir que marca o presente da cidade.

## **CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DE QUIRINÓPOLIS EM DIVERSAS NARRATIVAS: UM DIÁLOGO SOBRE AS OBRAS “MÃOS E OLHARES DIFERENTES” E OS ESTUDOS ACADÊMICOS EXISTENTES SOBRE A CIDADE**

Quirinópolis é uma cidade que tem uma rica produção de textos sobre sua história. São trabalhos acadêmicos e não acadêmicos que foram produzidos sobre muitos dos aspectos históricos, culturais, econômicos e políticos que marcaram a vida da cidade. Nosso intuito neste capítulo é refletir sobre essa produção literária e acadêmica que já possibilita uma visão bastante detalhada sobre o passado e o presente dessa localidade.

Para começar esta reflexão, partimos de uma afirmação muito precisa feita por Sérgio da Mata (2002) sobre as características tradicionais da memória das cidades brasileiras, contadas pelos escritores de cada localidade:

Quase toda cidade brasileira já teve seus historiadores, ou, quando menos, seus memorialistas. Sempre em voga, a história do urbano é fruto de uma ânsia de

(re)construir a memória de uma coletividade. Suas características fundamentais são recorrentes, e não nos seria difícil enumerar algumas delas: o retrato de vida dos pioneiros, a genealogia das famílias ilustres e dos beneméritos locais, a visão harmônica das relações entre as classes sociais, a fé inabalável no “progresso” da comunidade. Não deve surpreender o fato de que, no mais das vezes, este tipo de literatura histórica continue pouco ou nada afeita a questões de rigor teórico metodológico, pois o que ela procura não é explicar a história, mas sim idealizar o passado e, sobretudo, mitificá-lo. (Mata, 2002, p. 13)

Na continuidade deste seu extenso trabalho, Mata vai realizar uma reflexão profunda sobre aquilo que chama de “proto-urbanização”<sup>5</sup> em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. Sua reflexão nos leva a enxergar toda a complexidade das relações que se estabeleciam na formação de um núcleo urbano naquele passado distante. Análises que nos mostram algo muito distante das palavras que idealizam esse passado das cidades.

Quirinópolis (GO), que é nosso objeto de estudo, não fugiu a essas características, pois tem suas memórias contadas tanto pelos memorialistas como pelos estudiosos ligados à academia, que procuraram refletir sobre o passado da cidade tendo em vista perspectivas bastante diferentes.

Para descrever e compreender essa história de Quirinópolis, tem-se por objetivo dialogar com os autores e autoras que, até o momento, focaram suas atenções em diferentes características do município. Para realizar esse diálogo, selecionamos algumas bibliografias que nos oferecem informações para construir um quadro interpretativo sobre essa história.

Um primeiro conjunto é de trabalhos que foram desenvolvidos tendo como base perspectivas de diferentes áreas do conhecimento e da pesquisa acadêmico científica, que indicam a pluralidade de temáticas quanto ao estudo da história de Quirinópolis.

Dentro deste primeiro conjunto, temos trabalhos que tratam de aspectos da cultura da cidade como a Folia de Reis, estudada por Wanderleia Silva Nogueira (2011) na dissertação de Mestrado *A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis: lugar de memória – 1918-2010*. Esta autora teve como um de seus principais objetivos, compreender as mudanças e transformações nas práticas culturais associadas à Folia de Reis no município de Quirinópolis-GO, mais especificamente na região da Pedra Lisa, área rural do município em questão.

Ainda dentro da temática que permeia a religiosidade popular, Wesley Lima de Andrade (2012) trabalhou, em sua dissertação de Mestrado *Catolicismo popular: práticas e apropriações em Quirinópolis de 1943 a 1997*, com as características e mudanças que

---

<sup>5</sup> Proto-urbanização é a forma como o autor designa o processo de constituição das vilas no passado brasileiro, que depois se tornariam, a partir do crescimento da população, em núcleos urbanos. Praticamente todas as cidades brasileiras tiveram essas características em seus primórdios, guardando obviamente as peculiaridades regionais que também influenciaram o processo.

ocorreram no catolicismo praticado pela população da cidade durante um período de mais de cinco décadas.

Ainda em temas ligados à cultura popular, temos a dissertação de Mestrado de Mirtes Ferreira de Freitas Lima (2016), *O Catira e a tradição em Quirinópolis: uma prática cultural (1920-2008)*, na qual a autora buscou escrever a história da Catira em Quirinópolis a partir das experiências dos participantes desta manifestação cultural, identificando as permanências e mudanças que aconteceram em um período de quase cem anos.

Temos ainda a dissertação de Flávia Rosa de Moraes Silva (2010), *Os causos em Quirinópolis: práticas e representações culturais (1940-1970)*, na qual a autora procura analisar e refletir sobre o papel social dos “causos” contados na zona rural, como tradição oral de transmissão de sabedoria e de coesão social entre os mais velhos e os mais jovens.

Estes estudos, possibilitam a compreensão de alguns dos elementos fundamentais da cultura popular em Quirinópolis, demonstrando que as tradições continuam a se manter, mesmo com as mudanças significativas da sociedade, em especial a modernização dos costumes e as tendências à desvalorização das práticas culturais tradicionais.

Já numa perspectiva da ocupação do espaço urbano e rural em Quirinópolis, temos a dissertação de Paracy Corrêa Neves (2012), que realizou sua pesquisa na área de História enfocando *A formação do espaço urbano de Quirinópolis: uma possibilidade histórica de 1832 a 2010*, na qual buscou reconhecer a ocupação da região do sudoeste goiano e a importância exercida pelos meios de comunicação e transporte, além das relações econômicas no desenvolvimento das cidades, como foi o caso de Quirinópolis-GO.

Na área da Geografia, temos a Tese de Doutorado de Gilberto Celestino dos Santos (2011), que realizou a *Análise da dinâmica territorial de Quirinópolis-GO - 1960 a 2010*, cujo objetivo principal foi analisar as transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas em Quirinópolis-GO que antecederam a formação do complexo agroindustrial sucroalcooleiro no início do século XXI.

Também na área da Geografia, Edevaldo Aparecido Souza (2013) trabalhou com o tema *O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana de açúcar em Quirinópolis-GO*, e procurou elencar as estratégias de manutenção dos valores tradicionais da população habitante da região rural Pedra Lisa em Quirinópolis-GO na sua relação com as mudanças no sistema produtivo regional.

Por fim, entre os trabalhos acadêmicos, temos a dissertação de Maria Felicidade Alves Urzedo (2004), que escreveu na área da Educação, *A História da Formação docente em Quirinópolis, Goiás: A Escola Normal Regional Coronel Quirino (1954 - 1961)*, buscando

contribuir para a história da expansão da educação no Brasil e em Goiás, com foco na ampliação da formação escolar no município de Quirinópolis-GO.

Além destes trabalhos, que foram realizados na perspectiva acadêmica, temos a coleção de obras organizada por Maria da Felicidade Alves Urzedo, com 5 livros (2010, 2012, 2014, 2017 e 2020), denominada “Mãos e olhares diferentes (1832-2020), que foram publicadas pela Editora Kelps (Goiânia), e que podem ser classificadas, em parte, como obras mais próximas da perspectiva memorialista, na qual a preocupação com os rigores da pesquisa acadêmica não é predominante<sup>6</sup>.

Estas obras, que formam um segundo conjunto de bibliografias, trazem informações relevantes sobre o processo histórico da fundação, formação e desenvolvimento da cidade de Quirinópolis desde 1932 até 2020, nas quais podemos ver o trabalho de construção de uma história local, mesmo que carente, em muitos momentos, de uma análise crítica dos acontecimentos, com a preferência por descrever e apontar os personagens que marcaram a história da cidade dentro de uma perspectiva de história oficial. Esses trabalhos têm um valor significativo para a manutenção da memória local, mesmo que, muitos de seus capítulos sejam dedicados a destacar e valorizar o que foi feito pelas figuras de destaque das elites que comandaram a cidade. Outros capítulos, porém, escritos por acadêmicos e pesquisadores, proporcionam diferentes perspectivas às narrativas construídas na coleção.

Ainda um terceiro conjunto de fontes bibliográficas é constituído por artigos científicos que ajudam a compor o quadro que procuraremos mostrar neste capítulo. O diálogo sobre essas formas de abordagem tem a pretensão de fundamentar nossa reflexão sobre as memórias dos habitantes de Quirinópolis em relação às transformações que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas.

## 2.1. Contextos histórico: do povoamento à emancipação enquanto município

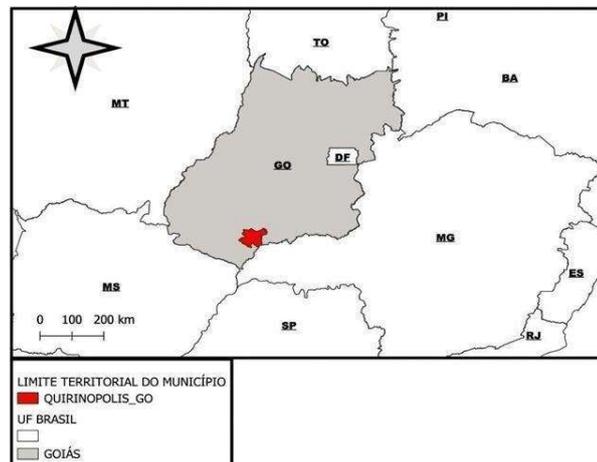
A princípio, seria errôneo estabelecer Quirinópolis, município localizado na microrregião Sudoeste de Goiás (Mapa 1, abaixo), como homogêneo em seus aspectos

---

<sup>6</sup> Os chamados memorialistas constroem seus relatos históricos não necessariamente utilizando os procedimentos e metodologias que são exigidos em estudos acadêmicos. Podem utilizar arquivos e acervos de fontes bibliográficas e não citarem suas fontes de forma adequada; podem utilizar os relatos orais de pessoas presentes nos acontecimentos narrados, interpretando-os a partir de sua própria experiência de vida (e até de participação nos mesmos fatos); podem utilizar ideias de outros autores sem citar as fontes, ou seja, mesmo abordando os acontecimentos históricos de uma forma que contribui para a preservação da memória social, não procura adequar seus textos, narrativas e escrita com que os estudos acadêmicos são avalizados.

históricos, econômicos e culturais. Situação comum às regiões interioranas do território brasileiro, especialmente para esta pesquisa sobre o Estado de Goiás, Quirinópolis mostra-se como uma zona de intersecção para migrantes de diferentes regiões do Brasil e de outros países em busca de melhores condições para viver e prosperar.

**MAPA 1:** Localização de Quirinópolis (GO)



**Figura 1 - Localização do município de Quirinópolis - GO**  
 Fonte: Sistema Estadual de Geoinformação - Governo do Estado de Goiás

**Fonte:** (Filho; Caes, 2023)

É importante destacar que, na história do Brasil, diversos foram os momentos em que as populações migraram em busca de riquezas ou mesmo de terras para tomar posse e conseguir sobreviver e prosperar. A história de Quirinópolis faz parte de algumas dessas migrações, desde a sua fundação até os tempos atuais.

De acordo com Júnior (2015), no século XIX, enquanto as demais fronteiras da província de Goyaz estavam proporcionalmente bem delimitadas, a região do atual sudoeste goiano estava em aberto em relação ao que hoje conhecemos como o Estado do Mato Grosso. Nas palavras do autor: “Vista pelos fazendeiros que a ocuparam paulatinamente de maneira crescente, esta vasta região constituía-se numa frente pioneira” (Júnior, 2015, p. 38).<sup>7</sup>

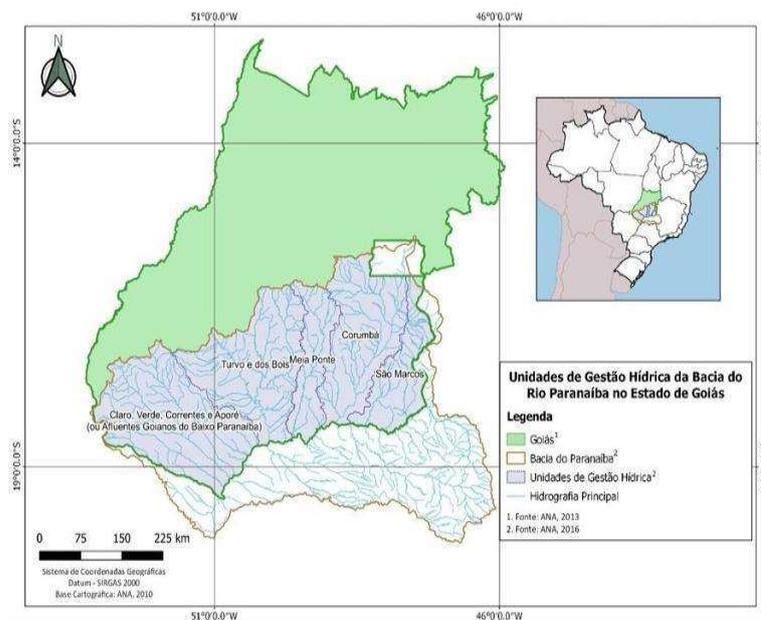
Nesse contexto, de acordo com o mesmo autor, as populações indígenas que habitavam a região do sudoeste goiano viram-se forçadas a se deslocarem para o oeste e ao norte da região sudoeste do atual Estado de Goiás. Ainda de acordo com Júnior (2015), a visão colonizadora daqueles que vinham para a região sudoeste de Goiás em busca de riquezas é que se tratava de

<sup>7</sup> Junior (2015) compreende a frente pioneira no contexto de suas discussões como uma designação para o enfrentamento dos novos ocupantes em relação aos povos originários do território.

um vasto espaço em branco ao qual cabia a suposta civilização dar sentido de existência, neste caso com a exploração agropastoril.

Em Urzedo (2010) afirma-se que a motivação que levou os primeiros migrantes a se estabelecerem na região que atualmente corresponde a Quirinópolis-GO foi a isenção do pagamento de impostos por cerca de 10 anos, isenção concedida pelo então governador provincial de Goyaz, Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, no ano de 1838. Urzedo (2004) afirma que, historicamente, a região na qual se insere o município de Quirinópolis-GO não se tornou economicamente atrativa pela extração mineral, mas sim, pela busca por terras férteis geograficamente beneficiadas pela bacia hidrográfica do Rio Paranaíba (Mapa 2). Nas palavras da autora: “As condições favoráveis viabilizaram a exploração agropastoril, que se constituiu como base para a implantação do município no decorrer do tempo”. (Urzedo, 2004. p. 68)

**MAPA 2:** Bacia hidrográfica do Rio Paranaíba



**Fonte:** (Pascoal; Amaro, 2019)

Urzedo (2010) segue citando alguns dos primeiros fazendeiros a se fixarem na região, como João Chrisóstomo de Oliveira e Castro em 1832, vindo de Minas Gerais, o qual segundo a autora trazia consigo além de sua família, pessoas escravizadas. Também vindo de Minas Gerais, José Ferreira de Jesus, em 1840, da mesma forma acompanhado de sua família e pessoas escravizadas.

Sobre a presença de escravos na região, há o registro de que o Distrito de Rio Verde – GO, e Nossa Senhora D’Abadia do Paranaíba (atual município de Quirinópolis - GO), criado em 1879 pela Lei Provincial nº 603 estão inseridos num contexto de fim do século XIX, de

repercussão e impactos causados pela Lei Áurea (nº 3.353 de 1888). Nesse contexto é publicado em 1888 na terceira página da 149ª edição do *Jornal Goyaz Órgão Democrata*<sup>8</sup> onde fez-se possível localizar a seguinte notícia:

[...] A áurea lei de 13 de Maio não foi aqui recebida com entusiasmo. Os Leões, como sabe, nunca foram simpáticos a ideia abolicionista, apesar de serem em tudo o mais homens filantrópicos e amigos do progresso. O Joaquim Valeriano com a sua popularidade, o velho José Leão com a sua perspicácia e ilustração combateram quanto puderam o abolicionismo nas urnas com a força de vontade e pertinácia com que hoje guerreiam a monarquia. É justo que o republicanismo comece por aqui, já que o Rio Verde foi, pode-se dizer, a única localidade da provincia que deu abrigo ao escravismo. Trabalhe, hoje, pela liberdade do povo a paróquia que, ontem, trabalhou contra a liberdade dos escravos.

Não encontramos registros que falem especificamente das pessoas submetidas pela família de João Chrisóstomo de Oliveira e Castro à condição de escravidão, porém quando realizada consulta ao acervo do “Museu Histórico Municipal de Quirinópolis”, no ano de 2024, pode-se encontrar na obra memorialista *A história de Quirinópolis em versos rimados*, um trecho que destaca (mesmo que de maneira a ser interpretado como uma romantização) uma pequena menção à existência de pessoas em condição de escravidão. Nas palavras do autor, Hélio Campos Leão# (s/d. p. 3):

Ele propôs a seu patrão,  
Em comprar sua liberdade.  
Manoel Ferreira aceitou  
E teve grande piedade.  
Manoel Ferreira era homem  
De muito bom coração  
Deu ao negro liberdade  
e mil alqueires de chão.

Na sequência dos versos, Hélio Campos Leão, menciona o estabelecimento de famílias negras, Vitorinos e Sinfrônios, próximo às margens do Rio das Pedras. Em Urzedo (2012)<sup>9</sup>, há o registro de sua pesquisa usando de entrevistas com remanescentes da família Vitorino, uma família pioneira em Quirinópolis, e pouco mencionada na chamada História Oficial do município.

Nas palavras de Urzedo (2012. p. 251):

Os negros participaram e ajudaram na fundação de Quirinópolis trabalhando nas fazendas e na cidade. Inicialmente por problemas de discriminação racial as famílias dos Vitorinos, os Sinfrônios, formaram comunidades e isolaram-se, parcialmente por muitos anos, caracterizam-se como comunidade negra rural, portadora de identidade

<sup>8</sup> Centro de Documentação Digital Memória e História Afro-Goiana (UEG/Quirinópolis), "Rio Verde". **Goyaz Órgão Democrata**. 149ª edição. Sexta-feira, 27 de julho de 1888, página 3.

<sup>9</sup> Capítulo 23 “Os afrodescendentes em Quirinópolis - da presença pioneira aos remanescentes vitorinos”, da obra “Quirinópolis: mãos e olhares diferentes” Volume II.

e tradições próprias ligadas à cultura africana. Esta postura lhes assegurou uma posição de distinção na sociedade até os dias atuais.

A partir destas fontes pode-se elaborar a hipótese de que tais famílias seriam descendentes diretos de pessoas escravizadas que teriam migrado para o território onde hoje conhecemos por Quirinópolis junto aos senhores de escravos, povoadores da região.

São mencionados por Urzedo (2010), migrantes vindos de São Paulo como Custódio Lemos do Prado acompanhado de sua família e que posteriormente teria sido assassinado por José Chrisóstomo. Consta também a família Rodrigues, os quais migraram de Minas Gerais para a atual região de Quirinópolis tendo seus descendentes vindos diretamente da Espanha.

Ainda segundo Urzedo (2010) o migrante Custódio Lemos teria sido um dos doadores da terra oferecida à Igreja Católica para a construção da primeira Capela e em seguida, comandados pela família Rodrigues, anteriormente mencionada, novos moradores da região construíram uma capela em 1868 onde padres vindos do município de Rio Verde - GO ficaram responsáveis por rezar a missas.

De acordo com Andrade (2012), no contexto de ocupação do que viria a se tornar o sul de Goiás (hoje sudoeste), concentrou-se nas intenções daqueles que viriam da região sudeste do Brasil a exploração econômica da agropecuária. Nas palavras de Andrade: “período onde a presença dos boiadeiros era marcante e mudava o cenário da atual região de Goiás”. (Andrade, 2012. p. 39). Mudanças advindas de um novo cenário econômico em que a criação de gado torna essencial os saberes com a lida na criação de animais.

Ainda de acordo com o relato supracitado, a família Rodrigues foi responsável por abrir o primeiro comércio próximo à capela, dessa maneira proporcionando um maior povoamento ao seu entorno, além de terem sido responsáveis por solicitar a elevação de povoado “capelinha” para freguesia de Nossa Senhora D’Abadia do Paranaíba em 1879.

Segundo Neves (2012), o território atual de Quirinópolis registrou seu primeiro núcleo urbano ainda no final do século XIX. No início, povoada por migrantes vindos da região sudeste do Brasil, os quais tomaram posse de extensas faixas de terras. Posteriormente, já no início do século XX, foi recebendo novos povoadores, os quais vieram a se estabelecer ao entorno da primeira Igreja Matriz construída na década de 1920 (Figura 1):

**Figura 1:** Fotografia da Igreja Velha Matriz de Quirinópolis - GO na década de 1920



Fonte: Urzedo (2010, p. 359)

Como afirma Neves (2012, p. 21) sobre esse primeiro núcleo da cidade:

Este já se fazia notar e seus habitantes se esforçavam para que seu crescimento continuasse. Aqui abro um parêntese para destacar que os moradores, visando ao crescimento do nascente povoado retornavam aos seus lugares de origem para convidar familiares e pessoas que consideravam de alguma importância para também vir viverem na localidade.

Nos registros memorialistas do advogado e descendente de uma das famílias pioneiras da atual cidade de Quirinópolis, Dr. Assilvo D'Abadia, em sua publicação regional intitulada *Líderes políticos de Quirinópolis*, em sua terceira edição, nos diz que:

Lamentavelmente a precoce morte do Cel. José Quirino Cardoso restringiu sua participação na história e fundação de Quirinópolis [...] ao morrer assassinado (na condição de vice presidente da comissão fundadora da nova cidade de Quirinópolis) propiciou aos chefes políticos da cidade [...] reivindicassem aí prefeito de Rio Verde Cel. Antônio Martins Borges [...] que mudasse o nome da cidade de “Nossa senhora D’abbadia do Paranaíba”, Capeli-nha” para Quirinópolis (Decreto Municipal nº 17 de 24/02/1931) (D’Abadia. s/d)

A região em questão conservou-se como território, distrito do município de Rio Verde (GO) até o ano de 1943, quando então emancipou-se como município. Ainda segundo Neves (2012), a partir das décadas de 1960 e 1970, o município de Quirinópolis passou por grandes transformações econômicas, principalmente na agricultura, o que fez com que grande número de migrantes, vindos de diversas regiões do Brasil contribuíssem para o crescimento populacional e, conseqüentemente, a expansão urbana.

Para Nogueira (2009) refletir sobre o espaço urbano de Quirinópolis-GO evidencia a necessidade de atentar-se ao espaço central da cidade. De acordo com a autora a gênese do processo histórico e das intencionalidades daqueles sujeitos históricos ativamente participantes estão grafadas no espaço, na arquitetura, nas raízes identitárias que ali se fazem presentes. Nas

palavras de Nogueira (2009, p. 4): “configuraram em conteúdo sócio/espacial/cultural de seu planejamento inicial.”

## 2.2 Famílias

De acordo com Lima (2016) as identidades tradicionais do município de Quirinópolis estão precisamente ligadas às famílias que ao decorrer da história do município desde sua fundação constroem e buscam preservar suas memórias participando das atividades políticas e culturais do município em questão. Nas palavras da autora: “A formação cultural da sociedade quirinopolitana está inteiramente ligada à formação de laços familiares.” (Lima, 2016. p. 43)

Faz-se necessário aqui pensar o papel das famílias pioneiras nos núcleos urbanos interioranos. De acordo com Mioto, Nunes, Moraes e Horst (2018) o familismo pode ser interpretado como intervenções familiares em contextos sociais em que não há políticas sociais o suficiente para o atendimento das demandas de uma comunidade. Nas palavras desses autores (2018, p. 10): “desde os primórdios da organização do Estado nacional no Brasil sua função é garantir a dominação política dos senhores rurais”.

Entende-se então por senhores rurais na formação de núcleos urbanos interioranos no Brasil a partir do século XIX como é o caso da atual cidade de Quirinópolis os chefes de família inseridos num modelo familiar patriarcal. Em Urzedo (2012)<sup>10</sup>, nos é apresentado através de um ponto de vista econômico e cultural familiar, relatos registrados pelas autoras, os quais podem nos ajudar a compreender os processos migratórios de famílias vindas do Estado de Minas Gerais para a atual microrregião Sudoeste do Estado de Goiás, mais especificamente para o município de Quirinópolis na década de 1960.

De acordo com Urzedo (2012), num contexto de expansão agrícola no município de Quirinópolis - GO, a família Pascoal, se desloca do município de Capinópolis - MG com destino ao município de Quirinópolis - GO buscando melhores condições de vida. Nas palavras de Rezende e Pasquali (2012. p. 280): “A família chegou em Quirinópolis no dia 18 de julho de 1961, ‘na boca da noite’ (expressão que indica a noite “engolindo” o dia, o anoitecer). Nessa época, a energia elétrica da cidade era fornecida por um motor que após as 22h era desligado, e a cidade ficava às escuras.”

---

<sup>10</sup> Na segunda edição da obra memorialista “Quirinópolis: Mãos e olhares diferentes (1832 - 2012)”, encontra-se no capítulo XXVI intitulado “Resgate de memórias: a conquista de um sonho” escrito por Rezende e Pasquali (2012).

O trecho do relato anteriormente mencionado destaca aspectos da vida urbana e da infraestrutura do município de Quirinópolis da década de 1960, uma cidade do interior onde todos se recolhem ao entardecer. Quanto à infraestrutura, destaca-se a presença do gerador a combustão necessário pela inexistência de fornecimento de energia elétrica em maior escala.

No relato da família Pascoal, faz-se presente o meio de transporte utilizado no processo migratório e a quantidade de membros da vasta família. Quanto ao meio de transporte, tratava-se de um caminhão modelo D30/1937 como está ilustrado na Figura 2 a seguir:

**Figura 2:** Transporte utilizado pela família Pascoal em julho de 1961



**Fonte:** (Urzedo, 2012. p. 280)

Quanto ao contingente familiar transportado no caminhão, estavam em 30 pessoas, 14 adultos e 16 crianças. (Rezende; Pasquali, 2012). O transporte de passageiros em carrocerias de caminhões no decorrer da história do Brasil, mais especificamente no século XX quando os chamados “paus de arara”, transportes não regulamentados, carregados de adultos e crianças migrantes, viajando sem qualquer registro e segurança, não eram incomuns, sendo este relato e registro fotográfico uma evidência de precárias condições presentes no contexto histórico trabalhado nesta pesquisa.

O relato memorialista da família Pascoal, também menciona a migração de trabalhadores rurais vindos da região Nordeste do país, principalmente dos Estados da Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte. De acordo com Rezende e Pasquali (2012. p. 282):

Na colheita, cada trabalhador que estava na máquina tinha uma tarefa: o operador responsabilizava-se pela colheita, e os demais ficavam na recepção dos grãos, à espera das sacas encherem para costurá-las e empurrá-las ‘bica abaixo’, espalhando-as pela roça.

Na Figura 3, obtida em Urzedo (2012), pode-se visualizar o processo descrito.

**Figura 3:** Trabalhadores ensacando grãos / Trabalhadores operando maquinário s/d



Fonte: (Urzedo, 2012. p. 283)

De acordo com Silva (2010) as transformações ocorridas no município de Quirinópolis entre as décadas de 1960 a 1970 impactaram a paisagem rural. Nesse contexto, nas palavras de Silva (2010, p. 24):

[...] até os anos 1970 do séc. XX prevalecia a prática dos cultivos tradicionais<sup>11</sup> que coexistiam com áreas de pastagens naturais praticadas em locais remanescentes do cerrado, com destaque para a agricultura familiar. Esse tipo de organização garantia a sobrevivência do homem no campo que usava o sistema de parceria, o qual beneficiava tanto proprietários rurais quanto lavradores; assim, eram produzidos os grãos necessários à subsistência, sendo a terra a principal fonte de manutenção e permanência do homem no espaço rural.

A prática de parceria entre os proprietários de terras e os pequenos produtores camponeses consistia nas relações de trabalho em que os proprietários rurais permitiam a residência e produção agrícola de camponeses em suas terras, em contrapartida os camponeses vendiam sua força de trabalho para a lida com a criação do gado, incentivou num primeiro momento a migração de diversas famílias as quais buscavam melhores condições para sua

<sup>11</sup> Silva (2010) destaca como cultivos tradicionais as “roças” de milho, feijão e arroz.

sobrevivência. Os migrantes vindos, de acordo com Neves (2012), dos Estados de Minas Gerais, Pará, Maranhão e Bahia encontravam no sistema de parceria para o uso da terra e moradia em troca de prestação de serviços, uma saída esperançosa perante uma perspectiva futura incerta em uma nova terra a ser desbravada.

Nas palavras de Santos (2023. p. 22):

Foi com essa expansão da mão de obra no campo que as famílias dos pequenos produtores tiveram um aumento na concorrência na produtividade das culturas. Uma vez que os grandes produtores se instalaram na região, contratavam dezenas ou até centenas de funcionários assalariados para trabalhar nas lavouras, principalmente de arroz, milho e algodão, visando o comércio com os Estados de Minas Gerais e São Paulo.

Neste contexto, o número de produtores rurais de pequeno porte com características camponesas diminuiu por diversos fatores como o aumento de grandes proprietários de terras que investiam em maquinários modernos e aquisição de grandes porções de terras, produtores de gado, grãos e hoje mais especificamente após o ano 2000, produtores de cana de açúcar.

Esse processo fez com que as comunidades tradicionais familiares fossem substituídas pelo que Pereira, Ribeiro e Rilko (2017) consideram ser um processo de desenvolvimento capitalista para a industrialização e consumo. De acordo com esses autores a comunidade da Pedra Lisa localizada na zona rural de Quirinópolis-GO, exerce sua resistência através das permanências de práticas culturais religiosas como a Folia de Reis realizada todos os anos e passada de geração em geração e até mesmo no trabalho de produção e venda de produtos agrícolas e artesanais nas feiras livres realizadas na cidade de Quirinópolis.<sup>12</sup>

### 2.2.1. Migração japonesa para o município de Quirinópolis - GO

De acordo com Mota (1992) apesar do incentivo à imigração japonesa para o Brasil ter se iniciado ainda no início do século XX, não houve de imediato a presença destes imigrantes no Estado de Goiás. Ainda de acordo com Mota (1992) a forma de inserção nipônica ao Estado de Goiás se dá pelo deslocamento ou migração interna, colonos japoneses e descendentes vindos de Estados como São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

---

<sup>12</sup> Sobre esses temas – práticas culturais populares e produção artesanal em Quirinópolis – é importante destacar a Tese de Doutorado de Edevaldo Aparecido Souza (2013) que trabalhou com o tema *O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana de açúcar em Quirinópolis-GO*, e procurou refletir sobre as estratégias de manutenção dos valores tradicionais da população habitante da região rural Pedra Lisa em Quirinópolis-GO; e a Dissertação de Mestrado de Wanderleia Silva Nogueira (2011) *A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis: lugar de memória – 1918-2010*.

Para Mota (1992) pode-se destacar alguns fatores motivadores para a migração nipônica para o Estado de Goiás, seja pela insatisfação dos colonos na região que se estabeleceram na chegada ao Brasil e pela disponibilidade de terras agricultáveis com a perspectiva da aquisição de propriedades rurais tendo em vista a perspectiva de Goiás como um Estado com necessidade de povoamento ao decorrer do século XX.

A primeira edição da obra “*Quirinópolis: Mãos e olhares diferentes (1832 - 2010)*” em Urzedo (2010) reuniu em seu capítulo XVIII<sup>13</sup>, uma série de relatos obtidos através de entrevistas com famílias descendentes de japoneses, os quais teriam imigrado para o Brasil em busca de novas oportunidades e por diversos fatores teriam fixado moradia no atual município de Quirinópolis - GO, contribuindo para o desenvolvimento da agricultura local.

De acordo com Urzedo (2010), diversas foram as famílias de origem japonesa em Quirinópolis, dentre elas está a família Akegawa. O Sr. Massao Akegawa, nascido no Japão em 1909, imigrou para o Brasil em 1922 com sua família, os quais no município de Quirinópolis - GO teriam se estabelecido na década de 1960, adquirindo uma propriedade às margens do Rio São Francisco onde foram pioneiros da região no cultivo de tomate e caqui.

Outros relatos obtidos por Rios (2010), foram da família Shiguenobo Yuzuki, os quais se estabeleceram em Quirinópolis na década de 1970, e foram responsáveis pela fundação do primeiro laticínio no município de Quirinópolis - GO; já a família Mizuno, tendo estes adquirido terras no município e se dedicaram a plantação de algodão, arroz, milho, soja e a criação de gado. Nas palavras de Rios (2010): “Quando a família (Mizuno) aqui chegou não havia estradas asfaltadas e infraestrutura.”

A Família Sakamoto, também mencionada nos relatos, teria se estabelecido no município de Quirinópolis - GO também na década de 1970 dedicando-se à produção de algodão, soja e sorgo. A família Hashi e Hiraici também se estabeleceram na década de 1970, dedicaram-se à agricultura e à pecuária. O Sr. Yaculta Miyoshi se estabeleceu no município no final da década de 1970, tendo se dedicado à profissão de bioquímico com seu laboratório particular. (Rios, 2010)

As famílias Akegawa, Yuzuki e Sakamoto por terem se estabelecido no município goiano entre as décadas de 1960 e 1970 podem ser inseridas no contexto de implementação do Programa de Cooperação Nipo-brasileira para o desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER) o qual consistiu em uma parceria entre os governos brasileiro e japonês para o desenvolvimento

---

<sup>13</sup> Autoria de Marly Gonçalves Rios - graduada em Geografia, especialista em Geografia do Brasil.

da agricultura e produção de grãos protéicos para o abastecimento do país asiático. Nas palavras de Salim (1986, p. 31):

[...] o PRODECER previa a ocupação de enormes áreas de terras disponíveis nas regiões Centro Oeste e Norte. A estratégia proposta era a criação de grandes unidades agrícolas, com forte suporte empresarial, ao lado de fazendas de pequeno e médio porte fundamentado no sistema de operação cooperativista.

Além destas, Rios (2010) também destaca as famílias Nakamura e Goto estabelecidos no município na década de 1980 concentrando-se na agricultura, a família Nakachima estabelecida na década de 1990, vinda de Ribeirão Preto - SP, a família Kikaido estabelecida no município também na década de 1990, os quais a princípio se dedicaram a cultura da soja e milho, com a instalação das usinas sucroenergéticas no município tiveram de mudar sua fonte de renda.

A família Yokoyama, se estabeleceu no município de Quirinópolis - GO no início dos anos 2000, os quais após um breve período de volta ao Japão, retornaram para Quirinópolis em 2009, dedicando-se a prestação de serviços terceirizados para as usinas sucroenergéticas e a venda de produtos artesanais de origem japonesa. Outra família de origem japonesa presente no relato memorialista são os Oba e Miyabara os quais se estabeleceram no município de Quirinópolis – GO em 2007, dedicando-se aos serviços funerários. (Rios, 2010)

Nota-se que as famílias de origem japonesa estabelecidas no município de Quirinópolis entre as décadas de 1960 a 1980, predominaram de modo geral a atividade agropastoril seguindo as oportunidades econômicas presentes naquele período. Por outro lado, pode-se considerar a hipótese de que as famílias de origem japonesa que se estabeleceram no município de Quirinópolis – GO no início dos anos 2000 em diante devido a novas oportunidades de empreendimentos e o predomínio das indústrias sucroenergéticas na região levaram as famílias a se dedicarem a outras fontes de renda além da agropastoril.

### 2.3. Desenvolvimento econômico

De acordo com Monte-Mór (2006), a formação das estruturas urbanas no Brasil foi originada através de políticas de integração e concentração nos governos militaristas do início do século XX, tendo sequência na expansão para o oeste varguista e a interiorização em Juscelino Kubitschek, nas palavras de Monte-Mór (2006, p. 16):

O velho binômio Energia e Transporte transformou-se, nos anos setenta, em investimentos em infra-estrutura (rodovias, hidrelétricas), comunicações, serviços financeiros, entre outros. Os capitais internacionais que demandaram o Brasil

associaram-se à construção civil, ao latifúndio subsidiado e à agroempresa, que constituíam alguns dos acordos das elites econômicas nacionais e regionais para apoio ao militarismo (inter)nacional. Através do tecido urbano, estenderam-se o (aparato do) Estado, a legislação (trabalhista e previdenciária), redes de comunicações e serviços urbanos e sociais (produção e consumo), potencialmente por todo o País, dos centros dinâmicos às fronteiras de recursos naturais.

A relação do desenvolvimento urbano em vias de desenvolvimento econômico expansionista está presente na cidade de Quirinópolis – GO no contexto de expansão agrícola e conseqüentemente desenvolvimento urbano. Nas palavras de Neves (2012, p. 42):

Somente nos anos de 1970 começou a ser desenhada uma nova estrutura fundiária para a região, motivada pelo processo modernizador do espaço agrícola do cerrado. Inserido este cerrado no cenário econômico foi despertado o interesse dos agroexportadores pelas terras, antes vistas como improdutivas. E nos anos 80 a agricultura intensiva tomou impulso na região com a viabilização tecnológica do cultivo de soja.

Na descrição de Neves (2012) vemos a inserção de Quirinópolis no contexto das medidas tomadas pelos governos militares para a expansão da fronteira agrícola no Brasil, sendo o cerrado um ecossistema particularmente transformado e descaracterizado por esse processo. Mesmo que se considere o desenvolvimento econômico que efetivamente ocorreu, outras questões que seriam importantes, como a preservação ambiental, foram esquecidas.

No início dos anos 2000, O município de Quirinópolis passou por outra grande transformação, agora sob a política do agronegócio, que nesse momento impulsionou a implantação de duas grandes indústrias do ramo sucroenergético, as quais movimentaram a economia local e proporcionaram uma nova grande onda migratória para o município.

De acordo com Neves (2012, p. 42):

A partir de abril de 2007, data do início da operação da primeira usina sucroalcooleira que se instalou no município, assistiu-se à territorialização do capital no cerrado via agronegócio.<sup>14</sup> Goiás foi capturado pela lógica da produção do capital devido às vantagens comparativas de suas terras. O modelo de desenvolvimento econômico alargou-se em função da expansão do agronegócio nas áreas do Cerrado. Esta realidade evidencia-se pela extrema subordinação da agricultura às grandes indústrias.

Obviamente, o impacto dessa expansão do agronegócio no território da cidade alterou todas as áreas da vida local, à medida que influenciou de diversas maneiras – positiva ou negativamente – na vida de todos os habitantes, implicando no crescimento econômico em certas áreas, mas também no decréscimo da importância de outras, como, por exemplo, a dos pequenos produtores rurais, cujas atividades foram impactadas pela falta de incentivos

---

<sup>14</sup> Neves (2012) refere-se a uma nova inserção de capital agrícola em Goiás, caracterizado pela monocultura da cana de açúcar.

econômicos e também pelo uso de defensivos agrícolas por pulverização aérea, o que prejudicou pequenas produções.

Na concepção de Neves (2012) as transformações geradas pela mecanização e uso de técnicas agrícolas modernas em um período histórico relativamente curto (1950 - 2010) fez, nas palavras do autor: “o Cerrado Goiano, hoje, presenciar vários tempos em um mesmo espaço.” (Neves, 2012. p. 85)

Quirinópolis possuía entre as décadas de 1970 até o início do século XXI a aura de ser um município com grande produtividade de arroz, feijão, milho, soja e sorgo. Além da produção pecuária. Neste contexto, mesmo não sendo uma fase produtiva como havia sido em outrora, os pequenos produtores rurais eram fundamentais para a produção de alimentos para a população local. (Santos, Silva e Souza, 2017).

Nas palavras dos autores:

Como podemos observar o município de Quirinópolis além das monoculturas de grãos tinha o gado com grande predominância produtiva. Podemos entender que a presença do camponês nesta época era importante, pois parte do trabalho dependia da mão de obra do camponês, bem como de trabalhadores rurais, desde o plantio da semente até a colheita do grão, e na pecuária desde a produção leiteira, cria, recria e a engorda. (Santos, Silva e Souza, 2017. p. 60-61)

De acordo com Santos, Silva e Souza (2017) com a instalação da grande indústria sucroenergética no município de Quirinópolis-GO, houve diminuição da produção de gado de corte no município o que provocou o fechamento do matadouro municipal (figura 4) e a diminuição da agricultura familiar, a qual em grande parte era responsável por suprir o consumidor local, através da compra e revenda no varejo pela Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Vale do Paranaíba (AGROVALE).

**Figura 4:** Obras de construção do Matadouro Municipal - 1971



**Fonte:** Museu Histórico de Quirinópolis-GO

De acordo com Santos (2011), no ano de 2006 Quirinópolis começou um processo de grandes mudanças na paisagem rural, principalmente em relação a ocupação e uso do solo utilizado para a agricultura de arroz, milho e soja, os quais em parte foram periodicamente perdendo espaço para o cultivo da cana de açúcar como podemos observar na **Tabela 1** elaborada por Santos (2012) em sua Tese de Doutorado intitulada *Análise da dinâmica territorial de Quirinópolis-GO - 1960 a 2010*.

**Tabela 1:** Área ocupada (ha) do município de Quirinópolis, 2000 - 2010

Produtos	2000	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Arroz	1.200	700	2.000	1.000	200	150	300	150
Milho	8.400	6.500	8.200	7.000	6.000	4.500	4.500	3.500
Soja	28.000	50.000	37.000	25.000	10.000	20.000	21.000	20.000
Cana	0	0	0	5.000	9.000	25.000	38.400	43.200
Total	37.600	57.200	47.200	38.000	25.200	49.650	64.200	66.850
Pastagens	257.125			205.075				

<http://www.seplan.go.gov.br/sepin> - Estatísticas Municipais (Séries Históricas)

Organizador: Santos, G. C. dos. 2011.

Fonte: (Santos, 2011. p. 104)

Dados recentes sobre o uso e ocupação do solo no município de Quirinópolis destacam a produção de Soja com índice crescente quando comparados os anos de 2011 e 2022, porém mesmo com a recuperação de certa parcela do uso do solo pela produção de Soja no município de Quirinópolis, houve também crescimento significativo na produção da Cana de açúcar. Observa-se os dados na Tabela 2 a seguir:

**Tabela 2:** Área ocupada em Km<sup>2</sup> no município de Quirinópolis - GO, 2011 - 2022

PRODUTOS	2011	2022
Cana de açúcar	355,5	794,3
Soja	244,6	360,1

<https://brasil.mapbiomas.org/colecoes-mapbiomas/> - ocupação e uso do solo

Organizador: FILHO, R. C. Rabelo. 2024

O crescimento populacional, motivado pela atração da riqueza produzida e dos empregos ampliados pelo agronegócio, motivou mudanças significativas na configuração dos bairros da cidade e, também, na mudança da relação da população com seu passado, transformada, devido ao seu recente estabelecimento na região.

De acordo com Souza (2013) na década de 2010 em diante o desenvolvimento econômico do município de Quirinópolis está diretamente associado à indústria

sucroenergética, principalmente através da matéria prima cana de açúcar. Para Souza (2013) tal desenvolvimento trouxe consigo transformações no âmbito sociocultural do município em questão. Na concepção de Souza (2013) com o surgimento de oportunidades de trabalho diretas e indiretas, pode-se acompanhar a chegada de migrantes vindos de várias regiões do Brasil, conseqüentemente o crescimento da população, modificações na paisagem urbana e também nos aspectos culturais.

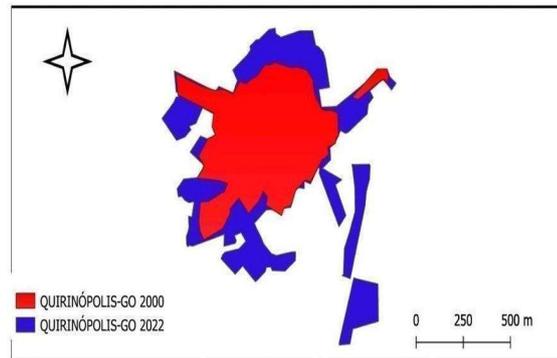
Segundo o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Brasil, 2024) a população residente no município de Quirinópolis no ano de 2000 era de aproximadamente 36.512 habitantes. O censo demográfico do IBGE realizado no ano de 2022, registrou uma população residente no município de aproximadamente 48.447 habitantes. Constata-se num período de 22 anos um crescimento populacional de 11.935 habitantes residentes o que pode ser explicado pelo crescimento da agroindústria e a migração de trabalhadores e familiares vindos de diversas regiões do país.

Pereira e Santos (2010), ao realizarem uma breve retrospectiva sobre os processos de desenvolvimento histórico e socioeconômico do município de Quirinópolis, concluem que no findar da década de 1990, o município em questão testemunhou um grande movimento migratório, o que conseqüentemente provocou uma expansão das áreas urbanas e transtornos à população causados pela falta de planejamento urbano. Nas palavras de Pereira e Santos (2010, p. 177): “Apenas recentemente, mais precisamente de 2008 em diante, os bairros recém aprovados, tem tido previamente um estudo e determinações conforme a legislação específica.”

O crescimento urbano do município de Quirinópolis - GO pode ser observado na Mapa 3 e Tabela 3 os quais representam o crescimento urbano em Km<sup>2</sup> numa comparação entre o ano 2000 e 2022 em que se chegou ao número de 6 Km<sup>2</sup> em crescimento do perímetro urbano.

Em Urzedo (2010), encontramos texto de Alan Domingues da Fonseca, o qual, no contexto de sua escrita, vivenciava os processos de transformações do município vai nos dizer que:

Como Quirinópolis se transformou num verdadeiro canteiro de obras em face da indústria canavieira e a breve chegada da ferrovia Norte-Sul, urge um plano diretor de ampla visão, para que a cidade não padeça futuras sequelas físicas e sociais, ditadas pela imprevidência política e administrativa, tão corriqueiras no Brasil. (Urzedo, 2010. p. 292)

**MAPA 3:** Diferença da ocupação urbana em Quirinópolis - GO, 2000 - 2022

Fonte: (Filho; Caes. 2023)

**Tabela 3:** Crescimento urbano no município de Quirinópolis, 2000 - 2022

Ano de referência	Área em Km <sup>2</sup>
2000	6,4
2022	12,4

<https://brasil.mapbiomas.org/colecoes-mapbiomas/>  
Organizador: FILHO, R. C. Rabelo. 2024

Este mapa e este gráfico indicam o crescimento significativo da área urbana, conforme apontado, situação determinada pelos fatores descritos, relacionados às mudanças econômicas e à atração dos migrantes de diversos estados visando as oportunidades de trabalho e sobrevivência.

#### 2.4. Memórias e narrativas em Quirinópolis a partir das bibliografias: aspectos da cidade

Nas palavras de Vasconcelos (2011. p. 9):

As narrativas de lembranças das experiências vividas no passado, ainda que não tenham a pretensão do rigor teórico-metodológico que a historiografia exige, não obstante apontam para fatos e situações que realmente aconteceram, e que por isso podem constituir-se em fontes para a pesquisa do historiador.

De acordo com Vasconcelos (2011), as narrativas memorialistas são ricas fontes de pesquisa para o estudo em História, cabendo ao historiador pesquisador não olhar para as fontes de que dispõe como verdades propriamente ditas, mas sim como fragmentos de uma identidade construída a partir de interesses variados, em geral determinados pelas vivências dos autores.

Considera-se as narrativas memorialistas, como fontes históricas dotadas de intencionalidades, das quais os contribuintes querem perpetuar o seu ponto de vista dos acontecimentos.

A esse respeito, Nogueira (2009) nos diz que é possível, na história de Quirinópolis presente nas edificações e narrativas dos cidadãos nela inseridos, resgatar como num achado arqueológico, fragmentos ressignificados ao longo do tempo.

Nas palavras da autora:

Ao ouvirmos narrativas que religam a Praça dos Três Poderes, uma arquitetura moderna (símbolo da política partidária) sendo uma das edificações marcantes na paisagem do centro de Quirinópolis, podemos nos deparar com o que se denomina aqui de desfragmentação. (Nogueira, 2009. p. 7)

Para Nogueira (2009) torna-se possível reconectar os fragmentos encontrados nas narrativas, as quais quando colocadas em conjunto podem ser conectadas em memórias. A autora menciona a Praça dos Três Poderes, onde ainda hoje se encontra a sede da prefeitura municipal de Quirinópolis-GO, a qual pode ser resgatada em diferentes fragmentos de memórias e o próprio prédio da antiga prefeitura, onde hoje se localiza uma instituição escolar de âmbito privado, passa a ser um novo lugar de memória, estando ainda vivas naqueles que a testemunharam e os que ainda testemunham seus vestígios urbanos deixados.

Neste sentido, Urzedo (2004, p. 66) vai nos dizer que: “Trata-se de resgatar os sentidos construídos historicamente em torno da gênese da cidade de Quirinópolis, buscando entendê-la e sistematizá-la de forma significativa.”

A intenção ao resgatar tais fragmentos de memórias e narrativas anteriormente mencionadas é contribuir com o papel da Universidade em dar como devolutiva à sociedade, conhecimentos que lhes agreguem, neste caso noções identitárias: “O desafio é descolar as camadas das memórias, cavar fundo as suas sombras, na expectativa de atingir novas interpretações.” (Urzedo, 2004. p. 66)

Em sua pesquisa, reunindo documentos, acervos fotográficos e entrevistas orais, Urzedo (2004) conclui que a “Escola Normal Regional Coronel Quirino”, a qual foi seu objeto de estudo, tratou-se de uma iniciativa das elites econômicas locais do município de Quirinópolis para atender suas necessidades e a de suas futuras gerações. Urzedo (2004) nos diz que mesmo contando com a presença de alunos economicamente menos favorecidos e uma única estudante negra, a qual, inserida num contexto histórico das décadas de 1950 a 1960, certamente precisou lidar com práticas de racismo, a Escola Normal Regional Coronel Quirino em Quirinópolis - Goiás não pode silenciar os problemas sociais enfrentados naquele contexto.

Souza e Santos (2011) voltam suas atenções enquanto pesquisadores para o estudo Geográfico tendo como objetivo discutir quais são os impactos causados pela inserção das indústrias sucroenergéticas no município de Quirinópolis para o mundo do trabalho.

De acordo com os pesquisadores, a presença das indústrias sucroenergéticas tem causado grandes transformações no município, como a reestruturação da produção de riquezas o que conseqüentemente provocou mudanças no ambiente urbano e rural de Quirinópolis. Nas palavras de Souza e Santos (2011, p. 181):

Sabe-se que na base dessas relações encontra-se o trabalho, principal categoria de sustentação da sociedade. No caso em estudo, o capital sucroalcooleiro, gerou postos de trabalho com características particulares para remunerá-lo na perspectiva do mercado internacional, gerando inclusive ampliação da captura do tempo de trabalho do trabalhador, principalmente, quando se considera os seus deslocamentos nas lavouras de cana-de-açúcar.

Em sua pesquisa de campo, Santos e Clemente (2017) aplicaram questionários para comerciantes e consumidores da rua Rio Preto e obtiveram as seguintes informações:

Sobre a origem dos consumidores da Rua Rio Preto, o maior número (90%) diz respeito ao município de Quirinópolis, oriundos dos bairros Centro, Vila Parreira, Onício Resende e fazendas, especialmente das zonas rurais do Salgado, Pedra Lisa, Cachoeirinha do Rio Preto e Serra da Confusão. Esses dados mostram que a região possui uma clientela de várias partes do município, extravasando os limites da Rua Rio Preto ou até mesmo a sua aglomeração física (a cidade). (Santos; Clemente. 2017. p. 61)

Além disso foram obtidas informações acerca da assiduidade dos clientes que até o momento da pesquisa<sup>15</sup>, frequentavam o comércio da rua Rio Preto.

Nas palavras de Santos e Clemente (2017. p. 61):

Nesse contexto [...] demonstra que 53% dos consumidores compram no lugar entre dois e cinco anos. Os clientes mais tradicionais representam um universo de 7%, pois frequentam os estabelecimentos dessa via urbana há mais de uma década – dentre esses indivíduos, muitos confidenciaram que os avós e pais tinham (e/ou) têm o hábito de frequentar essas lojas desde a década de 1970. (Santos; Clemente. 2017. p. 61)

A rua Rio Preto mantém grande parte de sua atividade comercial ainda no ano de 2024, porém não mais se tratando da principal rota comercial do município, posto agora ocupado pela Avenida Brasil, a qual atravessa o perímetro urbano em sentido duplo Leste/Oeste e Oeste/Leste conectando de maneira eficiente os bairros ao centro da cidade o que favoreceu o comércio a partir do crescimento urbano.

---

<sup>15</sup> SANTOS, Jean Carlos Vieira; CLEMENTE, Renata Dias Borges. Um Caminho Urbano, Suas Edificações E Comércios No Interior De Goiás: A Tradicional Rua Rio Preto. **Revista Percurso - NEMO**. ISSN: 2177- 3300 Maringá, v. 9, n. 1, p. 41- 68, 2017.

Para além das mudanças físicas no ambiente urbano de Quirinópolis, a guinada econômica do município fez com que prestações de serviços como o da hospedagem e hotelaria sofressem impactos significativos.

De acordo com os autores Santos e Cardoso (2020) na primeira década dos anos 2000 o serviço hoteleiro da cidade de Quirinópolis, desde os antigos proprietários de hospedagens até os novos proprietários de hotéis tiveram de reinventar seus negócios para atender as demandas do grande número de novos clientes, estes, ligados às indústrias sucroenergéticas então, recém-instaladas no município.

Até o início do século XXI os serviços de hospedagens da cidade de Quirinópolis eram caracterizados pela tradição familiar e pela simplicidade. Nas palavras dos pesquisadores:

Os primeiros meios de hospedagens da cidade de Quirinópolis surgiram por iniciativa de moradores que não tinham nenhuma experiência com hotelaria, mas que buscaram nessa atividade uma forma de sobrevivência e renda. Isso levou ao surgimento dos primeiros leitos de hospedagem urbanos nas primeiras décadas do século XX, principalmente nas proximidades dos terminais rodoviários. (Santos; Cardoso. 2020. p. 91)

Os pesquisadores Santos e Cardoso (2020) em sua pesquisa de campo, constataram que uma das primeiras residências a abrigarem o repouso noturno de viagens foi a chamada “Pensão da Dona Crioula”, a qual segundo os autores ficava localizada próxima ao primeiro terminal rodoviário do município de Quirinópolis, representado na figura 5<sup>16</sup>, também conhecido pelos moradores mais antigos como Rodoviarinha e que se localiza na rua Rio Preto nas proximidades do antigo centro comercial.

**Figura 5:** Antigo terminal rodoviário de Quirinópolis - GO



Fonte: Foto tirada no dia 25/05 do ano de 2024 pelo pesquisador Ruy Carlos Rabelo Filho.

---

<sup>16</sup> Atualmente a antiga “rodoviarinha” foi ressignificada enquanto um espaço cooperativista em que famílias tradicionais vendem seus produtos artesanais e de agricultura familiar.

Para os autores Santos e Cardoso (2020) a partir das instalações das indústrias sucroenergéticas no município de Quirinópolis-GO, surgiram “novos conceitos e estruturas, pois continuam as atividades em residências (pensões); entretanto, surge uma nova lógica de serviços de hospedagens denominada hotel.” (Santos; Cardoso. 2020. p. 91 - 92)

## 2.5. Práticas culturais identitárias

De acordo com Filho, Ávila e Urzedo (2018) as festividades e eventos públicos realizados ao longo dos anos no município de Quirinópolis-GO, são nas palavras dos autores: “manifestações que preservam a identidade da população de Quirinópolis”. (Filho; Ávila; Urzedo. 2018. p. 25)

Neste sentido, tais práticas culturais se manifestam para além das práticas religiosas, estão presentes nas festividades voltadas às memórias do rural, do campo, as quais fazem parte do processo de manutenção da memória e identidade do município, em que as novas gerações de moradores podem ter contato com festividades culturais de seus antepassados. As memórias são revividas em momentos de rememorar, contos, relatos, histórias e saberes passados de geração em geração.

Dentre essas festividades, destaca-se as cavalgadas, tradição não exclusiva do município de Quirinópolis, representada na Figura 6, seguida das festividades realizadas no Parque de Exposições do Sindicato Rural de Quirinópolis-GO, e os rodeios.

**Figura 6:** Cavalgada realizada em Quirinópolis - GO



**Fonte:** [claroesquirinopolis.com](http://claroesquirinopolis.com)

Nas palavras de Filho, Ávila e Urzedo (2018. p. 28):

Todos (os participantes) se identificam com a cultura, orgulham-se, investem recursos em animais e apetrechos para mostrarem e perpetuarem os seus valores. Também pode-se observar a interação harmoniosa de gênero com várias mulheres participando em todos os grupos, bem como a mistura de jovens, crianças e adultos. Os pais incentivam e passam de geração para geração os traços da cultura quirinopolina.

No aniversário de Quirinópolis-GO comemorado no dia 22 do mês de janeiro, tem-se como uma tradição municipal, independente dos representantes políticos dos poderes executivo e legislativo, a realização de noites de festas normalmente realizadas ou no Parque de Exposições do Sindicato Rural de Quirinópolis ou no Parque público denominado Lago Sol Poente.

As festividades presentes no município e que remetem a tradições compartilhadas por diversos municípios não só em Goiás, mas em todo o Brasil, nos permite observar Quirinópolis-GO e suas tradições como um espaço de ressignificações, misturas e adaptações culturais para um contexto de maior urbanização e modernização. Desse modo as novas identidades presentes do imaginário de Quirinópolis são reflexo de sua população heterogênea.

Parte da tradição do município de Quirinópolis-GO vem dos migrantes nordestinos que ao longo da história do município contribuíram nos desenvolvimentos econômicos, sociais e culturais da cidade e do campo. Nesse contexto, no ano de 2019, foi aprovada a Lei Municipal Nº 3.314 de 22 de março de 2019 a qual instituiu o dia 08 do mês de outubro como o Dia Municipal do Migrante Nordestino no Município de Quirinópolis.

No Art. 3º da respectiva Lei, sobre os objetivos da instituição do Dia do Migrante Nordestino são:

- I – estimular a integração da cultura do Nordeste com a cultura do Município, promovendo o envolvimento de toda a sociedade local para que reconheça o papel do nordestino na estruturação política, econômica e social do Município;
- II – tornar conhecidas no Município às manifestações culturais, gastronômicas, a dança, o folclore, a música, bem como outras atividades regionais;
- III – conscientizar os descendentes de nordestinos, sobre a importância da cultura do nordeste no processo histórico-cultural do Município.

## 2.6. Tradição culinária como expressão da cultura do milho e tradição de uso das ervas

De acordo com Urzedo (2010) ainda na década de 1940, nasceu na residência de Petronilha Ferreira Cabral o prato típico denominado Chica Doida, o qual de acordo com a versão oficial teria sido preparado por um incidente peculiar. De acordo com relatos de Dona

Petronilha e familiares, durante a realização de uma tradicional Pamonhada<sup>17</sup>, a falta de palha para confeccionar mais pamonhas fez com que surgisse a ideia de colocar a massa de milho em uma assadeira e levá-la ao forno recheada de outros ingredientes que estavam à disposição na cozinha.

O prato Chica Doida tornou-se ao longo dos anos muito popular não só no município de Quirinópolis, também em vários Estados além de Goiás. Toda essa popularidade fez com que a Chica Doida ganhasse notoriedade nacional. Nas palavras de Filho, Ávila e Urzedo (2018. p. 29):

O prato Chica Doida levou a culinária quirinopolina para todo o Brasil via programas de televisão como o Globo Rural e o Programa Mais Você da rede Globo de Televisão. A Chica Doida conquistou adeptos por todo o país pela inovação, oriunda de um incidente durante uma pamonhada. A ideia da criadora surgiu, porque faltou palha para a produção da tradicional pamonha e, para não desperdiçar os ingredientes foi improvisada uma receita da massa assada. Na receita, a criadora acrescentou o que havia na cozinha do que restou do almoço como carnes e legumes. Os primeiros degustadores gostaram tanto da iguaria que ela foi aperfeiçoada com o acréscimo de outros ingredientes como o pequi.

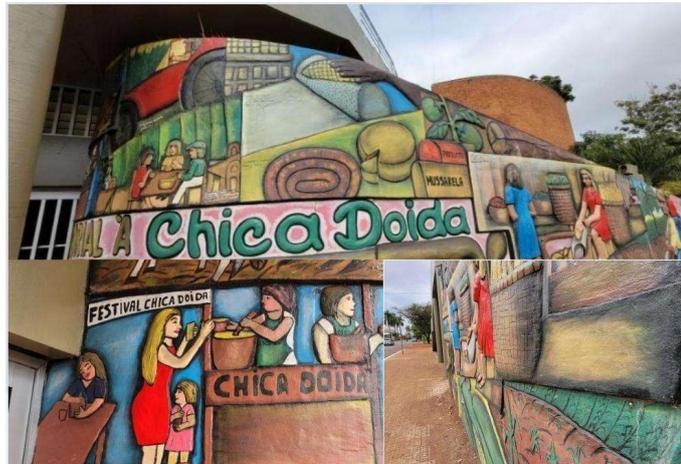
A Lei Estadual de Goiás Nº 21.307, de 12 de abril de 2022 declara a gastronomia e cultura da Chica Doida como Patrimônio Cultural Imaterial goiano. A já tradicional Chica Doida é lembrada todos os anos pelos cidadãos quirinopolinos através da realização do Festival da Chica Doida onde é promovida competição gastronômica “A Chica mais doida” com premiações em dinheiro, além da produção e venda do prato típico pelas Escolas municipais, contribuindo para a festividade cultural e para a arrecadação de fundos para as instituições de ensino públicas.

Para além das festividades, estão registradas nos muros do antigo prédio da Universidade Estadual de Goiás - UEG Quirinópolis campus I, expressões artísticas de concreto em alto relevo que compõe o chamado “Memorial à Chica Doida”. Na Figura 7 pode-se visualizar o memorial que além de tornar o ambiente urbano um lugar de rememorar para aqueles que podem enxergar, seu alto relevo permite que deficientes visuais possam acompanhar a história de Quirinópolis e sua Chica Doida pelo tato de suas mãos.

---

<sup>17</sup> Reunião de familiares para a produção de pamonhas, alimento tradicional feito com o milho.

**Figura 7:** Memorial à Chica Doida



**Fonte:** foto registrada pelo pesquisador Ruy Carlos Rabelo Filho no dia 25/05/2024

Ainda uma última manifestação das tradições quirinopolinas é abordada pelos pesquisadores Azevedo e Lemes (2020), que buscaram através de seu trabalho de campo realizado em Quirinópolis-GO encontrar qual é o lugar das chamadas benzedeadas no contexto sociocultural pelo viés antropológico.

De acordo com Azevedo e Lemes (2020) o município de Quirinópolis possui em seu espaço social aspectos populares culturais religiosos que se manifestam no cotidiano da cidade, em especial os aspectos ligados ao catolicismo popular. Nas palavras dos pesquisadores:

Aqui, os terços, as rezas, os chás e as “benzeções” emergiram quase que naturalmente, pois os romeiros vindos de diversas localidades desfilavam em procissão pela cidade em carros de bois. Os carros eram muito bem ornamentados com o nome da localidade de origem e o carreiro vinha acompanhado de sua família. Isso ainda hoje é muito comum nas cidades interioranas de Goiás. (AZEVEDO; LEMES. 2020. p. 365)

As religiosidades populares caracterizadas no contexto citadino de Quirinópolis-GO podem ser identificadas como elementos identitários dos sujeitos históricos, os quais se sentem pertencentes ao espaço da cidade carregado de características que lhes causam afinidade cultural.

Pode-se considerar durante o desenvolvimento deste capítulo, o qual perpassa pelos processos e construções das identidades dos sujeitos históricos que habitam e/ou habitaram o município de Quirinópolis-GO durante sua história, um multiculturalismo, se levarmos em consideração a definição de multiculturalismo em Ribeiro (2012), o qual ao descrever a trajetória da construção deste conceito ressalta como uma defesa de muitas culturas dotadas de fronteiras de maneira a não se misturarem.

Ribeiro (2012), por outro lado, contrapõe ao conceito de multiculturalismo o conceito de interculturalidade, onde as culturas se misturam, sendo Quirinópolis-GO uma zona de interseção de vários indivíduos vindos de diferentes localidades seria racional levar em consideração a hipótese de Quirinópolis, assim como outros espaços urbanos contemporâneos, ser de fato um espaço geográfico onde os sujeitos tornem suas culturas aglutinadas umas às outras causando uma heterogeneidade cultural e identitária. Podemos afirmar neste ponto que Quirinópolis não possui uma única história linear.

Ao realizarmos um diálogo entre as fontes memorialistas e os pesquisadores que se dedicaram a compreender Quirinópolis em seus diversos aspectos é que as narrativas dotadas de intenções estão presentes não apenas nos sujeitos, mas nos lugares de memórias.

Cabe, no próximo capítulo desta dissertação, voltarmos nossa atenção a um olhar interdisciplinar e numa visão ampla sobre as transformações urbanas e as percepções presentes nas memórias daqueles que habitam nas pequenas cidades, como é o caso da cidade de Quirinópolis - GO.

Os aspectos teóricos da História das Cidades e das transformações urbanas já foram apresentados, e seguimos com a pesquisa feita a partir das entrevistas realizadas que visam identificar e refletir sobre o impacto das transformações dos últimos anos, especialmente após a instalação das indústrias sucroenergéticas, nas memórias, nas percepções e identidades quirinopolinas.

### **CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM QUIRINÓPOLIS (GO): NARRATIVAS QUE TRANSITAM ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.**

A proposta deste terceiro capítulo é refletir sobre o material obtido através de entrevistas realizadas no decorrer dos anos de 2023 e 2024. As entrevistas com moradores da cidade de Quirinópolis que acompanharam as intensas transformações que a cidade passou e ainda passa neste século XXI, mudanças estas, motivadas pelas ondas migratórias, ressignificações culturais, pelas características da exploração econômica da cidade e seu entorno.

#### **3.1. Os participantes da pesquisa**

Este tópico do trabalho tem por objetivo apresentar o perfil e alguns aspectos da história de vida dos participantes entrevistados desta pesquisa que não nasceram em Quirinópolis e destacar as motivações que os trouxeram a Quirinópolis-GO.

As transformações ocorreram em todas as áreas da cidade, na zona urbana, na zona rural, na distribuição da riqueza, na organização da cidade, na vida cultural e social. Buscando contribuir com a perspectiva da História das Cidades em especial os estudos dedicados às pequenas e médias localidades, que hoje também se tornaram objeto de estudo dessa perspectiva histórica, este trabalho possibilita juntar os estudos acadêmicos de diversos autores, a perspectiva literária das narrativas e contribuir para uma reflexão atualizada sobre a História de Quirinópolis nas últimas décadas. Pretendemos utilizar todos os dados históricos e elementos teóricos dos dois primeiros capítulos. Os participantes entrevistados desta pesquisa, serão aqui tratados não pelos seus nomes próprios, mas sim de forma a preservar suas identidades como participantes de “A” a “L”.

**Tabela 4:** Perfil dos Participantes entrevistados

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>NATURALIDADE</b>	<b>EM QUIRINÓPOLIS</b>
A	M	Superior incompleto	Servidor público	Belo Horizonte/MG	42 anos
B	F	Superior Completo	Servidora pública	Quirinópolis/GO	36 anos
C	M	Superior Completo	Mestre de Obras	Quirinópolis/GO	53 anos
D	M	Superior Completo	Mecânico	Quirinópolis/GO	63 anos
E	F	Superior Completo	Desempregada	Santos/SP	13 anos
F	F	Superior Incompleto	Servidora pública	Quirinópolis/GO	44 anos
G	F	Ensino Médio	Costureira	Quirinópolis/GO	52 anos
H	F	Superior Completo	Professora	Ituiutaba/MG	45 anos
I	M	Fundamental incompleto	Serviços Gerais	Luz/MG	55 anos
J	M	Ensino Médio	Vigilante	Quirinópolis/GO	53 anos
K	F	Superior Incompleto	Dona de casa	Quirinópolis/GO	35 anos
L	M	Superior Completo	Professor	Quirinópolis/GO	66 anos

FONTES: Elaborado por Ruy Carlos Rabelo Filho

### 3.1.1. Participante A

Como foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho, os processos migratórios estão presentes no município de Quirinópolis - GO desde sua origem, o que nos permite considerar o município em questão como uma zona de interseção de diversos indivíduos que por diferentes motivações e locais de origem chegam a Quirinópolis, seja de forma premeditada ou até mesmo por fatores não previamente planejados acabam por se estabelecer no município como um porto seguro.

O participante “A” nasceu em Belo Horizonte - MG e na data de realização da entrevista no ano de 2023 estava com 42 anos completos, quando questionado pelas motivações para a vinda ao município de Quirinópolis - GO o mesmo se definiu enquanto errante<sup>18</sup> tendo o mesmo percorrido os Estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Espírito Santo e Goiás. O participante “A” esteve em uma breve passagem na cidade de Quirinópolis ainda com seus 17 anos, retornando aos 20 anos de idade para estabelecer residência fixa. De acordo com o Participante “A” o que o motivou a estabelecer residência foi um relacionamento no qual resultou em seu casamento e o nascimento de duas filhas. Ao ser questionado sobre o que o teria trazido até a cidade de Quirinópolis o Participante A diz: “Nada, eu não estava vindo para cá (Quirinópolis), eu saí para... eu vivia viajando [...]” (Participante A. 2023)

<sup>18</sup> Pessoa que passa a vida ou parte dela viajando sem um destino específico.

De acordo com Espósito (2022) a vida de pessoas que decidem ou são condicionadas a uma trajetória errante, pode ser interpretada como uma vida de constantes riscos. Nas palavras de Espósito (2022, p. 155):

Enquanto viajar, para a população sedentária e para os sistemas peritos, é uma ação que tem que ser pensada em cada detalhe para que os riscos sejam minimizados, os andarilhos de estrada não pensam, constantemente, nesses riscos ou fazem longos preparos ou planejamento. As suas relações são imediatas.

Neste sentido, o Participante A durante o processo de entrevista, sentiu-se à vontade para relatar um destes episódios em que se evidencia os riscos de uma vida errante. Nas palavras do Participante A: “eu passei por muita coisa, tinha sido roubado e eu, ao chegar aqui (Quirinópolis-GO), eu precisava... Eu estava é... já curado de... de 2 ferimentos. Eu tive nos pés do último assalto que eu tive, que vieram 2 pessoas com faca.” (Participante A. 2023)

### 3.1.2. Participante E

A participante “E”, nascida em Santos – SP, possuía na data de sua entrevista no ano de 2023, 57 anos completos, quando questionada sobre as motivações que a trouxeram para a cidade de Quirinópolis a mesma relatou que a perda de seus pais serviu de motivação para sua saída de Santos - SP rumo a Goiânia e posteriormente à cidade de Caçu - GO onde teria recebido uma oportunidade de emprego no ramo da produção de asfalto para trabalhar no município de Quirinópolis e que desde então (2011) reside em Quirinópolis-GO. Quando questionada sobre as motivações para a vinda e o estabelecimento de residência em Quirinópolis, a Participante E disse em suas palavras:

É uma amiga minha, veio para trabalhar no asfalto, aí os homens, né? Que já trabalhavam lá, falaram que eu era muito desenvolta para falar, né? Aí isso não... Você não quer trabalhar com a gente? Aí eu morava no Caçu... (Caçu - GO) aí praticamente né? Eu fui convidada para trabalhar aí (Quirinópolis-GO). Eu falei não, então eu vou. Aí eu cheguei e aí eles me colocaram de seg... (inaudível - cargo de liderança) eu ia ser vassourinha e os dois encarregados falaram não, ela é boa de falar, é melhor que ela fique, né? No... (cargo de liderança) e aí... Foi assim que eu cheguei aqui. (Participante E. 2023)

Pode-se considerar que a Participante E se insere ao grupo de tantos outros indivíduos que na busca de melhores oportunidades de trabalho chegam a cidade de Quirinópolis.

### 3.1.3. Participante H

A participante H, nascida no município mineiro de Ituiutaba - MG, possuía na data da entrevista (2023) 47 anos completos. De acordo com a mesma, quando questionada sobre as motivações para a chegada e estabelecimento em Quirinópolis-GO, seus pais a trouxeram junto aos seus irmãos ainda na década de 1970, quando a participante H estava com 2 anos de idade. De acordo com a entrevistada, baseando-se em relatos de seus pais: “Como, né? A realidade. Todo mundo naquela década, né? A década de 70 é... procurando condição melhor de vida. É... Goiás era um atrativo naquela época e eles trabalhavam na zona rural e vieram em busca de uma vida melhor na zona urbana.” (Participante H. 2023)

A migração da família da participante H no contexto da década de 1970, remete-nos ao que foi discutido no segundo capítulo desta dissertação em relação as famílias migrantes de diversos Estados como Minas Gerais os quais viam no crescente desenvolvimento econômico do município de Quirinópolis (neste ponto podemos considerar a hipótese de que aqueles que chegavam e se deparavam com melhores perspectivas em relação a sua terra de origem, entravam em contato com seus conterrâneos para convencê-los a migrar para Quirinópolis-GO) uma grande oportunidade.

### 3.1.4. Participante I

O participante I nasceu no município de Luz - MG, possuía na data de realização de sua entrevista 64 anos completos. De acordo com o mesmo, chegou em Quirinópolis-GO no ano de 1968 junto a sua família quando ainda era criança. De acordo com o participante I:

Lembro, lembro muito bem, eu tinha 9 anos, mas nunca esqueci dessa viagem. Nós viemos de Minas. 4 famílias, um caminhão... E fomos... Chegamos aqui em Quirinópolis, fomos direto para a fazenda, já trabalho. Lembro, era fazenda José Gouveia... Pelo proprietário da fazenda na época mexia com lavoura, plantação de milho e... gado e milho, e meu pai e a família, meus tios que veio também começaram a plantar, né? Mexeu com lavoura. Naquela época a gente falava mexer com roça. (Participante I. 2023)

A fala do entrevistado se assemelha as narrativas presentes na obra *Mãos e olhares diferentes* quando associamos aos sistemas de parceria (relação de trabalho) em que o proprietário da terra permitia ao migrante recém-chegado estabelecer residência em suas terras enquanto trabalhava na criação de gado e neste caso específico também no plantio e colheita do milho.

### 3.1.5. Participante G

A participante G, diferente dos outros participantes mencionados até aqui, nasceu em Quirinópolis, mas seus pais são de origem nordestina vindos do Estado do Rio Grande do Norte, mais especificamente o município de Carnaúba dos Dantas - RN junto aos seus irmãos que já eram nascidos. Na data da entrevista, a participante G possuía 52 anos completos. Quando questionada sobre as motivações de seus pais, a entrevistada disse não ter muitas lembranças sobre relatos de seus pais sobre a viagem, mas que vieram em busca de melhores condições para viver.

### 3.2. Narrativas: entre o passado e o presente

Este tópico do terceiro capítulo da dissertação, tem por objetivo identificar nas narrativas apresentadas pelos entrevistados sobre aspectos das transformações urbanas em Quirinópolis ao longo dos anos em que os participantes da pesquisa entrevistados puderam testemunhar (semelhanças e diferenças).

O participante A, ao ser questionado sobre como era o espaço urbano de Quirinópolis e as transformações testemunhadas por ele desde que estabeleceu moradia no município em questão, disse em suas palavras:

[...] tinha um convênio com o município, então aqui tinha duas UEG's, uma UEG do Estado e uma UEG tinha uma... um convênio municipal, no qual tinha um curso, se não me engano, não tem exatamente certeza sobre isso. Os cursos de História e de Letras na UEG, o pai dela morava ali na esquina, de frente a praça, que... que ficava a faculdade, então é era muito movimentada, tinha a faculdade de frente, tinha um bar. (Participante A. 2023)

A “segunda” UEG mencionada pelo participante A, da qual o entrevistado diz possuir um convênio municipal, diz respeito ao antigo prédio da Universidade Estadual de Goiás localizado no centro de Quirinópolis. Foi no prédio em questão (Figura 8) onde se fundou em 1988 a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Quirinópolis (FECLQ), sua criação se deu pelo decreto estadual nº 2550 de 1986 como uma instituição autarquia de ensino superior.

**Figura 8:** Vista aérea do antigo prédio da FECLQ e ao seu lado o Palácio da cultura Sodino Vieira de Carvalho



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br> (2017)

A FECLQ foi uma das doze instituições de ensino superior incorporadas a Universidade Estadual de Anápolis em 1999 para a criação da Universidade Estadual de Goiás. O campus “2” localizado no bairro Hélio Leão em Quirinópolis, oferta no ano de 2023 os cursos de História, Ciências Biológicas, Educação Física, Letras (Português/Inglês), Geografia, Pedagogia, Matemática e Agronomia, além do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (PPGAS).

Uma memória significativa para este participante se refere à área da educação em Quirinópolis, que passou a ser servida pela presença do Ensino Superior a partir de 1988, serviço que foi ampliado com a fundação da Universidade Estadual de Goiás em 1999. A educação sempre é um fator importante para se considerar o desenvolvimento de uma localidade e a presença do Ensino Superior na cidade representou muitas oportunidades para os habitantes.

### 3.2.1. Infraestrutura

De acordo com Silva e Nóbrega (2013) o crescimento populacional dos espaços urbanos deve ser acompanhado de um competente planejamento urbano que atenda às necessidades de infraestrutura para as populações de modo geral. Partindo dessa afirmativa, o objetivo deste

tópico é identificar nas narrativas dos entrevistados, aspectos de infraestrutura testemunhados pelos entrevistados enquanto moradores do município de Quirinópolis.

Quando questionada sobre as lembranças da infraestrutura urbana, a participante B destaca ao resgatar suas memórias de juventude a falta de implementação da malha asfáltica no bairro em que cresceu. Nas palavras da participante entrevistada: “Eu tenho (lembranças) mais da... pavimentação a questão do asfalto mesmo na maioria desses lugares (bairros em que viveu) não tinha é... asfalto. Onde eu cresci ali mesmo no Flamboyant (bairro de Quirinópolis), o asfalto deve ter uns 18 anos, só tem pouco tempo.” (Participante B. 2023).

A narrativa do participante A, assim como a participante B destaca em sua resposta a lembrança da falta de asfalto no bairro onde estabeleceu residência ao chegar em Quirinópolis. De acordo com ele: “Na... Na rua de frente não tinha asfalto. [...] nas outras ruas não, foi asfaltado alguns anos depois. Se eu não, se não me falha a memória.” (Participante A. 2023)

De acordo com Pereira (2010) pode-se estabelecer os chamados bairros periféricos não asfaltados como apêndices rurais em zonas urbanizadas numa perspectiva de progresso. Ao se referir a mudança de sua família para o Bairro de Quirinópolis chamado Tônico Bento, o participante A destaca a preocupação que sentia em relação ao período de chuva que se aproximava e os efeitos que a falta de infraestrutura poderia causar. Segundo ele: “Quando chegamos lá, era rua de terra, só que chegamos fora da época da chuva.” (Participante A. 2023)

Que era ali no início do bairro municipal. Naquele período é início ali, final de da década de 70, início de 80. Não tinha asfalto, né? As casas ainda eram bem simples, bem baixinhas é, mas de tijolos, é, mas não tinha as faltas também, as calçadas não, né? Não tinham muros, as casas eram tinham cerca de Arame, né? (Participante H. 2023)

Por mais que exista diferenças no perfil dos participantes A e B, quando em suas narrativas mencionam questões de infraestrutura urbana, são semelhantes ao destacar a falta de asfalto como algo problemático em contextos de vida pessoal dos entrevistados e em bairros diferentes. Sobre as paisagens que avistou em alguns dos bairros em que morou a participante G nos diz que:

Não tinha asfalto depois que eles foi fazer asfalto, nossa!... tem muitos anos e no Hélio Leão eu fui morar. Era um bairro que estava começando, não tinha asfalto, as casas estava novas assim no comezinho. Foi, foi conjunto, então foi doado lá, doaram o lote, doaram material e aí a gente pagou a mão de obra pra fazer. Então foi bem no começo. Não tinha asfalto, não tinha assim muita árvore. Era bem precário ainda. No Pedro Cardoso quando a gente mudou para cá, já estava mais adiantadinho. Assim, e a casa a gente foi mexendo aos poucos, foi arrumando. Aí depois é futuramente, a gente já estava aqui há algum tempo. Foi quando eles fizeram a praça, que é a praça da bíblia. (Participante G. 2023)

A falta do asfalto está novamente presente na narrativa da participante G, percebe-se que na fala dos entrevistados que a implantação do asfalto nos diferentes bairros e até mesmo no centro da cidade é acompanhada da noção de progresso.

As narrativas dos participantes fazem parte de uma política ampla ocorrida em todo o Brasil na segunda metade do século XX (e que continua a ser fundamental para a concepção atual de sociedade) que enfocada o progresso a partir dos elementos observáveis da modernização das estruturas urbanas. A ampliação do calçamento das vias urbanas centrais e dos bairros sempre esteve ligada à perspectiva da limpeza, da saúde das pessoas e da facilitação para a circulação de pessoas para o trabalho e a circulação de bens. Ver isso acontecendo na cidade no passado é uma memória significativa para todos os municípios brasileiros.

Na fotografia a seguir (Figura 9) podemos observar o registro realizado, retratando a pavimentação da Av. Brasil, principal via urbana da cidade de Quirinópolis.

**Figura 9:** Pavimentação da avenida Brasil em Quirinópolis (GO) - 1969



**Fonte:** acervo do Museu Histórico de Quirinópolis-GO

A noção de progresso também está presente nas intencionalidades daqueles que buscaram eternizar o que concebiam como avanços da cidade rumo ao desenvolvimento. Nas palavras da participante H:

A data, mas com certeza, a década de 80 é, eles estavam também construindo, né, fazendo a rede de esgoto (Figura 10) para depois passar o asfalto, uma Terra vermelha, né? E eu lembro que aquilo assim, para nós, crianças, aquilo era uma era assim, uma novidade, né? Aquelas manilhas enorme, né, que que acabava os buracos, depois IA aterrando, né? E depois veio o asfalto. (Participante H. 2023)

A mesma perspectiva de progresso social é vista com a chegada das redes de água e esgoto, que também traziam a ideia de limpeza, conforto, saúde e favorecimento dos hábitos que passaram a ser considerados centrais para a vida social urbana.

**Figura 10:** Instalação de manilhas na Av. da Saudade em frente ao Cemitério de Quirinópolis (GO) - s/d



**Fonte:** webjornal NossaTV

Ao analisar a imagem de trabalhadores abrindo valas para instalação de manilhas para a rede de esgoto em Quirinópolis nota-se que o trabalho era realizado sem o uso de maquinários ou como a própria legenda da postagem do jornal NossaTV onde a imagem foi obtida diz “feita com uso de enxadões e pás”.

### 3.2.2. Comércio urbano

Tendo a urbanização no Brasil se originado já no processo de colonização podemos levar em consideração a figura do comerciante e os espaços de comércio como ambientes de destaque nos centros urbanos brasileiros até os dias atuais. Quirinópolis não é uma exceção quanto a essa característica.

Quando questionados sobre que lembranças possuíam do comércio em Quirinópolis, os participantes da pesquisa apresentaram diversas narrativas dotadas de semelhanças e diferenças, lembranças (memórias) às quais este tópico da dissertação terá como foco.

Encontrar produtos alimentícios e para uso doméstico em geral em um único ponto comercial é essencial para a vida urbana visto que cada vez mais num contexto contemporâneo os indivíduos em sociedade precisam otimizar seu tempo, seja do trabalho, do trânsito, dos demais compromissos, até as relações familiares. Pensemos aqui tais pontos comerciais pelo exemplo dos comércios varejistas popularmente chamados de supermercados. Em sua narrativa, o participante A se refere a um dos supermercados de Quirinópolis como um símbolo de empreendedorismo. Nas palavras do entrevistado:

Onde as pessoas chegavam até ali... E contava que o dono do Varejão (Figura 21) ele começou vendendo verduras na rua. Ele colocou ali num, num local... E começou vendendo ali algumas verduras assim. E aí eles falavam, agora ele é dono do supermercado. Ele foi fazer, foi vendendo, foi, foi criando e agora é dono daquele supermercado, supermercado que pegava num quarteirão. A entrada dele saía até do outro lado, né? Então, assim, o cara que começou vendendo verdura na rua não foi a pessoa que teve uma herança de um pai, então era um filho de um fazendeiro, não ganhou na loteria, poxa, ele foi um extremo empreendedor aqui na cidade. (Participante A. 2023)

Enquanto grandes empreendimentos se desenvolvem nos ambientes urbanos gerando oportunidades de emprego e renda para população, outras profissões desaparecem e prestadores de serviços precisam se reinventar e aprender outros ofícios. Nas palavras do Entrevistado “lugar não nenhum, tem uma pessoa que sai engraxando sapato com uma caixinha nas costas. Não tem engraxataria aqui, né? Deixou de existir. É uma coisa diferente.” (Participante A. 2023). A figura do engraxate, no passado presente nos ambientes urbanos e muitas vezes associado ao trabalho infantil, deixou de existir seja pela mudança cultural e até mesmo pelas mudanças dos próprios sapatos utilizados.

Outra questão presente na narrativa do participante A se refere à tradição culinária de Quirinópolis, os alimentos feitos a partir do milho podem ser vistos como um paralelo à tradição agrícola historicamente presente no município, dando origem por exemplo ao prato Chica Doida apresentado no capítulo anterior e que é tido como patrimônio cultural. Nas palavras do Participante A: “A quantidade de comércio também modificou muito. Um outro ponto que eu vou chegar, que eu acho interessante, tinha um localzinho na esquina que vendia um caldinho de milho.” (Participante A. 2023)

No contexto urbano de constante crescimento como é o caso de Quirinópolis-GO, os moradores que testemunham as transformações de sua cidade ao decorrer da passagem do tempo presenciam ruas e avenidas que no passado eram ambientes urbanos de pujante atividade comercial perderem essa característica enquanto outras vias assumem essa condição.

Muitos participantes desta pesquisa, ao serem questionados sobre as lembranças do comércio da cidade, narraram com brilho no olhar o período da história de Quirinópolis em que a Rua Rio Preto (centro da cidade) foi a via com maior movimento comercial, lojas e consumidores do município. Nas palavras do Participante D:

Rio Preto, como eu conheci, era linda. A rua Rio Preto, rua Rio Preto, era linda... Não andava 10 m sem topar uma pessoa. Na época, vão... vamos voltar 50 anos, era a cada 10 m é um cavalo amarrado, uma carroça amarrada. Era um comércio dos mais pujantes do mundo. Era um lindo comércio. Na rua Rio Preto era onde você quiser topar, as pessoas... vão, Rio Preto era ali da atual, atualmente ali da CBM (loja de motos) até no final da Rio Preto, aqui no trevo para sair para o Caçu era um comércio maravilhoso. Era um acelerado demais. (Participante D. 2023)

Pode-se destacar na narrativa do Participante D a presença do cavalo e da carroça como principais meios de transporte do período. A Rua Rio Preto também traz aos participantes desta pesquisa recordações afetivas ligadas ao comércio na Rua Rio Preto. A Participante F nos diz que:

Rua preto era onde tinha maior comércio, né? Inclusive, meu pai era comerciante, meu avô era comerciante, meu avô tinha uma, acho que era Armazém Paranaíba. Meu pai teve um Armazém rosa alegre e depois ele mudou o nome para supermercado Rio das Pedras, né? Então, ali, na rua Rio Preto, era o centro... na época de Natal, aquela rua lá ficava toda enfeitada com luzes, né? Ele tinha o quê? Eu lembro de uma época que não tinha asfalto. Depois que foi o asfalto para lá, mas tinha... Igual tubarão dos tecidos, é... lojas Maracanã, casa Iracema é confecção de modas, bazar Paulista. É o tinha um Armazém do meu pai. Tinha também um Armazém. Correia, aí tinha as farmácias também. Tinha umas 3 farmácias lá, tinha farmácias Oliveira. Eu assim eu não lembro o nome das farmácias e tinha lá pra frente, mas indo pro Caçu, assim eu tinha o Armazém Pernambuco (Figura 22), que ele até hoje ele é pioneiro, né? Naquela rua. (Participante F. 2023)

Um aspecto presente na narrativa da participante F e que se repetiu na fala de outros entrevistados consiste na percepção do declínio comercial da Rua Rio Preto. Nas palavras da entrevistada:

A cidade cresceu para esse lado do bairro municipal centro e a rua Rio Preto... Ela Foi deixando de ter um movimento. Então hoje a margem da rua Rio Preto são casas que às vezes era comércio e se transformaram em casa, ou às vezes são barzinhos e ali também o que chamavam é o que, por ser centro ali naquela época, porque tinha prefeitura, a prefeitura era onde a C.E.Q. hoje, então, assim, a paisagem lá que eu lembro era prédio antigo, era bonito [...] aí tinha a Pracinha, tinha a fonte pequena, tinha uma estátua. Então assim, era bem interessante e na época, também, quando eu era criança, veio o... É, tinha o... Que tem de X salada (tradicional sanduíche de rua) primeiro pôs o Vilela. Então, onde é a Rodoviária antiga (Rodoviarinha) hoje, lá, lá na rua Rio Preto, que é aquela rodoviária que hoje é? É, é, virou. É um lugar da eu acho que é da dos produtores rurais (Espaço colmeia)... frutaria. (Participante F. 2023)

Podemos destacar da narrativa da participante F a presença do atualmente antigo prédio sede da Prefeitura municipal de Quirinópolis no qual atualmente se localiza a Cooperativa de Ensino de Quirinópolis (Instituição privada de ensino). Na Figura 11 pode-se visualizar a antigo prédio da prefeitura de Quirinópolis-GO:

**Figura 11:** Antiga sede da prefeitura municipal de Quirinópolis, Goiás - s/d



**Fonte:** Museu Histórico de Quirinópolis-GO

Pode-se notar que as semelhanças presentes nas diferentes narrativas dos participantes entrevistados estão no protagonismo a qual a Rua Rio Preto é colocada nas recordações do comércio da cidade. Além disso, nas narrativas apresentadas pelas participantes F e G evidenciam a gradual perda de protagonismo comercial da Rua Rio Preto dando espaço para a atual via com maior presença comercial do município de Quirinópolis, a Avenida Brasil. Nas palavras da participante G:

As ruas mais movimentadas era a Avenida Brasil [...] Eu sei que a mais movimentada era a Avenida Brasil... A rua Rio Preto, na época, antigamente era bem movimentada. É bem falada. [...] A rua Rio Preto não é tanto hoje, diminuiu bastante. Agora Avenida Brasil ainda continua, melhorou bastante movimentação, comércio melhorou bastante. (Participante G. 2023)

Pode-se associar como fatores para essas transformações ao crescimento urbano e aumento da população para regiões não diretamente conectadas à Rua Rio Preto. Além disso, com a construção da Avenida Brasil (principal via urbana) e o desenvolvimento econômico proporcionado pelo agronegócio e indústria sucroenergética garantiram um maior mercado consumidor e conseqüentemente o aumento do número de empresas comerciais visando atender a demanda do consumo urbano e até mesmo dos remanescentes da zona rural.

### 3.2.3. Transporte e deslocamento

Quando questionados sobre suas lembranças dos meios de transporte mais comuns em Quirinópolis-GO quando mais jovens, os participantes entrevistados apresentaram uma narrativa semelhante, nas palavras da participante K, a qual foi simples e objetiva em sua resposta: “Bicicleta e a pé”. (Participante K. 2023)

Durante a análise das narrativas dos participantes entrevistados tornou-se evidente as semelhanças de suas recomendações. De acordo com os participantes entrevistados entre a década de 1970 até o início dos anos 2000, a maioria dos transeuntes presentes nas ruas de Quirinópolis estava de bicicleta ou a pé. Nas palavras do Participante A:

E tinha muita bicicleta na cidade, tinha muitos anos de bicicleta e tinha muitas pessoas andando de a pé também. Menos, muito menos moto do que temos hoje em dia e muito menos carros. Vejo que hoje em dia, quando eu vou caminhar eu... eu vejo pouquíssimas pessoas caminhando. Adolescentes, o grupo de adolescente três, quase às vezes de?... Alguns de bicicleta, a maioria que eu vejo hoje em dia são veículos automotores e quando eu falo que a maioria é porque muitas das vezes eu caminho e as ruas estão praticamente vazias. (Participante A. 2023)

Nota-se na narrativa do participante A uma percepção de esvaziamento das calçadas, ou seja, a diminuição do número de pedestres na cidade. Além disso, faz-se presente a percepção do entrevistado quanto ao aumento da frota de veículos motorizados (carros e motos). O participante A também nos diz que:

E a questão do transporte hoje tem certos tipos de... de transportes, né? Particulares, como o Uber, por exemplo. Temos atualmente o transporte público na cidade, coletivo, ônibus coletivo, que ele faz 6 viagens fazendo a rota que usa praticamente a cidade toda. Quando eu falo praticamente a cidade toda, ele pega vários lugares que os pontos que onde você vai pegar um ônibus são próximos e... Mas antes de ter esse coletivo, mudou muito, antes as pessoas andavam mais de a pé. (Participante A. 2023)

Além do aumento de veículos próprios, podemos também destacar na narrativa do participante A uma percepção do crescente serviço de viagens por aplicativo e o transporte coletivo o qual iniciou suas atividades no ano de 2022, passando por rotas estratégicas de acesso aos serviços de saúde e demais prestações de serviços públicos.

Assim como os ambientes urbanos podem e passam por ressignificações de acordo com o contexto histórico, fez-se possível notar nas narrativas das participantes C e G a percepção da ressignificação do uso popular das bicicletas no município de Quirinópolis. Nas palavras das entrevistadas:

[...] hoje em dia as pessoas vai muito de carro, né, de moto, de a pé, raramente as pessoas hoje em dia vai muito pouca, muito pouco menos de bicicleta ainda tem muito. Hoje em dia, como é aqui, que nota tem pouca bicicleta em vista? Hoje eu ainda passei cedo, levantei cedo porque eu fui na padaria. Estava saindo com a viatura da polícia,

na frente, um carro de som do mesmo carro que eu toquei o Bernardo no dia da padroeira, estava na frente da... daquelas pessoas fazendo aquela... aquele... é ciclismo, eles saíram hoje vai dar a volta, vai chegar na cidade. (Participante C. 2023)

Nas palavras da participante G: “Tinha muita bicicleta... Tinha muita bicicleta naquela época (início dos anos 2000) o povo se deslocava de bicicleta. Hoje o povo usa bicicleta pra... pra tipo o quê? Um exercício, né? Pra lazer mesmo e naquela época não, o povo deslocava pra ir ao trabalho.” (Participante G. 2023)

Podemos perceber que há um entendimento de que no passado as bicicletas eram utilizadas como meio de transporte para o dia a dia pelos trabalhadores e estudantes. Nos dias atuais, de acordo com as narrativas das entrevistadas C e G os novos modelos de bicicletas são utilizados principalmente para o uso recreativo e esportivo. Além do aspecto semelhante quanto ao uso de bicicletas, faz-se presente na narrativa do Participante H a presença de veículos de serviços. Nas palavras do Participante H:

A pé? Ou de bicicleta? Mas a gente assim, na minha época de final de infância, início de adolescência, nossa, como eu gostava de andar, né? Ir no centro da cidade. Passar ali naquela Avenida Brasil, aquilo ali era o máximo para a gente, andava muito com o meu irmão, com Air e com a Telma também. A gente subia e descia aquela Avenida Brasil, é a pé ou então de bicicleta, e ter... e é interessante que na época que eu estudei no Dr. Onório (Colégio) até a quarta série. Do de 80 é? (Anos 1980) Inventaram um coletivo, tinha um ônibus coletivo que né, corria a cidade e eu me lembro de algumas vezes pro Dr. Onório um poeirão, porque ele não era asfaltado, mas aquilo era uma festa pra gente, né? Então, assim, de coletivo também, mas logo também no... No... teve futuro, né? Assumir com esse coletivo e meu pai tinha uma camionete, né que ele se chamava antigamente, gaiseira que como ele tinha açougue, né? Era uma caminhonete, tinha gaiola para buscar animais, né? Para abater para o açougue, a gente andava também de caminhonete. (Participante H. 2023)

No contexto específico do Participante H, em seu discurso faz-se presente o uso de veículos com motor alimentado por Gás. Apesar haverem cilindros próprios para estes veículos, não era incomum nas ruas de Quirinópolis a presença de veículos conectados a botijões de Gás liquefeito do petróleo (GLP - popularmente conhecidos por gás de cozinha) sem qualquer identificação. Levando em consideração a análise das narrativas obtidas com as entrevistas desta pesquisa, fez-se também presente nas narrativas a percepção de que entre as décadas de 1970 e 1980, a reduzida frota de veículos pertenciam aos moradores com melhores condições socioeconômicas. Nas palavras do Participante I:

O único meio de transporte que tinha era a bicicleta. Tive que aprender, né? Ver o tio tinha a bicicleta, nem bicicleta eu tinha ainda depois, mas aprendi na bicicleta dele que ele me emprestava a bicicleta pra me ir, pro... pro almoço, pra mim ir em casa almoçar, até que depois consegui comprar uma bicicletinha pra mim ir pro trabalho. Isso já com na sua, na sua adolescência, sim, já é adolescente. Tinham carro, mas muito poucos tinha poucas pessoas, mesmo maioria era de bicicleta mesmo na época, lembro muito bem, moto na época, quase nem... muito pouco, né? Moto agora não.

Moto virou febre agora, mas naquela época não. Havia alguns carros, tinha alguns padrões, né, que tinham condições, tinha seus carros. (Participante I. 2023)

Estão presentes também nas narrativas os veículos de tração animal, destacando-se as carroças e charretes as quais permitiam o transporte de cargas e pessoas. Nas palavras do Participante J: “Naquela época, o meio de transporte mais comum aqui na naquela época, década de 80, começo da década de 80, final de 70... 80, era bicicletas e carroças, charrete. Existia os pontos e ficava muito, muito carroceiro. Meu pai mesmo trabalhou fazendo entrega, fazia com carroça.” (Participante J. 2023)

### 3.2.4 Escolas e Colégios

Quando questionados sobre as recordações de suas experiências nas escolas e colégios do município de Quirinópolis, os participantes desta pesquisa apresentaram aspectos semelhantes, dado o contexto de muitos terem estudado nos mesmos colégios, porém cada indivíduo único em suas lembranças particulares teve diferentes percepções e pontos de vista das instituições de educação básica em Quirinópolis-GO. Nas palavras dos Participantes A e G:

JK, Juscelino Kubitschek, escola estadual, fazia à noite... nossa. Tem o nosso professor, que é meio assim, sabe assim como é que eu falo? O que é coisa? Nada a ver pouquinho coisa do meu ver, mas foi muito bom a experiência aconteceu uma coisa que eu quero falar. Na primeira semana de aula, quando eu voltei pra escola, eu vi que não sabia nada. Achei que eu ia chegar lá, saber tudo, não sabia fazer conta, sabe assim tinha muita coisa a aprender. [...] nas primeira semana, essas 2 pessoas, as aulas dela, com um comentário que eu fiz, eles falaram que eu que eu era mais inteligente do que eles [...] Eu entrei em sala, tô lá na primeira oportunidade, eu falei uma coisa, ele falou, você é mais você. Você conhece, você sabe mais do que eu. Você conhece mais do que eu. Você é mais inteligente do que eu. Fiquei assustado com aquilo. E aí tem ótimas lembranças nossa... Tem professores que eu vou carregar pelo resto da vida. Essas pessoas podem, eu posso ter saído da escola. Esses professores podem nem estar nessa escola. Eu posso ter saído. De lá, mas lá nunca saiu de mim. Eu posso ter saído de perto das pessoas, mas essas pessoas nunca saíram de mim. (Participante A. 2023)

Eu estudei minha maior parte na escola do Dr. Onério, depois de muitos anos, fui fazer o EJA, eu fiz no JK (Juscelino Kubitschek - Colégio Estadual), parei também. Depois passou alguns anos, eu fui para o Independência (Colégio Estadual) e eu terminei [...] não, eu fiquei feliz assim, tipo assim, eu terminei meu, meu Ensino Médio, né? Através do EJA, fiquei muito feliz que eu consegui pelo EJA, né, que foi assim mais rápido e eu acho que compensou. (Participante G. 2023)

Está presente nas narrativas dos participantes A e G a experiência de sujeitos históricos que por muitos anos estiveram afastados do ambiente escolar o que não necessariamente significou que não construíram conhecimentos durante sua jornada de migração por vários Estados e municípios (Participante A) como já vimos neste capítulo e dedicação a vida familiar e ao trabalho (Participante G). Além disso, faz-se presente o sentido de pertencimento dada a

importância do ambiente escolar para o desenvolvimento do ser humano. O Colégio Estadual Juscelino Kubitschek está localizado no bairro São Francisco em Quirinópolis-GO e possui como público de estudantes que residem em bairros periféricos, além de atender adultos, jovens e idosos no período noturno na modalidade de ensino EJA.

O ambiente escolar também pode ser visto como um espaço de cooperação por parte dos estudantes com a comunidade escolar. Nas palavras do Participante C:

[...] primeira escola que eu estudei igual eu citei anteriormente foi o Dr. Onério (Colégio Estadual), não tinha o da primeira série, a quinta e um... Das escolas que eu estudei eu não sei por ser a primeira, mas é que quando eu formar, se eu tivesse a oportunidade de dar aula, eu queria dar aula. Eu, graças a Deus eu fui agraciado, que eu fiz o meu estágio lá foi no Dr. Onério. Eu tinha professora Hilda, que era professora de História que até hoje eu tenho lembrança dela, ela é uma pessoa maravilhosa de uma... de uma fala muito sábia, de fácil entendimento. É que até hoje ela já está bem de idade. Hoje eu tenho contato com ela, sempre conversa. Com ela, eu estudei lá até a quinta série aí eu parei de estudar. Aí eu fiquei 27 anos sem estudar e lá é uma coisa que eu gostava muito lá e era da merenda nossa. Tinha as merendeiras de lá, que até hoje tem 11 delas ainda aqui, que é viva. Ainda era uma bênção aquela merenda de lá era uma lá, nós plantava horta. A gente tinha que ajudar naquela época e eles faziam um feijão com couve lá, que era uma delícia. Nossa senhora, parece que até hoje eu tenho um gosto daquela comida na boca ainda. Só de lembrar pra gente, a boca da gente enche d'água. Era muito legal lá mesmo, Hein? E tinha uma quadrinha que hoje é coberta. (Participante C. 2023)

Encontra-se na narrativa do Participante C a experiência de ter contribuído enquanto estudante para a produção de hortaliças utilizadas no preparo da merenda escolar. Neste sentido, pode-se levar em consideração que a integração dos estudantes como participantes ativos na rotina do ambiente escolar contribuiu para a construção de um sentimento de pertencimento. Apesar disso, há casos em os estudantes podem não se sentir pertencentes, a participante E ao se referir em sua narrativa ao Colégio Estadual Independência diz não ter se sentindo acolhida. Nas palavras da entrevistada:

Lembro da... da professora Maria Helena que era diretora, né? Era... Era assim, as fanfarras, né? As com as professoras que... professora Vera Tânia... é Lina a é... como chama, Selma. Na época, eu acho que minha primeira professora foi a Olga, né? Então e... assim eu lembro de... de eu com meu irmão descer a pé para ir para casa assim na... Na época, né? no... No sair do Canaã (Escola Municipal) aí descer na rua [...] lembro do... do Pedro Ludovico (Colégio Estadual), que foi da quinta a Oitava série, né? Aí já era mais, era muito movimento, já era diferente. Era mais pessoas adultas e tal. Tinha muitos alunos assim da minha idade, mas também tinha alunos mais velhos e as fanfarras, tinha algumas gincanas de escola e era uma época que Quirinópolis tinha sim, era muito movimentada que as escolas, elas é faziam gincanas. Concorriam à escola com a outra, então era muito legal, usava ali o Teatro de arena, então era bem interessante. Agora, Independência. Eu estudei um ano lá, comecei o segundo, eu não, não me adaptei lá, assim, quando eu estava na oitava, eu estudava no... no Pedro Ludovico (Colégio Estadual/hoje CEPMG) eu perdi o irmão, aí isso pra mim foi muito complexo, né? Aí eu fui pro. Independência, então eu não me senti muito acolhida no Independência, né? Tanto pelos professores quanto pelos colegas e eu não sei se eu, eu assim eu sofria muito Bullying também, né? Não sei se é pela forma as vezes de eu falar eu tenho uma dificuldade chamada

é transtorno, processamento auditivo central, que eu descobri agora, depois, tipo mais velhas e quando é uma pessoa fala ou se ela virar as costas e estiver muito barulho, eu não entendo a frase completa e às vezes eu, eu sempre falava, repete, por favor e tal. (Participante E. 2023)

Notou-se na narrativa da Participante E, a memória da Escola Municipal Canaã a qual ao decorrer de sua história passou por diversas transformações devido as reformas. Na Figura 12 pode-se visualizar o prédio da escola Canaã ainda em construção no ano de 1966, o colégio em questão foi inaugurado no ano de 1969 durante o mandato do prefeito Hélio Campos Leão.

**Figura 12:** Construção da Escola Municipal Canaã - 1966



**Fonte:** Museu Histórico de Quirinópolis

Nas palavras do Participante I: “Estudei na escola Canaã depois saí do Canaã, terminei, fui pro hoje mudou, não é mais, é 31 de março Estudei no colégio 31 de março é que hoje é a escola militar, colégio militar. Estudei no 31 de março também. [...] mudou bastante, mudou na época, mudou bastante não é mais como era [...]” (Participante I. 2023)

Além das mudanças arquitetônicas presentes na Escola Municipal Canaã, faz-se presente um perfil escolar que tem se popularizado quando se refere ao ano de 2024, a militarização das escolas e colégios da educação básica.

Outra instituição de ensino da educação básica muito presente nas narrativas dos participantes entrevistados é o Colégio Estadual Independência (Figura 13) hoje CEPI Independência. Nas palavras do Participante: “É de 1973 era a que o colégio estadual Independência, que hoje é o centro de ensino em período integral Independência. Naquela ocasião, não havia muro nas escolas [...]” (Participante L. 2023)

**Figura 13:** Colégio Estadual Independência ainda sem muros - 1973



**Fonte:** WebJornal NossaTV

#### Nas palavras da Participante H:

E depois o ensino médio como todo mundo, né? Tinha o costume, fui para o Independência aí o Independência era seu sonho de consumo da gente na escola, com 2 pisos, né? Morria de vontade de estudar no segundo andar, né? E... E muito bom, também, sim, tenho excelentes memórias daquela época aí uma vez na escada, né? Carregando uma carteira nossa, mas não machuquei não isso faz parte das memórias boas morri de rir com os colegas na época e... muito bom aquela época também estudei à noite lá também cursei o curso técnico de contabilidade. (Participante H. 2023)

A narrativa da Participante H permite destacar dois fatores sociais relevantes para a compreensão da sociedade quirinopolina. Primeiro destacamos aqui o caráter de status social exercido no imaginário das famílias quirinopolinas quanto ao Colégio Independência o qual dentre as instituições públicas de ensino do município era a que emanava um maior prestígio, seja por estar localizado no centro da cidade ou pelo fato de se diferenciar das demais instituições da época por conter um andar superior o que pode trazer certo simbolismo de superioridade. Outro aspecto a ser destacado na narrativa da Participante H, diz respeito aos cursos técnicos profissionalizantes instituídos pela Lei Federal 5.692/1971 durante a Ditadura Civil Militar.

Outros aspectos presentes nas narrativas dos participantes entrevistados são os eventos e festividades relacionadas ao contexto escolar. Nas palavras do Participante J:

Estudei na, no... Escola João XXIII primário, colégio Independência, colégio Dr. Onério, colégio JK e... lembrar, encerrei, no, no... Castelo Branco (Colégio Estadual) também. Ensino médio. [...] lembranças boas, né? Escola, né? Lembrança muito boa. Ora, na época de escola, isso aos eventos que a gente gostava muito, marcava era na... Na época da semana, da parte os desfiles cívico que tinha era ações da Festa Junina

se fazia nas festas das escolas, né? Era animado e alguns passeio que a gente fazia, excursão a gente fazia algum passeio também era muito bom. Jogos também, né? Sim, lembro uma viagem que a gente fez a Lagoa Santa muito bom e os jogos estudantis? Na época, eu fui em Jataí, ficamos uma semana disputando os jogos estudantis regional também. Era muito bom participar. E os desfiles também. Eu sempre participei das fanfarras, das bandas. (Participante J. 2023)

Está presente na narrativa do Participante J a herança cultural do desfile cívico militar no dia 07 de Setembro, originado ainda no século XXI em comemoração a Independência do Brasil em 1822 e posteriormente ao decorrer do século XX popularizado por todo o território nacional como forma de exaltação do sentimento republicano. Além disso faz-se presente a iniciação esportiva presente nos jogos estudantis que além de competições proporcionaram a interação entre estudantes de diferentes municípios o que num período histórico em que não se contava com a facilidade de acesso através da internet, via-se nesse intercâmbio uma possibilidade de integração cultural.

### 3.3.2. Lembranças do trabalho

Os narradores de memórias e lembranças participantes desta pesquisa, sejam aqueles que nasceram em Quirinópolis e tiveram que iniciar sua vida profissional ainda muito cedo ou aqueles que migraram para o município e tiveram que se reinventar para se adaptar as oportunidades que lhes apareceram, apresentaram em suas falas particularidades de suas experiências únicas. Neste sentido o Participante A ao responder o questionamento sobre suas experiências profissionais em Quirinópolis-GO, diz que:

Tive o artesanato, era uma coisa tão amável de acreditar que ia amar pelo resto da vida. Quando eu descobri que eu não amava mais o artesanato nossa, eu entrei num processo de luto, que aquilo ali pra mim foi terrível [...] depois disso, eu trabalhei no El dorado (Clube aquático) durante um tempo, uma carteira assinada como faxineiro. Eu cuidava das mesas, cadeiras externas é no pátio, né? Não? Na área do bar eu ficava na parte da piscina, tanto das piscinas de... de adultos quanto de criança e a de baixo, que tinham escorregador, mesas, cadeiras e espreguiçadeiras. No sábado, domingo, feriado e quando tivesse muita gente, eu ficava tomando conta do toboágua que tinha lá, tobogã nossa, essa hora aí era amedrontadora. Fiquei pouco tempo lá porque veio o problema de saúde. Depois disso... Atualmente, onde eu estou? Eu estou como colaborador público do município de Quirinópolis, né? Eles falam concursado, acho essa palavra feia. Estou como assistente de educação infantil, todavia, o trabalho que eu faço lá é um desvio de função, tão pouco parecido, mas não é idêntico... A é a capacitações, vamos dizer assim eu não tenho todas para estar exercendo [...] tinham o nome de professor de apoio ao seria crianças que têm necessidades educacionais especializadas. (Participante A. 2023)

Podemos destacar da narrativa do Participante A experiências profissionais distintas. No primeiro momento o entrevistado participante da pesquisa descreve sua rotina profissional e desafios que enfrentou em um espaço de lazer inserido no município de Quirinópolis, trata-se

do clube aquático e poliesportivo Eldorado Tênis Clube fundado em 1986, ainda operante. A segunda experiência destacada pelo próprio entrevistado, consiste em sua atuação profissional enquanto servidor público municipal, onde o mesmo expõe sua condição de desviado de função. Vale destacar as instituições de ensino a qual o participante A pôde atuar, trata-se da Escola Municipal Antônio Sabino Tomé a qual atende alunos que residem na zona rural, principalmente na região rural do “Castelo” município de Quirinópolis, Goiás.

Faz-se presente nas narrativas dos participantes J e B a profissão de entregador, no contexto da cidade de Quirinópolis até o início dos anos 2000, de acordo com os próprios participantes entrevistados, era muito comum que adolescentes tivessem seu primeiro emprego como entregador de lojas, farmácias e armazéns em geral. Nas palavras dos participantes J, C e B:

Entregador, farmácia, primeiro emprego. 12 anos. As pessoas recebiam bem, o que que era? Era bom, né? A cidade era menor, né? A gente saía, era os bairros assim não era muito, não era muito, muito longe, muito muito esparramado, igual hoje, né? A cidade, então, conheci a cidade tudo, sabia tudo, os nome, tudo das ruas, tudo conhecia porque andava muito, fazia de bicicleta, né? Existe no centro da cidade, né? E ainda funciona a farmácia lá até hoje, né? Não a mesma, mas já passou por várias outras denominação e como que na época, era na época, era a maior farmácia que tinha aqui na cidade? Trabalhei, né? Atualmente, ela é o mesmo prédio lá, né? Próximo a... aos hospitais, lá na Garibaldi Teixeira. Funciona ainda a farmácia ainda. (Participante J. 2023)

[...] e uma coisa que eu nunca esqueço na minha vida. E essa vai ficar eternamente gravada na minha, na minha mente, na Avenida Brasil, pelo chamava açúcar Buriti, era acima um pouquinho da... do depósito Gonçalves (Materiais de construção). Hoje lá tem uma bebida gelada, o nome daquele açougue lá vira no escritório ali advocacia e ele me pôs uma lata de manteiga na frente de uma bicicleta cargueira e lá era terra, não era asfalto não, era terra, e eu nunca tinha visto uma bicicleta cargueira na minha vida, nem mais gorda, nem mais magra, aí eu montei, nem era belezinha, aí eu tinha que virar fazer. Hoje tem a rotatória, antigamente não tinha vira pra pegar, Santos Dumont (Hoje avenida movimentada) sentido escola Canaã, só que tem que a frente da bicicleta é quadrada, vira só a roda né? E aquela frente? Fica! Aí quando chegou lá, eu virei o guidão, assim, mas por mim ia reto... Aí a bicicleta virou para um lado e eu fui para o outro, esbagaçou a lata de manteiga contudo, eu chorei uma semana por causa da lata de manteiga e como era, ele era meu tio e meu padrinho, e ele não, não chora não, meu filho, isso acontece, pega essa bicicleta e desce, sobe a rua umas 20 vez eu com meu joelho tudo esbagaçado as mão que era cascalho naquela não tinha asfalto, mas nada. Eu fazia eu parar de chorar pensando como é que eu ia fazer pra pagar aquela lata de manteiga que não sobrou nada. (Participante C. 2023)

Eu era... Eu era, faz tudo na lojinha de 0,99 como eu tinha 12 anos. [...] andava o dia inteiro de bicicleta fazendo entrega e atendendo na loja. [...] ah, já a mulher abriu a porta do carro que eu bati na porta do carro, o fone no ouvido, eu saía para as ruas, eu andava de fone no ouvido, era muito tímida, muito mesmo e eu fui falando da vida, eu não vi era que a mãe abriu a porta ai, me machuquei. Não existe, não, ele fechou, ele era ali na Avenida Brasil hoje ele é um negócio de moto do Alessandro vai abaixo do... da sala de velório municipal, lá bem na esquina, tem um, tem uma padaria na esquina, não lembro agora... Não me recordo o nome. O negócio de laranja lá na esquina, isso aqui. 00:08:39 (Participante B. 2023)

Fez-se possível destacar nas narrativas apresentadas a percepção dos entrevistados de que se tornava viável realizar as entregas em tempo hábil visto que os bairros não se estendiam para regiões muito longe do centro da cidade, além disso pode-se levar em consideração a hipótese de que a falta de segurança para os ciclistas nas avenidas movimentadas da cidade como é relatado pela participantes C e B que sofreram acidentes. Por outro lado, as próprias legislação e fiscalização, as quais coibiram a exploração deste tipo de trabalho para com menores de idade. Percebe-se uma ressignificação não exclusiva do município de Quirinópolis, a qual se trata do aumento do número de entregadores com veículos motorizados, principalmente motos.

Dentre as semelhanças destacáveis entre as narrativas apresentadas pelos entrevistados, pôde-se destacar o trabalho infantil, característico de um período anterior ao Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8.069 de 1990. Nas palavras do Participante:

Eu vim da fazenda para a cidade, foi meu último ano na escola, na quinta série, então eu trabalhava com ele durante o dia e estudava à noite. Foi o último ano meu de escola [...] O meu primeiro emprego foi com um tio meu, foi no açougue e a coisa que até eu não esqueço de tanto de linguiça que é... comia frita escondida dele, nós colocava torcinho para fritar. Aí eu sempre estava indo para a fazenda comprar [...] e nós amarravam um arame em um, em um, em 1 kg e 2 kg de linguiça e trabalhava eu, o irmão de Luzelino, que até hoje reside em Quirinópolis, meu tio infelizmente ele faleceu num acidente de carro, ele estava de moto, bateu na cachorrinha, numa caminhonete da mesma pessoa que eu trabalhava e faleceu... foi fatalidade do destino. Então o primeiro emprego meu foi lá com ele. Eu trabalhei lá com ele 9 meses. (Participante C. 2023)

Percebe-se na fala do entrevistado o significativo sentimento de saudosismo, seja pela relação familiar diretamente relacionada a perda do familiar e o fim de uma atividade empregatícia e também pela intencionalidade em destacar a informação de que o emprego teria sido uma porta de entrada para a vida na cidade visto que o mesmo residia na zona rural. Nas palavras do Participante C: “Eu vim da fazenda para a cidade, foi meu último ano na escola, na quinta série, então eu trabalhava com ele durante o dia e estudava à noite. Foi o último ano meu de escola [...]” (Participante C. 2023)

Quando questionado sobre como está o local onde trabalhou em seu primeiro emprego o participante C nos diz que:

[...] totalmente diferente é que eles primeiro estava escrito assim, açougue Buriti, né? O Vieira que estava escrito na... no, no açougue antigamente, quando meu tio comprou o açougue, era do Agostinho Pereira, que hoje é o atual dono aqui do frigorífico que separado né? O frigorífico Pereira lá é meu tio, trabalhava para ele. Então ele pegou e comprou o dele e começou a trabalhar lá. Então hoje está totalmente diferente. Só quem sabe, igual eu. Minha tia que está viva, os filho dele, as pessoas mais antigas, sabe, mas meus filhos mesmo, meu filho hoje está com 30 anos, minha filha está com 31, não conhece lá como se fosse um antigo açougue, os vizinhos naquela rua já não tem mais nenhum daqueles que morava lá, que hoje em dia já virou

tudo longe, né? Escritório de advocacia, é loja, não os vizinhos, antigamente não está lá mais. Do lado de cima do açougue tinha uma fábrica de... de gesso que fabricava antigamente, que não tinha demais, hoje em dia desaparecia. Você não vê mais. Fabricava aqueles cachorro grandão, aquelas corujinha. Hoje eu não, a gente não vê em Quirinópolis, mas... mas a fábrica antigamente era de parei com açougue. Hoje em dia daquela época da... daquele pessoal lá, tem um dos meninos que trabalhava na fábrica lá, que até hoje o meu amigo que é o João de Deus, hoje em dia ele trabalha com gesso, ele trabalha com, com gesso de casa. Sim, até hoje eu até tenho amizade com ele até hoje ainda, mas naquela época nós, todo mundo, eu tinha 14 anos, ele também devia ter 14, 13 naquela época, então nossa amizade permanece até hoje. É uma lembrança sadia que eu tenho um... Tem um carinho muito grande por aí hoje, todo dia eu... Peço música na rádio... ofereço para ele do mesmo jeito na rádio Canadá, todos os dia (Participante C. 2023)

Ao analisar a narrativa do Participante C tornou-se possível destacar aspectos importantes quando consideramos o objetivo de resgatar as memórias dos participantes da história de Quirinópolis. Primeiro pôde-se visualizar a percepção do participante entrevistado de que seu primeiro local de trabalho passou por ressignificações, além de transformações arquitetônicas, mudança de proprietários e o que pode ser considerado o mais importante, os sujeitos históricos presentes nas lembranças do Participante C já não residem nos entornos do local de seu primeiro emprego. Desse modo, faz-se presente uma nova geração de moradores que podem no futuro ter percepções semelhantes ao perceberem as mudanças em relação ao passado.

Pode-se ainda notar na narrativa do Participante C uma permanência de práticas culturais, ao narrar sua amizade trazida dos tempos em que trabalhava em seu primeiro emprego, o participante C destaca que até os dias atuais entra em contato com a rádio Canadá (tradicional canal de rádio do município de Quirinópolis) para dedicar músicas ao seu amigo. Na contemporaneidade observa-se uma ressignificação desta prática, a popularização de transmissões ao vivo de áudio foram ressignificadas enquanto podcasts, para a lógica da comunicação instantânea da internet não faz mais sentido na percepção das novas gerações ter que ligar para dedicar uma música, visto que isso pode ser feito diretamente através do compartilhamento via redes sociais. Desse modo, a prática de ouvir o rádio diariamente pode ser vista como uma permanência dentre as tradições culturais.

Ao ser questionado sobre sua primeira experiência profissional, o participante D destacou em sua narrativa aspectos ligados à exploração da mão de obra no meio rural em uma Quirinópolis da década de 1960. Nas palavras do participante entrevistado:

Você me emocionou... foi em 1966 a gente tinha uma vida muito difícil... desculpa (emocionado)... A gente hoje a vida é muito difícil, a gente era obrigado a trabalhar de qualquer forma eu trabalhava ou não comia as nossas mães abanavam o farelo de arroz e máquinas de arroz para tirar canjique. Pobre é pobre. O meu primeiro emprego foi vender laranja com 6 anos de idade por um nome chamado sudário que era localizado justamente na igreja universal na Garibaldi (Rua movimentada) do lado

direito, onde é a igreja Universal ali tinha uma fruta, aí chamada um tal de sudário, eu vendia laranja para ele. [...] Aí nós fomos para o pau de Arara, Boia fria, 7 anos de idade a gente ia para o boia fria. Capinar, raliar algodão com 6 anos de idade, 7 anos de idade. A gente estudava à tarde, né? A gente ia nas roupas mais perto, a distância de 10 km em dia, voltava e voltava trabalhando. Na época, o dinheiro era, era muito complicado, não existe dinheiro. Existia 2 classes social rico e pobre, entendeu? Então a gente vendia laranja na rua pegava 11 lata de laranja, saía para vender, pego, comprar laranja o bolso. Aí ele pegava, dava um dinheiro pra gente e assim eram todos os filhos de pobre. Fazia isso. Sabão, vendia laranja, vendia novilho de linha daquele que é enrolado na roda de fiar. Depois já fui crescendo, passou a fabricar carrinho de lata para vender para os meninos ricos e foi assim. [...] Não, a princípio, quando até 7 anos em diante, até mais de 10 anos de idade a gente ia no pau de Arara, nas roça pertinho, porque eu tinha que voltar para estudar, 5, 6, 7 km pra pode voltar a pé, entendeu como é que funcionava? Uhum que o pau de Arara só voltava 6 horas da tarde. Não é como hoje que volta trabalha x hora por dia, não naqueles dias trabalhava de sol a sol, como a gente ia trabalhar por produção por braçada de algodão raliado chama raliar algodão na mão raleando ou então por catar algodão, põe algodão, trabalhar por produção então eu ia, eu ia no caminhão da madrugada, 6 horas da manhã e voltava a pé às 11:00, às 10:00 da manhã, apanhava 2 arroba de algodão e no fim de semana dava 10, 12 arroba de algodão. (Participante D. 2023)

Além disso pode-se destacar a percepção do Participante entrevistado, quanto a desigualdade social acentuada e a prática da exploração do trabalho infantil nas zonas rurais de Quirinópolis na década de 1960.

A Participante E insere-se no grupo de participantes que não nasceram em Quirinópolis e por motivações diversas acabaram por estabelecer residência no município até a data de suas entrevistas. Também questionada sobre o primeiro emprego em Quirinópolis, a participante entrevistada retomou a motivação para a migração para Quirinópolis. Nas palavras da Participante E:

[...] trabalhar no asfalto e logo depois eu fui segurança, né? Do Machadinho, Machados e companhia segurança. Ó aí o asfalto quem tem vontade de trabalhar não tem dó quando quer pagar aluguel igual a gente, né? Quem precisa pagar aluguel, água, luz? Eu ficava de segunda a segunda, é sábado, domingo era 100%. Eu ficava de boa, todo mundo falava, né, nossa Cláudia, como é que você pode estar tão feliz? Eu, o que me importa é o dia, quinto dia, o dia útil do mês. Então eu acho que isso que compensa agora para o Machadinho é nossa... É dá medo, porque eu sou muito medrosa, né? Então, assim, trabalhar de segurança para mim não é uma coisa assim que eu gostei. Igual, né, a gente vê usuários ali, é pessoas querendo fazer, né, alguma coisa assim, e eu não tenho coragem de falar assim, ó, não pode. Então isso aí me afetou um pouco, assim, mas é perto da educação, tanto do povo, né de Goiânia? E do asfalto, e o Machadinho em si, nossa Machadinho tinha toda a paciência. Cláudia é assim, Cláudia e não sei o quê. Tanto que ele me colocava em lugares mais fáceis porque eu tinha medo de acontecer alguma coisa e não dar conta, entendeu? Então eu tenho que agradecer. (Participante E. 2023)

Outra questão a ser considerada ao analisar a narrativa da Participante E, consiste no processo de submeter-se a empregos que poderiam oferecer riscos à sua segurança para garantir sua própria subsistência.

Sendo um dos objetivos deste capítulo da dissertação, vale aqui ressaltar diferenças a serem apontadas nas narrativas dos participantes entrevistados devido a fatores

socioeconômicos. Enquanto alguns participantes apresentam em suas narrativas aspectos como trabalho infantil, desigualdade social e trabalhos que oferecem riscos à segurança, outros participantes devido ao seu contexto pessoal e familiar favorecidos, podem ter destacado aspectos da vida política e social de Quirinópolis. Nas palavras da Participante F:

[...] primeiro emprego foi como assessora parlamentar da Hosana Gomides (personalidade política), que tinha acabado de me formar. Na... Na faculdade, né? Aí fui chamada para trabalhar com... apoiar como assessora parlamentar. Então assim eu não. Não lembro a idade, mas eu deveria ter 20, 21, 22 anos no máximo, né? Na Câmara municipal. Era ali na prefeitura, né? É antiga, Câmara. Então assim era ela. Hoje ela não mudou muito, o mudou assim, o formato dela. Não, que ela é aquele símbolo redondo, né? Aí tem a prefeitura, que era o fórum abaixo e a Câmara no meio, então era onde as... Acontecia, fala, é? Os debates políticos é, as questões assim é... Foi muito corrido porque era o meu primeiro emprego mas para mim me deu, deu um grande conhecimento a gente organizar audiências públicas. Particpei de muitas reunião, é questão, assim que para mim era muito desconhecido sobre a comunidade LGBT, então fui criada uma família assim, muito tradicional e tal, então, naquela época, essas questões da comunidade LGBT não era abordada, era muito, muito longe. Então, é como ela... Ela fazia políticas públicas voltada para a população, né? Pra LGBT. Então eu passei a conhecer como que que era a comunidade LGBT, então foi muita quebra de paradigma. (Participante F. 2023)

Outro aspecto a ser considerado é a presença da comunidade LGBTQIA+ em uma narrativa sobre o município de Quirinópolis, seja pela falta de interesse ou por ser considerado um tabu social, pouco se encontra na chamada história oficial de Quirinópolis discussões sobre essa temática. Assim como é narrado pela Participante E propor tais discussões pode resultar numa quebra de paradigmas na escrita da história de Quirinópolis.

A narrativa apresentada pela Participante G refere-se de maneira semelhante as narrativas de outros participantes entrevistados ao abordar a temática do trabalho infantil dado o contexto de dificuldades socioeconômicas. Nas palavras da participante G:

Nossa, eu... Eu era bem novinha mesmo, eu deveria ter o que uns 12, 13 anos eu trabalhei de doméstica. Mas trabalhei muito pouco tempo assim, porque criança, então assim a gente tinha um certo medo. Acabou que eu trabalhei bem pouquinho, mas foi meu primeiro emprego. Daí o que acontece... Eu...Eu entrei na costura, né? Nas confecção desde meus 20 anos, mais ou menos e estou até hoje. Eu trabalhei numa confecção, foi a primeira, deve ter trabalhado o quê? Eu acho que um ano foi... Trabalhei numa confecção de calcinha porque, de primeiro aqui tinha muita confecção de, de calcinha. As calcinhas de malha, sabe? Era o que fazia mais. Aí depois o que aconteceu, veio “Auto Visa” para cá, então assim acabou que foi diminuindo as confecção de calcinha, e aí, e está até hoje “Auto Visa” comandando essa parte. O primeiro, não, o segundo... não, o terceiro não. [...] Aí depois veio a confecção de camisa, né, que eu, que eu trabalhei essa confecção de camisa foi embora daqui, foi para outra cidade e é isso. Atualmente, eu trabalho na... Na Visão, Serigrafia, né? Na confecção de camiseta, já tem mais de 10 anos que eu estou lá. (Participante G. 2023)

Além disso, faz-se possível identificar na narrativa da Participante G transformações econômicas e no comércio de Quirinópolis. Destaca-se através da narrativa a percepção da participante entrevistada que a indústria de produção de roupas íntimas femininas de

Quirinópolis sofreu impacto negativo devido a instalação no comércio local de lojas que vendiam os mesmos produtos mais baratos trazidos de outros Estados.

Assim como os demais participantes da pesquisa, o Participante L foi questionado sobre suas lembranças do trabalho em Quirinópolis-GO. Supõe-se que devido a formação do participante enquanto historiador, o mesmo apresentou um olhar aguçado em relação as transformações das relações de trabalho em paralelo às mudanças econômicas presentes na história do município de Quirinópolis. Nas palavras do Participante L:

[...] 1987 e permaneci 10 meses só e depois eu fui para a Agrovale, da agrovale eu fui lecionar na faculdade de ciência econômicas em Rio Verde e, posteriormente, de... de Rio Verde aí eu vim trabalhar na Center Sul uma cooperativa de eletrificação e telefonia rurais do sudoeste, Goiânia. E hoje, né? É local da... de uma das lojas Lucas supermercado, Lucas aqui na região central de Quirinópolis. [...] há uma diferença na relação de trabalho. Há uma relação muito grande, né? Na questão do mercado de trabalho, Quirinópolis pra jovens, né? Como, digamos, o primeiro emprego porque a década de 1970, 1980 e 1990, mas principalmente a década de 1970... Até os meados da década de 1980, é a atividade industrial. Os maiores empregadores era a prefeitura municipal, né? E a agrovale nos seus inícios, depois é os armazéns, né? as lojas. (Participante L. 2023)

Faz-se presente na narrativa do Participante L o processo de industrialização do município de Quirinópolis, não necessariamente uma mudança do agronegócio para a Indústria, mas uma industrialização do agronegócio, principalmente pela instalação de duas grandes indústrias sucroenergéticas. O participante L continua dizendo:

É a partir da chegada dessas indústrias de açúcar e álcool em Quirinópolis, denominadas usinas aí para os jovens, melhorou bastante naquela época também a qualificação. Não tínhamos. Se quisesse fazer uma qualificação, tínhamos de é partir para cursos, né? Por correspondência ou pelo Senac ou é outros cursos que haviam. O instituto brasileiro me parece que eu num nome que eu me esqueci e a era cursos assim, então muitos, né, se tornaram técnicos, às vezes de rádio e televisão, através de cursos por correspondência, que hoje se chama EAD, né? Mas vinha, era o material escrito pra gente estudar. Então aí que o nosso foi criado o Senac, é... O Sebrae, o Senai. Que isso é tudo ajuda tanto os jovens. É ainda no, no início, né, do seu, da sua preparação para o mercado de trabalho, bem como aqueles que já inseriu no mercado de trabalho. Aí que a gente não contava isso enquanto jovem das na década de 1970 e 1980, até pode-se dizer. (Participante L. 2023)

Desse modo destaca-se na narrativa do Participante entrevistado a percepção do aumento do número de empregos disponíveis para os jovens dispostos a buscar novas qualificações. Além disso o participante L apresentou um foco maior nas qualificações oferecidas pelo chamado Sistema S<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Termo que define o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Fonte: Agência Senado

### 3.3. Percepção: segurança pública

“O bairro em que você vive, pode ser considerado um lugar seguro para viver?”. Essa foi a pergunta norteadora para a construção deste tópico do terceiro capítulo. Diferentes participantes entrevistados vivenciaram nos anos em que residem em Quirinópolis-GO, diferentes experiências quanto a percepção de segurança ou falta desta. Nas palavras do Participante L:

[...] aqui... É, e eu estou referindo ao Independência (Colégio Estadual) porque era uma... É uma escola bem de frente, onde eu vim morar para estudar e meus irmãos também, minhas, meu irmão e minhas irmãs que vieram, era assim, o pessoal, não, não falava que tinha quebrado uma porta, furtado, alguma coisa na escola, né? É, nós tivemos aí por algum tempo, né? A escola construída é colégio estadual Independência, que não havia é nada, não tinha cerca, tinha nada, a pessoa entrava e saía, né aí posteriormente, eles criaram um alambrado de tela, mas também essas telas não... não, as pessoas não escalavam assim para furtrar da escola. Não me tinha isso, né? [...] e essa construção do muro é do colégio Independência me parece que foi... Isso ainda foi na década de 1970. Não tinha muro ali... Depois puseram as... é umas tela, né? Mas era tranquilo e hoje eu vejo que as... as escolas estão com câmeras. número... é aumentou dos muros estão altos e mesmo assim ocorre furtos, né? Aqui na região. (Participante L. 2023)

A percepção construída pelo Participante L traz consigo a imagem saudosista de que o passado era melhor, um sentimento nostálgico da juventude. O próprio Participante L ao ser questionado se a infraestrutura em segurança era uma consequência do aumento do número de roubos, respondeu:

Nos anos 70, sim, a boa tinha muitas residências que ainda era cerca de Arame... Bom, digamos o lote, né? O pessoal punha é cerca de Arame, madeira, cerca de Arame de feira, para ali era o lote, estava cercado. No caso da minha casa aqui era, era placa de muro, né? 3 Placas, mas nós não tínhamos, né? Pessoas pulando aqui assim não. Já no final da década de 1970 já tivemos, né? O desconforto de ladrão entrar é na residência e furtando bomba de cisterna, é... roupas na casa do pessoal da casa que morava. (Participante L. 2023)

A partir disso, pode-se considerar a hipótese de que a sensação de segurança do entrevistado se relaciona ao seu contexto pessoal, do local em que vivia e de suas experiências individuais. Por outro lado, outros participantes da pesquisa como o Participante D apresenta diferenças em sua narrativa ao dizer que:

É razoavelmente seguro, razoavelmente seguro, mas não tão seguro. Lembro atualmente... Atualmente, o problema maior é o problema do... da droga, né? A droga, que é um dos casos mais pontuais na insegurança pública de Quirinópolis ou do Brasil, né? Droga, é a juventude, a juventude que se creio crescendo numa forma descontrolada, descontrolada, sem uma preocupação maior do Estado em, em educa-la, digo o Estado no sentido âmbito da palavra, então traz a insegurança, não é principalmente a droga. (Participante D. 2023)

Nota-se presente na narrativa do Participante D a crítica ao Estado como um dos responsáveis pela falta de sensação de segurança. Assim como outros participantes, o Participante D diz ser o tráfico de drogas ilícitas um dos principais causadores da insegurança urbana. Nas palavras da Participante E:

Pode falar a verdade? pois é a Praça do Circo, quando eu morei, eu morria de medo... nossa, a gente morava na Travessa dos Goianases e igual essa porta e tinha tanto noiado (dependentes químicos) que a gente tinha que pedir dar licença para sair. Dá licença para entrar (na residência). A minha amiga, né? Como eu saí? Eu já ia trabalhar noutro lugar de noite, às vezes de é... auxiliar de cozinha, ela não, ela foi assaltada ela... Era mais, né? De conversar com os meninos e tal. Então ela foi assaltada aí nisso eu já mudei pra outro bairro ali que era Pedra (difícil), Praça do circo, mas era já vindo pra cá. Então ali eu me senti mais segura. (Participante E. 2023)

Ao mesmo tempo em que podemos interpretar que a residência em diferentes bairros possibilitou diferentes narrativas quanto a percepção da segurança urbana, há também participantes que consideram que a violência ou insegurança de forma geral é um fator presente em todos os ambientes da cidade. Nas palavras da Participante B: “Sim, porque nunca teve nada assim aqui, pelo menos aqui dentro da minha casa nunca entraram nem nada. Agora que se... A semana passada teve um acidente aqui na... Rua Frei João Batista prenderam o cara na porta de casa aqui, então assim, violência está geral, né?” (Participante B. 2023)

Há também narrativas sobre a sensação de insegurança urbana que esbarram em aspectos sobre a desigualdade social em bairros considerados periféricos. Nas palavras da Participante H:

[...] o centro antigo que é a rua Rio Preto... Eu me recordo do meu pai assim comentar que vez ou outra aconteceu algum episódio de violência. Eles até relatam de um de um assassinato, né? Que teve lá na praça da Rodoviária da antiga Rodoviária, um fazendeiro é... Conta a história, né, que foi um fazendeiro que matou um ex-funcionário lá só que eu nem recordo o nome. Já vi meus pais contando, mas não sei detalhes. É, mas ali, nesse local onde a minha mãe mora até hoje, ali era complicado. A questão da violência ali é a parte mais crítica da cidade que eles, que era o bairro municipal, que eles chamavam, né, de Macaca, né? Tinha esse apelido, aquele que ele, aquele bairro ali, então assim é, os prostíbulos, né, estavam mais localizados ali onde hoje é Agrovale, o Agrovale, loja 2, ali tinha bastante bares. Não recordo porque a gente não andava para lá, mas eu lembro assim dos relatos, né, da... das pessoas mais antigas da família. (Participante H. 2023)

A partir deste relato, pode-se pensar na hipótese do termo “Macaca” ter se difundido na sociedade quirinopolina entre as décadas de 1970 a 1990 pelo enraizamento do racismo estrutural e a percepção da própria população de que a maioria da população com vulnerabilidade socioeconômica são de pessoas negras e pardas.

#### 3.4. O lazer e a cultura

São nos espaços de expressão cultural e suas diversidades que se realizam as construções identitárias dos moradores dos centros urbanos. Quirinópolis, não é uma exceção. Este tópico do terceiro capítulo buscou através da seguinte questão: “existe algum evento cultural marcante para você?”

Identificar nas narrativas dos participantes entrevistados aspectos que possam ser considerados semelhantes, como um local ou uma festividade específica. Por outro lado, fez-se possível destacar as particularidades de cada sujeito histórico como indivíduo.

Ao ser questionado, o Participante A nos diz que:

[...] sim vários foram marcantes, tinha um festival de rock que chamava, CantaQui As pessoas cantavam suas músicas, que elas tinham escrito, com interpretações de alguns cantores que alguns que tinham escrito a própria música no canto. Aqui tinha um dia especial para os cantores de rock [...] tem os... as coisas que acontecem na UEG são marcantes para mim. Várias, várias situações acadêmicas que podem acontecer lá. (Participante A. 2023)

Destaca-se na narrativa do entrevistado um significativo sentimento de nostalgia pelo evento CantaQui (festival de música) o qual para o Participante A considerando um gosto pessoal teria dado um enfoque maior ao gênero musical do Rock. Outro participante entrevistado também traz em sua narrativa apreço pelo festival de música. Nas palavras da Participante H:

Nossa, sim, a festa da... exposição agropecuária, né? Que é assim a que está na memória dos quirinopolinos. É meu pai, levava gente à tarde no domingo para ver o Rodeio. Então aquilo ali era sagrado, né? Todo ano tem algo que me marcou muito também é... Eu ia com meus irmãos mais velhos, meu irmão mais velho tem diferença de 10 anos, né pra mim e minha irmã de 8. Então assim a gente ia com eles num festival de música que tinha aqui em Quirinópolis. Eu não me lembro o nome, mas era tão bonito, tão lindo nossa saíram tantos talentos naquela época e a princípio, era no ginásio era realizado no ginásio durante a noite e depois, logo quando construí o teatro de arena, né? É esse não é como que fala? Esse festival era realizado lá, lotava vinha banda de fora, a Coisa Mais Linda, tanto é que o Leandro e Leonardo cantaram nesse festival. Eu lembro perfeitamente da fama dele. (Participante H. 2023)

Em sua narrativa a Participante H não tem como foco o festival em si ou o próprio gênero musical, mas sim a percepção de que se insere como testemunha da realização do festival o qual fez parte da construção cultural e identitária dos moradores de Quirinópolis.

Estão presentes também nas narrativas dos participantes entrevistados a aversão a determinados ambientes que devido às particularidades de cada indivíduo podem não ser considerados importantes para o aspecto cultural. Neste sentido a Participante B e o participante D nos dizem que:

Não, não existe mais o que eu gostava de antigamente era a festa das rádios, tinha o showzinho. Era tão bom, mas não existe mais. Aí tudo lá pro lado... Eu não gosto daquele Lago (Lago Sol Poente/parque urbano). Geralmente era na feira ou na feira

ou na Avenida Brasil, nossa, era tão bom, mas fugia da escola... ia muita gente, muita... O seu povo (jovens) gosta de ir no Lago, e a outra não gosta de ir no Lago, eu acho muito perigoso. (Participante B. 2023)

Não, não existe... não! Que existiu cultural, existia era as festas de igrejas, quermesse, os leilões, né? Os leilões que existia nas quermesses. É o que existia. [...] as festas tradicionais e mais nada. Não existiam outras festas, né? Não existiam. A Pracinha não funciona mais, né? Não existe mais circo, não tem parque, então não existe mais... Então acabou. (Participante D. 2023)

Destaca-se na narrativa apresentada pela Participante A certa nostalgia pelas festas realizadas pelas tradicionais transmissoras de programas de rádio em Quirinópolis. Por outro lado, considera que as festas contemporâneas realizadas principalmente no Lago Sol Poente (parque urbano) não são ambientes seguros. O Participante D vai além ao dizer que as tradições culturais (hoje ressignificadas) não existem mais.

As ressignificações estão presentes não somente nos espaços urbanos em que são realizados os eventos culturais. No aspecto religioso e suas ressignificações mesmo as individuais podemos encontrar vestígios das transformações identitárias dos sujeitos históricos envolvidos na história do município de Quirinópolis. Nas palavras do Participante C:

Eu, toda a vida, minha mãe, meu pai, toda vez são muito católico, então nós sempre vinha na, né? Na, nas missa na Igreja Nova matriz, no... na Velha Matriz, na Igreja Santana, são as igrejas que eu mais... É participei de festa, tinha as... as escolas, quadrilha, não é sempre a gente estava um sonho que eu não realizei, que eu tinha vontade, mas nunca realizei, era desfilar no dia 7 de Setembro, essa, infelizmente não desfilei, nunca deu certo de como eu morava na fazenda, então tinha aqueles ensaio todinho, então a gente tinha que vir embora, né? Então esse eu não realizei, mas eu assisti bastante desfile [...] no Eldorado, na AABB. Hoje em dia tem a Pescaroli e eu nunca participei. Por incrível que pareça, eu nunca fui assim nesse lugar. Eu nunca fui até hoje. Nascido e criado em Quirinópolis [...] nesses eventos assim no Lago, eu já fui um punhado de show, sim mas é quando é sertanejo, né? Aqueles som automotivo... Não participo porque é muito perigoso, né? (Participante C. 2023)

[...] eu tenho uma parte minha muito espiritual. Eu... Eu passei a... Não deixei de ser católico, mas eu, eu sou espírita, hoje eu sou, tem muitos anos, eu sou espírita, então eu participo sempre da... do centro lá né, sempre faz festa no centro, então essa sim é contínua, eu faço inclusive segunda-feira. Agora nós vamos fazer a festa de Cosmo e Damião que são, é um Santo da igreja católica, né? Mas que faz parte do... do espiritismo, da religião que eu, que eu frequento de Umbanda. Aí faz muito bolo, muito doce e convida as crianças para levar para elas, para ela participar, né? Que quase na maior protetora das crianças, médico e farmacêutico, então sempre não está nós faz essa festa... É uma festa linda, onde é que os médium incorpora as criancinhas, Intercede um aparelho do médio e vem pra comer uma vez no ano. Aí você leva pipoca, algodão doce, jujuba, Maria mole, doce de leite, pé de moleque. Então são essas. Então são essas comida. As... As entidade indígena que dessas criancinhas? Os indiin gosta muito de Mané pelado. Então são esse tipo de alimento que nós levamos para... A festa de Cosmo e Damião. (Participante C. 2023)

Destaca-se na narrativa do Participante C uma tradição religiosa presente em sua vida desde a infância por influência familiar e uma ressignificação já na vida adulta com a adoção de uma religião de matriz africana expressa no sincretismo religioso.

O festival da Chica Doida presente no segundo capítulo desta dissertação também é visto pelos participantes entrevistados como importante para a valorização das tradições culturais do município. Nas palavras da Participante E:

Tem é? Tenho tudo o que é festa, não sei se é porque eu gosto de Circo, folclore. Eu gosto de... eu fui criada com isso. Então tem o 7 de Setembro, né, que tem a caminhada quando tem essas festas da UEG. Quando tem o festival da Chica Doida, eu... eu se não tiver trabalhando, eu vou. Quando eu vejo alguma coisa do passado, eu gosto de me meter e conhecer. Estou até pensando em fazer História, já eu gosto. A gente tem lembrança, né? É igual acabei de falar para você, não imaginava que ia mexer tanto com o emocional, mas é legal você saber da onde vem, porque todo mundo tem uma história bem ou mal, né? Então é um acervo, né? Ah, porque aquela música e tal. (Participante E. 2023)

Fez-se presente dentre as respostas obtidas, narrativas que dão enfoque ao desfile da Independência em Quirinópolis-GO, na última década realizado no dia 06 de setembro. Nas palavras da Participante G:

[...] ainda são os mesmos... Até hoje... Mas só aperfeiçoando, né? Na verdade, só que que acontece... Os desfiles de primeiro, eu achava que era, era assim mais empolgante, você vê... As apresentações, as escolas criava mais... Mais personagem para apresentar hoje mudou. Mudou hoje, mudou. O que eles fazem? Eles apresentam mais, tipo assim. Como que eu vou usar o termo? Eles apresentam muito os carros descendo carro, eles apresentam muito assim veste as camisetas só com as frases pra... Pra lembrança do que foi antigamente. De primeiro, usava muito... Como é que eu falo? Como é que eu uso, gente?... É tipo assim... De Monteiro Lobato, né? Eles demonstrava muito. Eu não sei usar a palavra. Eu acho que isso aí poderia voltar mais à tona e ia ser mais... mais, mais incentivo para a gente estar vendo. Tipo, os desfiles das escolas melhoraria bastante. (Participante G. 2023)

Na percepção da Participante G as mudanças presentes no desfile tiraram o que a entrevistada considerava parte de sua identidade. Percepção essa também presente na narrativa do Participante I porém ao se referir não somente ao desfile mas também aos Circos itinerantes que tradicionalmente possuem em Quirinópolis-GO um espaço público destinado a instalação e apresentação dos eventos circenses. Nas palavras do Participante I:

Já às vezes gostava muito de... Às vezes tinha era 7 de Setembro. Desfiles, né? Gostava muito de frequentar, de ir nos desfiles ou às vezes até participava, né? Na época da escola, nos desfiles é gostavam muito, é, às vezes é circo na cidade. Quando vinha tinha circo, né? A gente às vezes ia era o que tinha na época pra gente participar de alguma coisa. Era o circo, tinha os parques, falava parquim, parque de diversões. Desde sempre era... era simples, não é como hoje. Os parques de diversões hoje, mas a gente gostava de frequentar. Lembro... Lembro bastante, fui... Fui um circo. Ah, hoje nem no local que ficava hoje nem... nem é uma escola. Hoje em dia, lá é uma escola, mas lembro muito bem na época que o circo ficava muito lá, então ia bastante. Gostava muito de... Eu lembro de um circo, chamava até o nome. Me lembro muito bem do transcontinental. (Participante I. 2023)

De acordo com Rabelo Filho e Caes (2023) a Praça do Circo passou por ressignificações quanto ao seu sentido de existir. Nas palavras dos autores: “[...] nesse caso, o espaço urbano artístico cultural se ressignifica enquanto um espaço de comércio cultural” (p. 16).

Os espaços ressignificados estão presentes nas narrativas dos participantes entrevistados mesmo quando estes não apresentam intencionalidade ao aborda-los. O Participante L considera a Praça Coronel Jacinto Honório como um espaço de atividades culturais natalinas. De acordo com Rabelo Filho e Caes (2023, p. 11):

Com o passar das décadas e as transformações sociais, a praça Coronel Jacintho Honório, onde está localizada a Fonte Sonoro Luminosa passou por algumas ressignificações quanto ao uso social. Se antes a praça era o local onde jovens se encontravam para namorar e as famílias em geral tradicionalmente frequentavam a Igreja e festas religiosas, no ano de 2022 percebe-se que a praça se tornou o espaço onde o poder executivo municipal busca criar o espaço cidadão de comemoração específica do Natal e do ano novo. Um local onde os jovens não vão para namorar, mas sim para tirar selfies e produzir conteúdos digitais com a temática natalina, além disso as famílias em geral levam suas crianças para brincarem no espaço preparado pelo poder público municipal e não mais para a missa de domingo.

Sobre o mesmo tema, é importante destacar as palavras do Participante L:

Olha, um evento cultural, eu acho que esses locais a nossa cidade ainda está carecendo a realmente estabelecer e investir em melhorias continuadas em termos de investimento público mesmo, né? É? Por exemplo, né? Eu penso que isso está ainda a desejar. Eu... Ou seja, que local que realmente eu vou. Talvez essa Praça Coronel Jacinto (Praça Coronel Jacinto Honório), eu vá nos... no Natal, Ano-Novo e tal. Nós temos um teatro Belo. É Quirinópolis, né? Mas, no entanto, eu acho que é, às vezes é, carecia também ao investimento. É um pouco. Um pouco fora? Naquela praça da universidade, poderia ter alguma coisa ali, né? Mais destinada local, né, para é feiras, né culturais, né? E outros eventos do município. E aí, da sociedade em geral, apesar de que o espaço é pequeno, né? Há de considerar isso. É, vejo essas dificuldades em Quirinópolis hoje, né? Em termos de poder público, é o Lago Sol Poente tem lá um local para os shows artísticos, mas eu não sei se é a minha geração ou... ou tem uma impressão, né? Que não é um local, assim que as pessoas é no geral, né? As pessoas que já são aí e que têm mais de 40 anos que gostam de ir para lá para assistir shows. Tá? O parque de exposição de Quirinópolis foi é... Um local às vezes disso, mas é uma instituição privada, particular. É o poder público, sempre tem algum embaraço em ajudar naquilo ali, né? Porque não pertence ao município de Quirinópolis, tá no, na cidade, mas não pertence, é particular, é de proprietário de Terra, arrendatário de Terra, que é o sindicato rural, né, de produtores. Então acho que assim é, nós merecemos e precisamos de um local pra isso. Para as feiras, para esses shows artísticos. (Participante L. 2023)

Faz-se presente na narrativa apresentada pelo Participante L uma enfática crítica histórica ao poder público municipal, o qual o participante vem testemunhando desde a década de 1960. A crítica está associada a realização de festas públicas em parte financiadas pelo poder público municipal e que na prática beneficia o Sindicato Rural de Quirinópolis o qual cede o espaço para a realização de diversas festividades culturais.

### 3.5. Paisagens e lugares de Memórias

“Para você, existe algum local que na sua visão pode ser considerado histórico para Quirinópolis?” A partir desta pergunta norteadora foi possível obter dos Participantes entrevistados nesta pesquisa diversas narrativas dotadas de semelhanças e diferenças. Nas palavras do Participante A:

[...] parte histórica que temos na... na cidade, lógico o Teatro municipal, na época que ele foi feito, ele ficou em quinto lugar em construção arquitetônica Moderna no estado de Goiás. Interessantíssimo o espaço ali e ele ficou em 20º no país. Para mim, todavia, espetacular. Tem as igrejas, né? Que são... são pontos históricos também. (Participante A. 2023)

Para ser considerado um local histórico ou como chamamos aqui um Lugar de Memória, não necessariamente precisa ser construído em nome de grandes líderes políticos ou mesmo fazer parte da história de eventos culturais. Alguns símbolos que estão presentes nas paisagens consideradas pelos moradores como algo pertencente ao lugar em que vivem podem se tornar símbolos de identificação e lugares de memórias diversas. Nas palavras do Participante A:

Aqui na cidade tinha uma árvore na entrada, que é uma era uma Gameleira (Figura 14) enorme de galhos muito grandes, ficava de acordo com o percurso que você estivesse entrando do lado direito, muito grossa. E, para mim, aquilo ali é um símbolo histórico da cidade. Quantos anos tem aquela árvore? Não sei, 80? Será que é mais antiga do que a cidade dos centros? 200? Não sei. Mas eram sem sombras de dúvida a coisa mais histórica que tínhamos nessa cidade e um organismo vivo. (Participante A. 2023)

**Figura 14:** Antiga Gameleira localizada próxima a entrada de Quirinópolis (GO) - 2022



**Fonte:** Webpágina Silvinho do meio ambiente/2022

A Gameleira presente na narrativa do Participante A e na Figura 14 foi derrubada no ano de 2023 com a alegação de que seria necessário para a instalação de uma rede de cabos de distribuição de energia elétrica. O corte da grande e antiga árvore foi testemunhado por grupos

de moradores que foram até o local para protestar e também nas redes sociais onde diversos usuários comentaram seu descontentamento.

Dentre as narrativas dos Participantes entrevistados, tornou-se presente de forma a torná-las semelhantes a presença de espaços urbanos que correspondem aos primeiros núcleos formados ainda no início do século XX. A Igreja Velha Matriz, o Museu Histórico Municipal e a Praça Coronel Jacintho Honório. Nas palavras da Participante B:

Primeira igreja da cidade, Museu e ouvi falar que vão reformar. Não sei se é verdade. Retiraram ele de lá. a igreja e a praça para mim, é a mais antiga, assim que A gente sabe que foi a primeira, que é a Matriz, veio depois (Nova Matriz), já foi reformada várias vezes. O centro de Quirinópolis também acho que eles modificaram e tiram um pouco da história também. (Participante B. 2023)

Destaca-se a percepção dos Participantes entrevistados quanto ao que os mesmos reivindicam como uma descaracterização dos espaços que consideram por diversos motivos históricos. Nas palavras do Participante C:

Tem a igreja velha matriz. Hoje em dia não funciona o meu, o meu objetivo primeiramente quando eu comecei na História (UEG/Câmpus sudoeste) era elaborar um projeto e na prefeitura e pelo menos uma vez no ano, na época junina, era se conseguir fazer aquela praça eu... É a praça da Velha Matriz, ele é funcionário, não sei se você tem oportunidade de ver lá tinha uns 4 lá de baixo [...] praça dos patos até do entendimento. E tinha a fonte luminosa (Figura 15), jogava, jorrava luz já funcionava, vermelha, azul, vermelho. Aliás, era a coisa Mais Linda que tem e esse vai ficar gravado na minha mente por eternidade... Eu tentei já até hoje... É alguém tivesse gravação. Eu tinha. Da última vez que ela funcionou, eu tinha filmagem, mas como meu telefone quebrou e meu cartão de memória eu não sei onde ele foi parar, então eu perdi. (Participante C. 2023)

**Figura 15:** Praça Coronel Jacintho Onório/Fonte Luminosa - 2024



**Fonte:** Acervo pessoal de Ruy Carlos Rabelo Filho

Ao analisar as narrativas dos participantes entrevistados nota-se que mesmo de maneira não intencional os próprios narradores concebem as ressignificações de seus Lugares de

Memórias como algo que vem ocorrendo por diversos contextos sociais ao longo da história de Quirinópolis. Nas palavras do Participante D:

Ah, existe... Existe sim um lugar histórico para a cidade, que inclusive, está abandonado mas tem uma rua que chama José Melgaço da Fonseca, é uma rua em homenagem a José Melgaço da Fonseca, que me parece que foi o primeiro médico charlatão de Quirinópolis. [...] charlatão, porque não tinha diploma, e ele tinha o comércio, me parece que ele tinha um comércio. Eu não sei precisar, eu sei onde era... Era ali onde o Museu histórico (Figura 16) ali eram Armazém do Zé Melgaço ele era sócio do Hércules Lima, Hércules Lima. Aquele ponto ali é histórico, aquela casa ali é histórica, onde é um museu, está abandonado há 3 anos, acabando o ruído pelo cupim, acabando ali é um ponto histórico de Quirinópolis. Na década de 30 para 40, aí tornou-se museu. Agora tirou tudo de lá e jogou lá para cima. Alugou outra casa e o museu está abandonado a ser destruído pelos cupins. Inclusive com isto aqui tinha um coreto um coreto na Pracinha, São Sebastião tinha um coreto [...] o coreto foi feito em 1930. Coreto é onde as bandas juntaram de domingo para tocar. (Participante D. 2023)

**Figura 16:** Museu Histórico de Quirinópolis - 2023



**Fonte:** Acervo pessoal de Ruy Carlos Rabelo Filho

Por mais semelhantes que as narrativas possam parecer num primeiro olhar, ao analisarmos as motivações e intencionalidades dos participantes entrevistados ao escolherem narrar seus Lugares de Memórias percebemos que individualmente cada narrador possui suas próprias lembranças marcantes que podem ter tornado tais locais importantes para si. Nas palavras dos participantes E, F e G:

[...] ah, o continuar abatendo a tecla na minha velha matriz. Vixe, agora eu vou chorar feia, hein? Eu tenho uma amiga de Caçu e o pai dela faleceu e a missa de corpo presente foi ali, eu não passo o Natal na casa dos outros, eu não gosto e o primeiro Natal que eu passei foi com eles e seu Laerte, né? Tinha litrão, sobrado de um casamento, ele falava assim, bora beber Claudinha, bora beber? E eu então, a missa de corpo presente. Ali eu fui embora... É, não aguentei, não eu não conseguia nem andar. Assim, para muita gente que eu converso, no telefone e tal, falou, gente, a matriz, a velha matriz, é linda, não desmereço a Igreja nova, mas a Velha Matriz tem história para mim. (Participante E. 2023)

Faz-se presente na narrativa da Participante E a perda de um amigo como um possível fator motivador para a escolha de seu Lugar de Memória.

Ah, sim, é Velha Matriz lá que é uma casa lá do seu Jacó. Aquele lugar é um lugar que é histórico de Quirinópolis, não tem? A fonte, né? Aquele lugar é deveria, assim é estar é ter música, tem aquela que antigamente tinha um jogo de luzes que acompanhavam o ritmo do som, então era todo... Uma coisa assim muito interessante que ela fonte é a Música tocava e tinha um jogo de luzes, e ela seguia o movimento da música, então era muito interessante para mim, havia aquele em torno ali da velha da Igreja Velha Matriz é o da história... É o museu histórico, aquilo ali é a parte mais antiga da cidade. (Participante F. 2023)

Por outro lado, o Participante F refere-se a beleza da Fonte Sonora luminosa possivelmente por se lembrar de bons momentos e de sua beleza.

Histórico? Eu considero a praça Coronel Jacinto, que é considerada como a praça dos patos. Deu esse nome porque lá na praça tem uma casinha lá na... Na praça, né? E por baixo dessa casinha tinha uma água e essa água era cheia de patinho. Aí foi considerada a praça dos patos. Ela tá diferente porque hoje não tem aquela água mais, não tem os patinhos mais. Eu não sei, eu acho que só que hoje que não, mas mesmo assim, naquela época ainda tinham a coisa de água (Fonte Luminosa) lá na frente, colorida até hoje tem. Para chamar a atenção, né? Agora, os patinhos eu não sei porque que tiraram, mas era um incentivo até para as crianças, né?. (Participante G. 2023)

A Participante G enfatiza no mesmo Lugar de Memória, porém com outra perspectiva, a presença no passado de patos na Praça Coronel Jacintho Honório onde está localizada a Fonte Luminosa e que se situa a frente da Igreja Velha Matriz. O Participante I, apesar de também destacar o antigo centro histórico de Quirinópolis, traz em sua narrativa outro elemento ainda não mencionado. Nas palavras do Participante I:

[...] a praça, né? Da fonte luminosa, eu considero histórico que, né, cresci ali e ainda hoje eu considero sim, né? Histórico lembro muito bem da Rodoviária, estação Rodoviária quando foi inaugurada, também li. Estive na inauguração. O estádio, também estádio de futebol, naquela época era uns campinho de... de Terra. Eu lembro muito bem quando fez o estádio (Figura 17), fui na inauguração também. Considero, né, o lugar histórico para Quirinópolis. (Participante I. 2023)

**Figura 17:** Evento beneficente no Estádio Municipal Bichinho Vieira - década de 1980



**Fonte:** Museu Histórico de Quirinópolis-GO

Está presente na narrativa apresentada pelo Participante I o terminal rodoviário onde se estabelecem boas vindas e despedidas de amigos e familiares tornando-se assim um Lugar de Memória para os envolvidos. Além disso faz-se presente na narrativa o Estádio Municipal Bichinho Vieira o qual entre as décadas de 1980 e 1990 foi palco de jogos das divisões de acesso do Campeonato goiano de futebol.

O Participante L, historiador e professor de História da educação básica, apresenta em sua narrativa um olhar crítico quanto aos lugares considerados por ele históricos. Nas palavras do Participante L:

Infelizmente, os lugares históricos de Quirinópolis foram reformados e que tirou, né? A performance do prédio, os prédios ou do ambiente é uma pena nós não termos, né? O prédio da escola estadual Ricardo Campos (Figura 18), ficava ali na Quadra da AABB, né? Então Quirinópolis perdeu muito em ter tirado aquilo dali.

**Figura 18:** Escola Ricardo Campos - década de 1960



**Fonte:** Webjornal NossaTV

Nesse momento as críticas enquanto historiador (Participante L) misturam-se ao sentimento nostálgico de ter sido estudante na antiga escola, hoje não mais presente fisicamente. Mesmo não estando estruturalmente presente, a Escola Ricardo Campos vê-se presente na memória daqueles que a testemunharam em pleno funcionamento. O Participante L segue sua narrativa:

Digamos, bem público, é a praça, coronel Jacintho, eu acho que a praça coronel Jacintho nós já tivemos ali, prefeitura, fórum, banco, né? Escola próxima a igreja católica. De que está ali a... Matriz, né? Construída no início do século 20. Então, para mim, aquilo ali é uma coisa que deveria ainda zelar mais, aquilo ali né? Ela foi construída na administração do prefeito Joaquim Quirino, né? E que a me parece que foi a primeira praça urbanizada com infraestrutura, né? De municipal, de Quirinópolis é aquela, né? Na administração do prefeito Joaquim Quirino, em 1958. Então nós estamos é já no ano de 2024, a 66 anos, né? Que vai passando, né? A existência

daquela praça que o poder público, né, realmente olhou para aquilo ali, para que se tornasse uma referência da cidade. (Participante L. 2023)

O primeiro núcleo urbano da cidade de Quirinópolis possui na narrativa e na percepção das lembranças do Participante entrevistado a Praça Coronel Jacintho Honório como um ponto de referência, uma gênese do que viria a ser a cidade de Quirinópolis ao longo de sua história.

As narrativas dos participantes demonstram a riqueza e a complexidade da experiência humana, revelando como as histórias de vida são construídas em diálogo com os contextos sociais e culturais. As semelhanças e diferenças encontradas nas narrativas evidenciam a importância de considerar as particularidades de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que apontam para experiências compartilhadas que podem contribuir para a construção de um sentido de comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo possuiu como foco central a cidade de Quirinópolis-GO por uma abordagem interdisciplinar entre os campos de pesquisa em história das cidades ou “história cultural do urbano” sobre as configurações dos espaços ocupados pelos seres humanos.

A pergunta norteadora deste estudo desde a elaboração do projeto inicial consistiu em compreender a relação entre a construção da identidade cultural dos moradores e os impactos causados pelas transformações espaciais e reconfigurações culturais associadas ao crescimento populacional proporcionado pelo desenvolvimento econômico e pelo estabelecimento de migrantes ao longo da história da cidade de Quirinópolis-GO.

Levando em consideração a hipótese inicial do presente estudo, acreditava-se que durante a realização da pesquisa de campo e da análise das narrativas obtidas haveria a constatação do esquecimento por parte dos antigos e novos moradores do que no passado (últimos 30 anos) era considerado importante para a história e identidade do município de Quirinópolis.

Buscando chegar a resposta para este questionamento fez-se necessário a elaboração do projeto de pesquisa o qual previu objetivos específicos para que fosse possível a concretização do objetivo central deste estudo que consistiu em construir um conhecimento atual da história da cidade de Quirinópolis a partir da coleta de relatos e memórias, por meio de entrevistas com diferentes participantes da pesquisa e da história da cidade, tendo como finalidade a obtenção de

diversas versões e percepções do mesmo fenômeno: as transformações no espaço urbano da cidade e seus impactos na história e na identidade do município.

No primeiro capítulo da presente dissertação, levando em consideração o cumprimento dos objetivos propostos neste estudo, fez-se a revisão e reflexão acerca da bibliografia sobre o campo de pesquisa da história das cidades. Desse modo fez-se no primeiro capítulo as discussões sobre as possibilidades de se estudar a história das cidades e suas características, a organização e ocupação dos espaços das cidades e a perspectiva das memórias na história das cidades brasileiras possibilitando a ligação direta ao segundo e terceiro capítulos.

O primeiro objetivo específico concretizado na produção do segundo capítulo da presente dissertação consistiu em realizar a revisão bibliográfica sobre os estudos acadêmicos, históricos e geográficos, já realizados sobre o município de Quirinópolis visando um diálogo com os textos presentes na coleção *Mãos e olhares diferentes* (Urzedo, 2010; 2012).

Fez-se possível destacar no segundo capítulo desta dissertação a retomada histórica dos processos de povoamento do atual município de Quirinópolis e nesse contexto a presença de pessoas negras escravizadas e seus descendentes os quais são apagados da chamada história oficial do município de Quirinópolis. Além disso, fez-se possível no segundo capítulo da presente dissertação identificar nos textos presentes na coleção *Mãos e olhares diferentes* (URZEDO. 2010; 2012) ondas migratórias de famílias que migraram para Quirinópolis-GO por diferentes motivações fazendo com que o município em questão possa ser considerado uma zona de interseção de migrantes vindos de diversas regiões do Brasil e também de outros países. Fez-se possível também no primeiro capítulo fazer uma breve reflexão sobre a resistência camponesa na região da Pedra Lisa na zona rural de Quirinópolis.

Ainda no segundo capítulo da presente dissertação, fez-se possível identificar na coleção *Mãos e olhares diferentes* (Urzedo, 2010; 2012), relatos de famílias de japonesas e descendentes os quais a partir da reflexão em Salim (1986) fez-se possível considerar a relação destas famílias ao Programa de Cooperação Nipo-brasileira para o desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER). Além disso faz-se também presente no segundo capítulo a elaboração reflexiva sobre a trajetória de desenvolvimento econômico do município de Quirinópolis e as consequentes expansões urbanas e populacionais ao longo da história do município em questão.

Realizou-se também no segundo capítulo da presente dissertação, reflexões sobre narrativas presentes na coleção *Mãos e olhares diferentes* (Urzedo, 2010; 2012) e sobre as práticas de festividades culturais no município de Quirinópolis.

No terceiro capítulo da presente dissertação realizou-se a parte principal desta pesquisa a qual consistiu em realizar as reflexões e análises dos dados qualitativos (narrativas dos participantes entrevistados) de maneira que identificou-se nas narrativas dos participantes entrevistados semelhanças e diferenças quanto a percepção dos participantes do fenômeno vivenciado por todos eles em diferentes contextos do nível pessoal e social, o desenvolvimento e as transformações do espaço urbano da cidade de Quirinópolis ao longo de sua história.

Para isso realizou-se após a aprovação do comitê de ética, a realização de entrevistas semiestruturadas, as anotações no caderno de campo, o processo de transcrição das entrevistas utilizando-se do método de trabalho com fontes audíveis da História Oral.

Feita as análises, discussões e reflexões dos dados qualitativos no terceiro capítulo, pode-se chegar a algumas observações. Se a hipótese inicial era de que os moradores de Quirinópolis, antigos e novos se deparariam com o esquecimento de seus simbolismos culturais e a percepção da desconfiguração dos chamados lugares de memórias, podemos considerar que esta hipótese inicial se mostrou parcialmente correta.

Quanto ao que considerou-se como um acerto da hipótese proposta ao início da pesquisa destacamos que muitos dos entrevistados, dados seus contextos específicos se depararam em determinados momentos da construção de suas narrativas no decorrer das entrevistas com o esquecimento ao que em alguns casos aparentaram-se frustrados com o esquecimento e lamentaram como a perda de algo que para os participantes entrevistados teria certo valor identitário emocional, como esquecer o nome de ruas que marcaram suas infâncias, a incerteza de quando os fatos ocorreram, dentre outros aspectos apresentados com mais detalhes ao longo do terceiro capítulo.

Por outro lado, a hipótese inicialmente levantada mostrou-se errada ao considerar que tal esquecimento por parte dos entrevistados resultaria numa possível perda de identidade cultural. O que de fato constatou-se na análise dos dados qualitativos (narrativas) foram semelhanças contidas em narrativas de diferentes moradores os quais nasceram em diferentes anos ou até mesmo migraram para Quirinópolis por diferentes motivos. O que se pode destacar é que por estarem inseridos em uma sociedade em constantes transformações estes indivíduos (Participantes entrevistados) interagem entre si e de forma consciente ou inconsciente constroem juntos uma narrativa histórica social compartilhada dentre os moradores de forma oral e transmitida e retransmitida nos ambientes domésticos, públicos, empresariais, de lazer e tantos outros que permeiam a vida em sociedade.

Acredita-se que este estudo possa ter contribuído para uma reflexão sobre a história da cidade de Quirinópolis - GO por outros pontos de vista, além das abordagens que já existiam, e

para o campo de estudos interdisciplinares da história cultural das cidades e dos espaços urbanos dotados de configurações e reconfigurações. Além disso, reabre-se aqui inúmeras novas possibilidades de pesquisas em diversos campos da história que possam ter em Quirinópolis-GO como seu foco.

Há muitas abordagens possíveis ao pesquisar a história do município em questão, muitos sujeitos históricos contemporâneos ou presentes em fontes históricas do passado aguardando sua vez de narrar a história de Quirinópolis sob seus pontos de vista. Por fim, espera-se que este trabalho possa motivar e inspirar outros tantos pesquisadores a explorarem as inúmeras possibilidades de pesquisas que se apresentam diante desta temática e deste objeto de estudos que é o município de Quirinópolis, estado de Goiás.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABREU, Mauricio de Almeida. Cidades: espacialidades e temporalidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org) **Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I**, vol. 14, Porto, 1998, p. 77-97.

ANDRADE, Wesley Lima de. **Catolicismo popular: práticas e apropriações em Quirinópolis de 1943 a 1997**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (PPGH UFU). Uberlândia - MG. 2012.

AZEVEDO, Gilson Xavier de; LEMOS, Carolina Teles. **“Benzei-os, meu Pai. Benzei-os”**: as representações de cura de benzedeiros no meio urbano da cidade de Quirinópolis, GO. **REVER**, v. 20, n. 2. São Paulo. 2020.

BALDIN, Rafael. Sobre o conceito de paisagem geográfica. **Paisagem, Ambiente: Ensaios**, v. 32, n. 47. São Paulo, 2021.

BARROS, José D'Assunção. Espaço, território, região – pressupostos metodológicos. **Colóquio Baiano Tempos, Espaços e Representações: abordagens geográficas e históricas** - ISSN 2359-1218, Vol. 1, N. 1 (2013)

BARROS, José D'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.460-475, Jul/Dez 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Sociedades do antigo oriente próximo**. São Paulo: Ática, 1988.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, Editora Unesp, 2001.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Editora das Américas, 1961. (utilizamos a versão digitalizada disponibilizada pela Le Livros pelo site: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclclefindmkaj/https://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A-Cidade-Antiga-Fustel-de-Coulanges.pdf>)

DIAS, Maiara dos Santos. **Geografia história, cidade e memória: narrativas que revelam a formação territorial de Itabatã (BA)**. Dissertação. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Vitória (ES), 2019.

GOIÁS. **Lei Estadual de Goiás Nº 21.307, de 12 de abril de 2022**. Goiânia-GO. 2022. <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581071/4/Pesquisa%20Qualitativa.pdf>, acesso em novembro 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010 - 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

JÚNIOR, Rafael Alves Pinto. **O sudoeste de Goiás como território de fronteira: a colonização do Certão do Gentio Cayapó (1830 - 1900)**. Rev. Hist. UEG - Anápolis, v.4, n.2, p. 37-61, ago./dez. 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1990. (texto em pdf.)

LIMA, Márcia Cristina Senra Marinho de. **Cidade, identidade e os lugares de memória**. Revista Unimontes Científica, v. 14, n. 2, 2012.

LIMA, Mirtes Ferreira de Freitas. **O Catira e a tradição em Quirinópolis: uma prática cultural (1920-2008)**. Dissertação (Mestrado em História) - PPHIST, Pontifícia Universidade Católica De Goiás-PUC GO. Goiânia. 2016.

LIMONAD, Ester. **Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização**. GEOgraphia, ano 1, n. 1, 1999.

MATA, Sérgio da. **Chão de Deus: catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil**. Séculos XVIII-XIX. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MIOTO, Regina Célia Tamasso; NUNES, Renata; MORAES, Patrícia Macarini; HORST, Claudio Henrique Miranda. **O Familismo Na Política Social: Aproximações Com As Bases Da Formação Sócio-histórica Brasileira**. XVI ENPESS. UFES. Vitória - ES. 2018.

MONTE-MÓR, Roberto Luis. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba. N. 111. p. 9-18. Jul/dez. 2006.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTA, Fátima Alcídia Costa. **Imigração japonesa em Goiás: a colônia ou a ilusão do cerrado?**. UFG. Goiânia. 1992.

NEVES, Paracy Corrêa. **A formação do espaço urbano de Quirinópolis: uma possibilidade histórica de 1832 A 2010**. Dissertação (Mestrado em História) - PPHIST, Pontifícia Universidade Católica De Goiás-PUC GO. Goiânia. 2012.

NOGUEIRA, Wanderléia Silva. **A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis: lugar de memória 1918-2010**. Dissertação (Mestrado em História) - PPHIST, Pontifícia Universidade Católica De Goiás-PUC GO. Goiânia-GO. 2011.

NOGUEIRA, Wanderléia Silva. **Os Lugares de Memória na Cidade de Quirinópolis - GO: Implicação Identitária 1945 A 2000**. II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG. Goiânia-GO. 2009.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, n. 10, dez 1993. Tradução de Yara Aun Houry.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. [on-line]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. 146 p. ISBN 978-85-7982-001-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ORTEGOSA, Sandra Mara. **Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar**. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/10.112/30> arquitextos ISSN 1809-6298 112,07, ano 10, set. 2009. Acesso em jan 2024.

PASCOAL, Luiz Mário Lustosa; AMARO, Cristiane Araújo. **Relatório Institucional Suporte à decisão para outorga de águas superficiais na bacia hidrográfica do rio Paranaíba no estado de Goiás**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. 2019.

PEREIRA, Elizângela Rodrigues; SANTOS, Terezinha Gregório dos. **Um passeio pela história de Quirinópolis: aspectos políticos e econômicos**. p. 169-178. In: NOGUEIRA, Wanderléia Silva. Memória e Imagem um “regaste” cultural. ISBN: 978-85-911906-0-7. UEG. Quirinópolis - GO. 2010.

PEREIRA, Iracy da Conceição; RIBEIRO, Marcos Vinicius; RILKO, Ruth Borges. **A Resistência Camponesa Na Comunidade Da Pedra Lisa, Quirinópolis-GO**. REVISTA MIRANTE, Anápolis (GO), v. 10, n. 3 (edição especial), ago. 2017. ISSN 19814089.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ – textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, V. II, nº4. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul./Dez 2005.

PRATA, Maria Catharina Reis Queiroz. **As pedras da memória: patrimônio urbano e cultural em Campos dos Goytacazes**. Patrimônio e Memória, Assis (SP), vol. 16, n. 2, 444-468, julho/dezembro 2020.

QUIRINÓPOLIS. **Lei Municipal Nº 3.314 do dia 22 março do ano de 2019**. Quirinópolis-GO. 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Antônio Souza. **Dicionário das crises e das alternativas: Multiculturalismo**. Centro de estudos sociais. Universidade de Coimbra. 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

SALIM, Celso Amorim. **As políticas econômica e tecnológica para o desenvolvimento agrário das áreas de Cerrado no Brasil: avaliação e perspectivas**. Cad. Dif. Tecnol. Brasília. 1986.

SANTOS Jean Carlos Vieira; CLEMENTE, Renata Dias Borges. **Um Caminho Urbano, Suas Edificações E Comércio No Interior De Goiás: A Tradicional Rua Rio Preto**. Revista Percurso - NEMO. ISSN: 2177- 3300 Maringá, v. 9, n. 1 , p. 41- 68, 2017.

SANTOS, Gilberto Celestino dos. **Análise da dinâmica territorial de Quirinópolis-GO- 1960 a 2010**. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia-GO. 2011.

SANTOS, Jean Carlos Vieira; CARDOSO, Kellen Ferreira. **Uma Cidade, Um Cenário Do Agronegócio E Suas Empresas Hoteleiras**. Geografia em questão. ISSN 2178-0234. V.13, N. 03. 2020

SANTOS, Marcelo de Paula; SILVA, Priscila Vieira da; SOUZA, Edevaldo Aparecido de. **Retorno para o campo: a agricultura familiar camponesa para comercialização nas Feiras Livres de Quirinópolis-GO/2016**. REVISTA MIRANTE, Anápolis (GO), v. 10, n. 3 (edição especial), ago. 2017. ISSN 19814089.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, Rafael Marcon dos. **Ressignificações socioculturais nas comunidades tradicionais do Salgado e Pedra Lisa em Quirinópolis (GO)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás/Campus Cora Coralina. Goiás-GO. 2023.

SILVA, Flávia Rosa de Moraes. **Os Causos em Quirinópolis: práticas e representações culturais (1940-1970)**. Dissertação (Mestrado em História) - PPHIST, Pontifícia Universidade Católica De Goiás-PUC GO. Goiânia-GO. 2010.

SOUZA, Edevaldo Aparecido. **O Território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana de açúcar em Quirinópolis-GO**. Tese (Doutorado)

SOUZA, Edevaldo Aparecido; SANTOS, Rosselvelt José. **Trabalho e precarização do trabalhador na produção agroenergética de Quirinópolis-GO**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas/MS – nº 13 – Ano 8, Maio 2011.

SOUZA, Meriti. **Mito fundador, narrativas e história oficial: representações identitárias na cultura brasileira**. Anais Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

TOLEDO, Luciano Augusto, SHIAISHI, Guilherme de Farias. **Estudos de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso**. Revista da FAE, Curitiba, v.12, n.1, p.103-119, jan./jun. 2009.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **As metamorfoses do conceito de cidade**. Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015.

VERNAGLIA, Taís Verônica C. **Pesquisa Qualitativa**. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, PPGSTEH, Mestrado Profissional, Unirio.

#### **Sites consultados:**

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/quirinopolis.html>;

<https://quirinopolis.go.gov.br/nossa-cidade/>

BRASIL. **Sistema S**. IE: <https://www12.senado.leg.br/noticias>. Acesso em 06/2024.

#### **FONTES:**

A, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 95 minutos.

B, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2024. 26 minutos.

C, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 58 minutos.

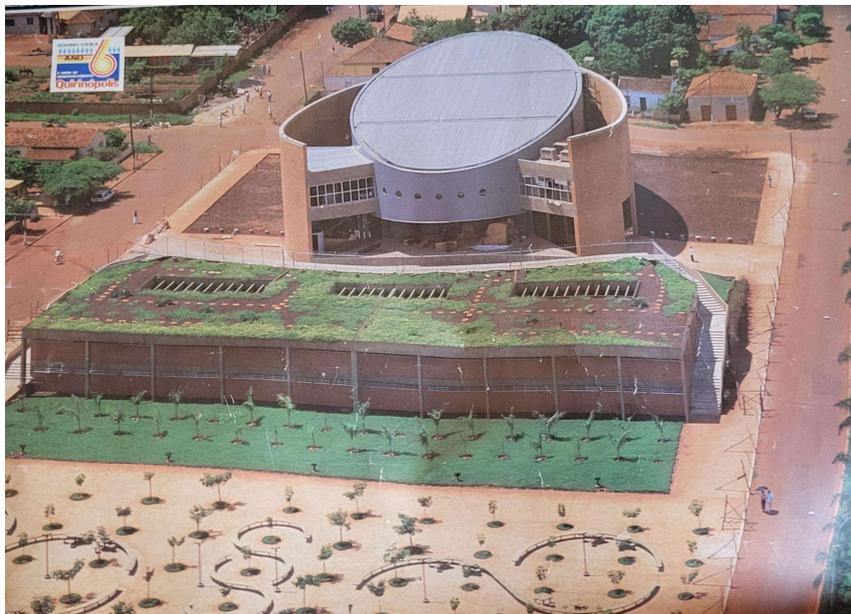
D, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 97 minutos.

- E, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2024. 26 minutos.
- F, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 45 minutos.
- G, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 17 minutos.
- H, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 40 minutos.
- I, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 16 minutos.
- J, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2023. 19 minutos.
- K, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2024. 10 minutos.
- L, Participante. Depoimento. Entrevistador: Ruy Carlos Rabelo Filho. 2024. 48 minutos.

APÊNDICES:

FOTOGRAFIAS:

Vista aérea do Teatro Municipal Sodino Vieira de Carvalho - s/d



FONTE: Museu Histórico de Quirinópolis-GO

Estabelecimento comercial de José Melgaço da Fonseca, hoje rua José Melgaço da Fonseca - s/d



FONTE: Museu Histórico de Quirinópolis-GO

**Escultura em homenagem ao prato Chica Doída localizada na entrada da cidade - 2023**



**FONTE: Webjornal NossaTV**

**Vista aérea da Praça Coronel Jacintho Honório onde se localiza a Fonte Sonora luminosa e ao lado a Igreja Velha Matriz - 2022**



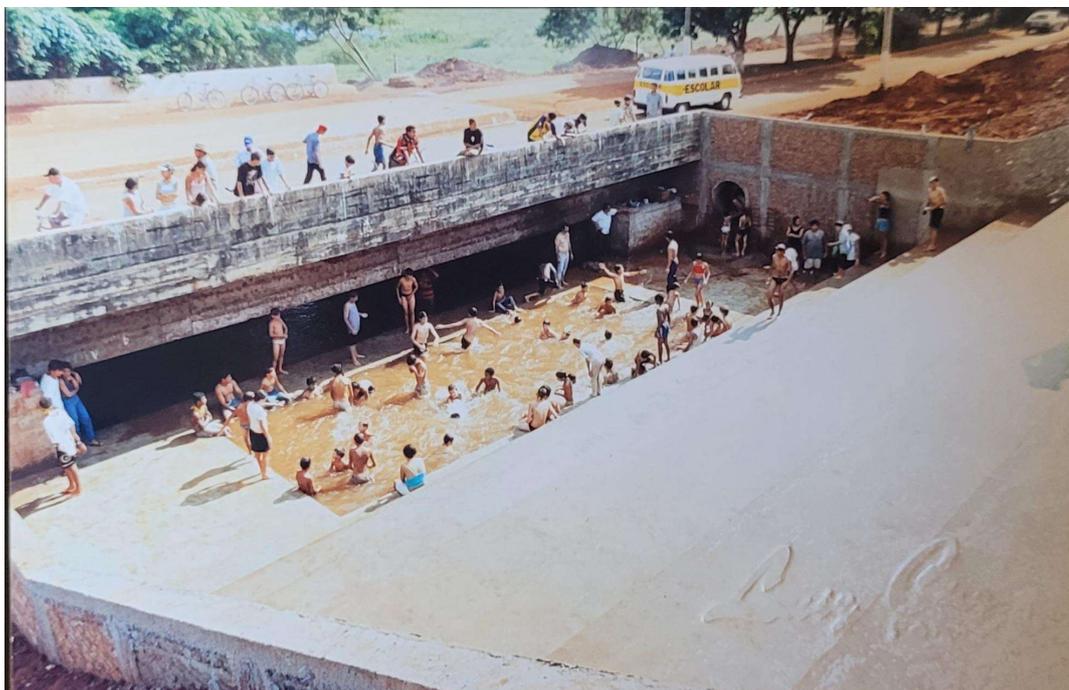
**FONTE: Webjornal NossaTV**

**Bairro Conjunto Rio Preto e ao fundo, estádio Bichinho Vieira - década de 1980**



**FONTE: Museu Histórico de Quirinópolis-GO**

**Moradores de Quirinópolis em pequeno reservatório de água em meio às obras de construção do parque urbano Lago Sol Poente s/d**



**FONTE: Museu Histórico de Quirinópolis-GO**